

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

GLAUCIANE APARECIDA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM *LEITE DERRAMADO*,
DE CHICO BUARQUE**

Belo Horizonte
2017

GLAUCIANE APARECIDA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM *LEITE DERRAMADO*,
DE CHICO BUARQUE**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários. Área de Concentração: Literatura Brasileira. Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury

Belo Horizonte
2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

Santos, Glauciane Aparecida dos .

B9171.Yls-a A representação do negro em Leite derramado, de Chico Buarque [manuscrito] / Glauciane Aparecida dos Santos. – 2017.

137 f., enc.

Orientadora: Maria Zilda Ferreira Cury.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 131-137.

1. Buarque, Chico, 1944-. – Leite derramado – Crítica e interpretação – Teses. 2. Memória na literatura – Teses. 3. Negros na literatura – Teses. 4. Literatura brasileira – História e crítica – Teses. I. Cury, Maria Zilda Ferreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.341

Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos [...]. Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob a terra... (FANON, 2008, p. 56).

Agradecimentos

Agradeço ao “Deus que dá vida aos mortos e chama existência coisas que não existem como se existissem”. A minha família, aos meus pais, José Antonio dos Santos e Cleusa Casemira dos Santos, aos meus irmãos, aos meus quatro amados sobrinhos, e aos demais parentes, meus sinceros agradecimentos, principalmente por compreenderem minha ausência nestes últimos anos. Aos colegas acadêmicos, obrigada. Aos amigos, aos meus irmãos de jornada espiritual da ICIBH, obrigada pelas orações e encorajamento. Amo cada um de vocês!

Agradeço à Professora Dra. Maria Zilda Ferreira Cury por instigar-me. Obrigada pela paciência com sua orientanda nesse percurso, tenho consciência de que me tornei uma pesquisadora audaciosa com suas intervenções e questionamentos.

Agradeço à professora Dra. Ana Maria Clark Peres por apresentar-me aos romances e canções de Chico Buarque por meio da disciplina, “Estudos Temáticos de Literatura Comparada; o percurso de Chico Buarque: das canções à ficção”, ministrada por esta no ano de 2011.

Agradeço a todos componentes do grupo de pesquisa NEIA (Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade) localizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em especial ao professor Dr. Eduardo de Assis Duarte, a Rafaela Vipper, ao Harion Costa e a Cátia Maringolo. Ao Gustavo Tanus, pelo auxílio e pela partilha das angústias e dúvidas. Agradeço a todos vocês pela ajuda, conversas e leitura crítica.

Agradeço ao Programa Ações Afirmativas/UFMG projeto presente na Faculdade de Educação, que contribuiu com os estudos e com as pesquisas relacionadas às relações étnico-raciais. Ao professor Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus, um dos coordenadores, que no decorrer da pesquisa pode responder as minhas questões e dúvidas. Agradeço especialmente ao grupo de estudos *Sociologia das Relações Raciais no Brasil*, vinculado a este núcleo, sem as contribuições deste, certamente este trabalho seria mais árduo. À professora Dr. Ana Amélia de Paula Laborne, a Silvia Regina, a Camila Danielle, a Kelly Cândido, dentre outras (os) que fizeram parte dessas discussões.

À agência de fomento CAPES, pela contribuição financeira para o desenvolvimento desta pesquisa. Aos professores da Faculdade de Letras da UFMG que marcaram minha trajetória e foram gentis em meu percurso acadêmico. Meus sinceros agradecimentos a todos.

O Velho Francisco

Já gozei de boa vida
Tinha até meu bangalô
Cobertor, comida
Roupa lavada
Vida veio e me levou

Fui eu mesmo alforriado
Pela mão do Imperador
Tive terra, arado
Cavalo e brida
Vida veio e me levou

Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor
Ela vem toda de brinco, vem
Todo domingo
Tem cheiro de flor

Quem me vê, vê nem bagaço
Do que viu quem me enfrentou
Campeão do mundo
Em queda de braço
Vida veio e me levou

Li jornal, bula e prefácio
Que aprendi sem professor
Frequentei palácio
Sem fazer feio
Vida veio e me levou

Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor
Ela vem toda de brinco, vem
Todo domingo
Tem cheiro de flor

Eu gerei dezoito filhas
Me tornei navegador
Vice-rei das ilhas
Da Caraíba
Vida veio e me levou

Fechei negócio da China
Desbravei o interior
Possuí mina
De prata, jazida
Vida veio e me levou

Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor
Hoje não deram almoço, né

Acho que o moço até
Nem me lavou

Acho que fui deputado
Acho que tudo acabou
Quase que
Já não me lembro de nada
Vida veio e me levou

(Chico Buarque, 1987)

Resumo

O presente estudo reflete sobre os modos de representação dos personagens negros no romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque. Pretende também o trabalho considerar na análise o ponto de vista de Eulálio Montenegro d'Assumpção, uma vez que é o velho centenário, aristocrata e falido, que narrará, por meio de suas memórias, a saga de sua família. É por meio do seu olhar que a narrativa perpassará momentos importantes da história do Brasil. Iremos investigar como estas rememorações são importantes para a compreensão do discurso étnico-racial na literatura brasileira. Esta pesquisa tem o desejo de ressignificar as condições discursivas e ideológicas dos personagens negros apresentados na obra e questionar sua constituição como sujeitos no romance. Para tanto são propostas reflexões acerca do Mito da Democracia Racial, da Sociologia das Relações Raciais e de conceitos como Identidade, Cordialidade do Homem Brasileiro, Violência Simbólica, Branquitude e a relação entre Memória e História.

Palavras-chave:

Chico Buarque. *Leite Derramado*. Memória e História. Negro. Representação.

Abstract

This study aims to reflect about the representation of Black characters in the novel “Leite Derramado” by Chico Buarque. It also aims to take into consideration in the analysis the point of view of Eulálio Montenegro d’Assumpção, a centenary senior from a broke aristocratic family, who narrates through his memories the his family’s saga. It is through his perspective that many important moments in the Brazilian history will be shown in the narrative. We will investigate how these memories are important to the comprehension of ethnic-racial discourse in Brazilian literature. This research has the purpose of resignifying the discursive and ideological conditions of Black characters presented in the novel and questioning their constitution as subjects in the novel. To achieve this goal we propose to reflect about the Racial Democracy Myth, the Sociology of Racial Relations and the concepts of Identity, Cordiality of Brazilian man, Symbolic Violence, “Whiteness” and the relation between memory and history.

Key words:

Chico Buarque. Spilt Milk. Memory and History. Black man. Representation

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I – História e Memória em <i>Leite Derramado</i>	24
Registros de memória pessoal e de memória histórica	25
CAPÍTULO II - Discurso, Poder e Racismo	48
2.1 A perspectiva do Autor Implícito.....	49
2.2 A perspectiva do Narrador Autodiegético.....	58
CAPÍTULO III - Identidade e Corporeidade Negra	81
3.1 O personagem Matilde	82
3.2 O personagem Eulálio d' Assumpção Palumba Júnior	103
3.3 O personagem Balbino	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS	130
Do autor.....	131
Sobre o autor	131
Entrevista.....	132
Geral.....	132

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da representação do negro em *Leite Derramado* (2009), romance de Chico Buarque.

Chico Buarque tem, nos últimos anos, depois de uma amplamente reconhecida carreira de compositor e intérprete, se dedicado à escrita de romances: *Estorvo* (1991), “*Benjamim*” (1995), *Budapeste* (2003), *Leite Derramado* (2009) e *O irmão alemão* (2014). Seus textos vêm despertando a atenção do mundo acadêmico e já foram objetos de inúmeros trabalhos de dissertações e teses, bem como de ensaios e artigos.

A pesquisa, numa certa medida, é uma continuação aprofundada de questões e temáticas trabalhadas em pesquisas anteriores. Em 2011, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, cursei a disciplina “Estudos Temáticos de Literatura Comparada; o percurso de Chico Buarque: das canções à ficção”, ministrada pela professora Dra. Ana Maria Clark Peres. A disciplina propiciou um contato mais estreito com a produção ficcional de Chico Buarque. Em uma primeira leitura, *Leite Derramado* suscitou alguns incômodos, embora, na ocasião não tenha conseguido explicitá-los com clareza. Inicialmente, a estranheza se delineou pelo caráter doble do centenário narrador.

Outra matriz de reflexão que justifica a escolha do corpus da pesquisa tem sido o grupo de estudos da Faculdade de Letras da UFMG, NEIA (Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade) do qual participo como membro desde 2011. Uma de suas linhas de pesquisa compreende os estudos de textos poéticos, contos, crônicas e narrativas de escritores e escritoras negros da literatura afro-brasileira, tema em expansão nos estudos literários. Paralelamente, a temática da representação do negro na literatura também se apresentou como decorrência da participação no núcleo de pesquisa.

A atuação como bolsista, no segundo semestre de 2013, no Programa Ações Afirmativas na UFMG, projeto presente na Faculdade de Educação, cuja concepção caminha para uma perspectiva interdepartamental e interdisciplinar, também contribuiu com estudos relacionados ao assunto proposto. E por fim, o intercâmbio realizado entre a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade de Coimbra, com um estágio na universidade portuguesa, no primeiro período de 2013, proporcionou estudos relacionados à Literatura Africana de Língua Portuguesa que enriqueceram meu campo teórico.

Posteriormente, a leitura e reflexão sobre conceitos atinentes à presença do negro na sociedade brasileira fizeram-me retornar à narrativa de Chico Buarque com o olhar mais criterioso. Tal reflexão embasou-se na discussão de texto que enfocava *o Mito da Democracia*

Racial no Brasil, a Sociologia das Teorias Raciais, conceitos como *Identidade, cordialidade do homem brasileiro, Violência Simbólica, Branquitude, a relação de Memória e História*. Certos questionamentos destacaram-se como aqueles que enfocavam como os corpos negros eram representados nas narrativas. Registraram tais narrativas as experiências desses corpos - mesmo que vicariamente mediados pela fala do narrador - experiências de medo, dor, humilhação, violência e também de esperança, alívio, alegria e gozo, ou seja, os sentidos e emoções vividos por tais corpos nas narrativas. No percurso narrativo como se dá a dimensão étnico-racial? Como são percebidos pelo narrador estes corpos e como se inserem no contexto sócio-político em diferentes tempos no Brasil? Que fatores interferiram na representação da identidade desses sujeitos? Quais seriam as visões do narrador e do autor implícito evidenciadas na narrativa sobre o negro? Quais vozes são silenciadas ou ampliadas?

O romance *Leite Derramado* foi inspirado na canção “*Velho Francisco*”, composição do próprio autor, que está no disco *Francisco*, datado de 1987. A canção narra a trajetória de um senhor que, recorrendo às suas lembranças, nos conta o que ocorreu em sua vida. Trata-se de homem negro, envelhecido e enfermo, que narra a sua história e memórias concomitantemente a do país, enquanto espera pela morte, em um hospital qualquer. Semelhantemente, o mesmo ocorre no romance, um idoso centenário, porém branco assume a narrativa.

Se, em muitas culturas, os idosos gozavam da garantia de preservação de sua integridade física e da valorização de sua experiência que deveria ser passada às próximas gerações como uma herança valiosa, na contemporaneidade, nas sociedades capitalistas, o velho é desprestigiado como sujeito não produtivo. E a figura do narrador de *Leite derramado* nos apresenta um idoso que não pode passar adiante a experiência, mesmo porque não há ninguém que por ela se interesse. Assim, o narrador não faz mais do que lastimar melancolicamente a vida vivida, como leite derramado - que alude ao título da obra - que não mais pode ser recuperado, nem servir como alimento ou fonte de riqueza. No decorrer dos vinte e três capítulos de *Leite Derramado*, sem linearidade cronológica, o velho Eulálio Montenegro d’ Assumpção vai sendo despido moralmente, e este é um dos elementos que torna o personagem intrigante aos olhos dos leitores e de estudiosos.

Será por meio de seu olhar, ainda que muitas vezes disforme, que dimensionaremos os personagens que o acompanharão em seu percurso memorialístico: Matilde, esposa de Eulálio, descrita pelo narrador como uma mulher “de pele quase castanha” (BUARQUE, 2009, p. 29); Eulálio d’ Assumpção Palumba Júnior, bisneto negro do narrador e Balbino

Assunção, sujeito escravizado que pertencera à família Assumpção e que, com o fim do período escravocrata, segundo o narrador, optou por continuar fiel à família. Há, também, outros personagens secundários na obra que ajudam a compor o universo do narrador.

Ressaltamos que *Leite Derramado* (2009) não nos diz unicamente sobre as relações raciais; entretanto, essa discussão é mobilizada de modo evidente na narrativa. Antes de prosseguir a análise da obra, é interessante refletir sobre os modos como o negro é visto no imaginário literário brasileiro.

As representações dos personagens afro-brasileiros na literatura canônica do país ao longo dos séculos reforçam uma imagem estereotipada do negro. Podemos inferir que tais figurações foram construídas e disseminadas no período escravocrata. Mesmo depois da abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, ideias de cunho racista foram absorvidas culturalmente pela sociedade brasileira com a colaboração de visões europeizantes e também das teorias racialistas do século XIX, que contribuiriam ainda mais para reforçar estigmas já tão marcantes na visão do negro.

Estas representações são pautadas a partir das imagens estruturadas do pensamento social e racial brasileiro, que associam a cor branca ao bem, e a cor negra ao mal. Estão relacionadas a um processo histórico-cultural coletivo e individual. É preciso refletir em que medida essas práticas discursivas e relacionais são reproduzidas, compartilhadas e naturalizadas no imaginário literário. Estabelecer relações ante estas representações, e dimensioná-las é importante para desconstruir os estereótipos. O teórico Erving Goffman (1959) nos indica como utiliza o conceito representação em seus estudos:

Venho usando o termo 'representação' para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Erving Goffman avalia as interações sociais entre os sujeitos. Os sujeitos sociais buscam conduzir as emoções dos espectadores ante a performance social de suas representações, operam, segundo o autor, assim, conceitos construídos a partir de simbologias teatrais como os aspectos cênicos de fachada, cenário, plateia, papel social etc. Os sujeitos sociais representam, no sentido performático do termo, desse modo, suas diferentes identidades étnica, cultural, política, de gênero na sua interação com o outro.

Para ilustrar as reflexões sobre a presença do negro na literatura brasileira e consequentemente sobre as representações propostas por Goffman, lançarei mão das ponderações dos críticos literários Antonio Candido (1959), Domício Proença Filho (2004), Regina Dalcastagnè (2012) e Eduardo de Assis Duarte (2010).

Antonio Candido, em sua obra *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (1959) expõe a presença do negro escravizado na literatura brasileira. Segundo o estudioso, o tema não era considerado “objeto estético” no início da história literária no Brasil. A abordagem nos textos era feita pelo viés escravagista. A posição de subalternidade imposta aos negros fez diminuir o interesse dos literatos na produção de textos que os dignificassem, “foi como problema social que despertou a consciência literária” (CANDIDO, 2013, p. 590) entre os escritores. Dentre os exemplos de textos escritos citados pelo autor, destacamos as peças *Demônio Familiar* (1857) e *Mãe* (1859), ambas de José de Alencar, *O Escravo* (1864) poema de Fagundes Varela e o célebre poema de Castro Alves, *O navio negreiro* (1868) Este último foi um divisor de águas para o lirismo poético, pois “permitiu impor o escravo à sensibilidade burguesa, não como um espoliado ou mártir; mas, o que é mais difícil, como ser igual aos demais no amor, no pranto, na maternidade, na cólera, na ternura” (CANDIDO, 2013, p. 592). Segundo o teórico, o negro era no mundo literário:

[...] realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda heroica. Admitir a ancestralidade indígena foi orgulho bem cedo vigoroso, graças à possibilidade de escamotear, por meio dela, a origem africana de uma cor bronzeada – origem que ninguém acusava, podendo-a disfarçar. Trazer o negro à literatura, como herói, foi, portanto um feito apenas compreensível à luz da vocação retórica daquele tempo, facilmente predisposto à generosidade humanitária (CANDIDO, 2013, p. 590).

Tais afirmações evidenciam como se consolida na literatura da época a hegemonia dominante do período, que se caracterizava pela valorização extrema da cultura europeia. Havia resistências não somente dos leitores circundados pela colonização e escravização, mas sobretudo dos escritores pelos escritos em que constasse a representatividade negra. Ainda que houvesse demonstrações de personagens negros nos textos, nestes, segundo Antonio Candido, o negro era representado por meio “das mães pretas, pais-joões e crioulinhas peraltas”. O estudioso afirma que “na hora do amor, e do heroísmo, o ímpeto procurava acomodar-se às representações do preconceito. Assim os protagonistas de romances e poemas, quando escravos, são ordinariamente mulatos a fim de que o autor possa dar-lhes traços brancos e, deste modo, encaixá-los nos padrões da sensibilidade branca” (CANDIDO, 2013, p. 590).

Para elucidação dessa pretensa suavização da epiderme nos textos literários deste período, Antonio Candido nos cita a obra *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. No romance, o personagem Isaura, protagonista, filha de uma escrava com um homem branco, terá traços brancos. Ainda que o texto ostente a temática abolicionista, um avanço para a época, “as barreiras sociais, psíquicas e estéticas”, sobre a temática do negro estarão presente, não somente na obra do referido romancista, mas de outros autores.

O pesquisador Domício Proença Filho (2004), em seu artigo *A trajetória do negro na literatura brasileira*, traça um panorama da presença dos personagens afro-brasileiros na literatura nacional. O autor aponta que o “tratamento marginalizado” dado a estes estava presente na formação ideológica e sociológica da sociedade brasileira. Aspectos desqualificadores como desumanização (associação de personagens negros a figuras de animais), subordinação, e ignorância, não estavam ausentes do mundo literário. Duas apreciações neste imaginário literário são relevantes na visão do estudioso: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada” (FILHO, 2004, p. 161). O teórico apresenta dois modelos e faz distinções entre eles: “literatura sobre o negro” e a “literatura do negro” e ressalta que:

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante.

Começo pelo *escravo nobre*, que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação (FILHO, 2004, p. 161).

O artigo de Proença Filho esboça um desenho histórico literário destas representações. Ele inicia o diálogo com o leitor expondo o desenvolvimento da presença do mulato e do escravizado na literatura brasileira. Assim como Antonio Candido, ele se refere ao personagem Escrava Isaura, da obra de mesmo nome de Bernardo Guimarães (1875), e menciona o romance naturalista *O Mulato* (1881), de Aluisio Azevedo. Desta narrativa, evidenciará o nobre mulato Raimundo, filho de uma escrava, com um homem branco abastado. O protagonista, desde menino, fora criado com requinte em Portugal, tendo se alienado de seus traços raciais, nunca tendo visto a si mesmo como um homem negro. Para o autor, Raimundo e Isaura são personagens que personificam a imagem do negro como vítima, subserviente e embranquecida, o que é criticado pelo estudioso pela construção imagética negativa e em alguns momentos alienada.

Ao contrário de Candido que percebeu no poema *O Navio Negreiro* (1869), de Castro Alves, não somente riqueza lírica, mas o olhar humanizado do poeta sobre a causa dos negros, Proença Filho (2004) ressalta que os versos do poema mostram o negro resignado, sem ação, sem revoltas. Sabemos que historicamente houve movimentos de contestação no interior dos navios e fora deles as lutas e confrontos também aconteceram. Para o teórico, “o poeta não consegue livrar-se, nos seus textos, das marcas profundas de uma formação desenvolvida no bojo de uma cultura escravista” (FILHO, 2004, p. 164).

Outra imagem destacada literariamente pelo autor é a do negro infantilizado, serviçal e subalterno, “estereótipo que permanece associado à animalização”. O personagem Bertoleza, do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, exemplifica esta máxima. Bertoleza figura um papel secundário na narrativa. Era escrava, fora enganada por João Romão, português astuto, que explora tanto a força de trabalho quanto o corpo da negra. Ele a engana por meio de uma falsa carta de alforria, que supostamente garantia-lhe a liberdade. O seguinte fragmento do romance confirma os apontamentos de Proença Filho sobre o personagem:

Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo o dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativeiro. Escondia-se de todos, mesmo da gentalha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara.

E, no entanto, adorava o amigo, tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor. O que custava aquele homem consentir que ela, uma vez por outra, se chegasse para junto dele? Todo o dono, nos momentos de bom humor, afaga o seu cão [...] Mas qual! o destino de Bertoleza fazia-se cada vez mais estrito e mais sombrio; pouco a pouco deixara totalmente de ser a amante do vendeiro, para ficar sendo só uma sua escrava. Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se; de manhã escamando peixe, à noite vendendo-o à porta, para descansar da trabalhadeira grossa das horas de sol; sempre sem domingo nem dia santo, sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda, repugnante, com o coração eternamente emprenhado de desgostos que nunca vinham à luz. Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem tampouco para si, desabou num fundo entorpecimento apático, estagnado como um charco podre que causa nojo (AZEVEDO, 2002, p. 192-193).

Segundo Proença Filho, Bertoleza, como vimos, é um exemplo de que a maioria dos personagens negros não figurava na literatura brasileira, como protagonistas das narrativas,

estavam presentes nos enredos “como contraponto social”, quando apareciam, eram inferiorizados. O autor nos aponta outra simbologia presente no imaginário literário nacional sobre a temática que é a do negro como pervertido e violento. *O bom crioulo* (1885), de Adolfo Caminha representa este discurso, além de ter um enredo bastante ousado para o período, pois narra a história da paixão doentia do personagem Amaro, um homossexual, escravo foragido, que se apaixona por Aleixo, um jovem branco virgem. No desfecho final do romance, movido por ciúme, Amaro mata violentamente Aleixo.

Sobre o negro ou mestiço erotizado, sensualíssimo, visto como objeto sexual, Proença Filho (2004) fará uma linha histórico-literária para visualizar obras e personagens que figuram este imaginário. Ele mencionará as personagens Rita Baiana e o mulato Firmo da obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; os poemas de Jorge de Lima, como "Nega Fulô" e *Poemas da negra* (1929), de Mário de Andrade; apesar da grande contribuição de Jorge Amado para a cultura negra, o autor o apresenta como um escritor que caiu na armadilha do estereótipo e para exemplificar sua posição indica as personagens “Jubiabá, do romance de mesmo nome, lançado em 1955,” e Gabriela, de *Gabriela, cravo e canela* (1958).

O autor aponta que na década de 1980, embora com interpretações segregacionistas, surgem escritores atentos em restaurar a representatividade do negro no imaginário literário no Brasil. Exemplifica com as obras *Tambores de São Luís* (1975) de Josué Montello e *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro. O estudioso admite que as obras que configuram o objeto de seu estudo no artigo não se esgotam.

Por fim, Proença Filho (2004) observa o surgimento de uma atitude compromissada na esfera literária que se manifesta no desejo de se referir ao negro como sujeito livre de subalternidades. A literatura negra surge para suprir essa exigência: “essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século atual e vem ganhando contornos mais nítidos e definidos ao longo desse período histórico, com maior ou menor evidência” (FILHO, 2004, p. 176).

Pode-se inferir que nessa conjuntura autores e obras da chamada literatura-afro-brasileira, reconhecida literariamente como textos ficcionais de autoria afrodescendente, em que a negritude é tematizada a partir de um ponto de vista interno, vieram a público e foram reconhecidos, como destaca Proença Filho. Alguns textos se encontravam perdidos e desconhecidos: é o caso do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, considerado o primeiro romance abolicionista da literatura no Brasil, publicado recentemente pela editora

PUC Minas em comemoração a sua primeira edição há 150 anos. A recuperação de tais escritos visa reconquistar e expor a condição do negro na literatura brasileira sob novos ângulos.

A estudiosa Regina Dalcastagnè, em sua obra *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012) *discorrerá* no capítulo intitulado “O mapa das ausências”, sobre o resultado da pesquisa, que mapeou o romance contemporâneo brasileiro com o intuito de detectar a pluralidade dos personagens na literatura. A autora fez um recorte de obras publicadas entre 1990 e 2004, abrangendo um total de 258 títulos (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 156). Dalcastagnè constatou a ausência de pobres e de negros nos romances brasileiros; isto não quer dizer que em seu levantamento “não existam obras que sejam lidas com prazer, que façam refletir, que ajudem seus leitores e leitoras a compreender melhor o mundo” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 148). O que ela apontará será a ausência de diversidade, considerando que a literatura reflete um tempo histórico e social com suas representações de linguagens, identidade e cultura.

Segundo a teórica, o “Mito da Democracia Racial” também está presente nas narrativas dos romances contemporâneos no Brasil (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 309). Dentre as categorias analisadas no corpus, destacam-se a cor da pele dos personagens; cor e posição dos personagens protagonistas; sexo, cor e posição das personagens; faixa etária dos personagens; estrato socioeconômico e cor dos personagens; principais ocupações dos personagens brancos; principais ocupações dos personagens negros, dentre outros.

Na relação de classificação entre os personagens brancos e negros, o resultado final das porcentagens dos primeiros é vantajoso sobre os segundos em todos os grupos, sem exceção, a diferença chega a ser discrepante. Em relação ao último dado referente à ocupação profissional dos personagens, os brancos sempre estão relacionados com trabalhos mais nobres que os negros. Em adição a isso, as atividades atribuídas aos negros, além de simples, relacionam-se com estereótipos preconceituosos ligados a nossa herança escravagista. Há figuras representado escravos, bandidos e profissionais do sexo, empregada doméstica, mendigo. Para estes níveis não há indícios de porcentagens entre brancos.

É importante salientar que, na pesquisa realizada por Dalcastagnè, outros dados foram analisados na dimensão do pertencimento étnico, como por exemplo, se o personagem era mestiço, indígena e /ou oriental, do mesmo modo narrativas que não apresentam etnia alguma, também foram consideradas.

Neste trabalho procurei destacar as avaliações gerais entre brancos e negros, com a intenção de constatar, assim como faz a autora, quão movediço se torna o discurso da Democracia Racial. O termo foi mencionado pela primeira vez por Florestan Fernandes em 1965, este destaca:

A ideia de que o padrão brasileiro de relações raciais entre “brancos” e “negros” se conformava aos fundamentos ético-jurídicos de regime republicano vigente. “Engendrou-se assim, um dos grandes mitos de nossos tempos: o mito da democracia racial brasileira”. Admita-se de passagem que esse mito não nasceu de um momento para outro. Ele germinou longamente, aparecendo em todas as avaliações que pintavam o jugo escravo como contendo “muito pouco fel” e sendo suave doce cristãmente humano. Todavia, tal mito não possuiria sentido na sociedade escravocrata e senhorial. A própria legitimação da ordem social, que aquela sociedade pressupunha, repelia a ideia de uma “democracia racial”. Que igualdade poderia haver entre o “senhor”, o “escravo” e o “liberto”? A ordenação das relações raciais exigia, mesmo, a manifestação aberta, regular e irresistível do preconceito e da discriminação raciais – ou para legitimar a ordem estabelecida ou para preservar as distâncias sociais em que ela se assentava. Com a Abolição e a implantação da República, desapareceram as razões psicossociais, legais ou morais que impediam a objetificação de semelhante ideia. Então operou-se uma reelaboração interpretativa de velhas racionalizações, que foram fundidas e generalizadas em um sistema de referência consistente com o regime republicano (FERNANDES, 2008, 309-310).

Como resultado deste panorama, gerou-se um “mecanismo de acomodação das elites dirigentes a uma realidade racial pungente” no Brasil, ou seja, a elite brasileira do período estava pouco interessada em estabelecer uma ordem social satisfatória para os negros; seu maior objetivo era manter a posição de privilégio e renovar técnicas de dominação sobre os negros livres. Para Fernandes a natureza prática desse mecanismo utilizado pela sociedade dominante se mostra em três níveis:

Primeiro generalizou-se um estado de espírito farisaico, que permitiu atribuir à incapacidade ou à irresponsabilidade do “negro” os dramas humanos da “população de cor” da cidade, com o que eles atestavam como índices insofismáveis de desigualdade econômica, social e política na ordenação das relações raciais. Segundo, isentou o “branco” de qualquer obrigação, responsabilidade ou solidariedade morais, de alcance social e de natureza coletiva, perante os efeitos socipáticos da espoliação abolicionista e da deterioração progressiva da situação socioeconômica do negro e do mulato. Terceiro, revitalizou a técnica de focalizar e avaliar as relações entre “negros” e “brancos” através de exterioridades ou aparências de ajustamentos raciais, forjando uma consciência falsa da realidade racial brasileira. [...] Em consequência ela também concorreu para difundir e generalizar a consciência falsa da realidade racial, suscitando todo um elenco de convicções etnocêntricas: 1º - a ideia de que “o negro não tem problema no Brasil”; 2º - a ideia de que, pela própria índole do povo brasileiro, “não

existe distinções raciais entre nós”; 3º - a ideia de que as oportunidades de acumulação de riqueza, de prestígio social e poder foram indistinta e igualmente acessíveis a todos [...]; 4º - a ideia de que “o preto está satisfeito” com sua condição social e estilo de vida [...]; 5º a ideia de que não existe, nunca existiu, nem existirá outro problema de justiça social com referência ao “negro”, excetuando-se o que foi resolvido pela revogação do estatuto servil e pela universalização da cidadania [...] (FERNANDES, 2008, p. 311-312).

Com isso, o objetivo da classe dominante era manter preservados suas regalias e seus privilégios e a inclusão do negro foi um plano jurídico-político elaborado para não ter sucesso.

Para o crítico literário Eduardo de Assis Duarte (2010), a imagem do negro, especificamente dos personagens femininos na literatura brasileira, fora invisibilizada ao longo da historiografia literária nacional. A imagem que temos da mulher negra é de uma existência pautada somente em seu corpo, mercantilizado discursivamente por meio de atributos sexuais e também arrolado pela força braçal, voltada para o trabalho.

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso. (DUARTE, 2010, p. 24-25).

A mulata, termo designado para se referir à mestiçagem do branco com a negra, terá na literatura nacional grande representatividade. O curioso, ainda segundo Eduardo de Assis, será a infertilidade destas mulheres nas narrativas literárias nacionais: elas não procriam, a maternidade inexistente para elas. Sua sensualidade é explorada, seus atributos físicos são exaltados, mas são personagens marcados pela ausência de matrimônios e pela impossibilidade de sucesso nas relações sentimentais, ilustradas nos romances e também em poemas.

Nessa ordem, a condição de corpo disponível vai marcar em especial a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata

construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da mulier fornicaria da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz. Chama a atenção, em especial, o fato dessa representação, tão centrada no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixar visível em muitas de suas edições um sutil aleijão biológico: a infertilidade que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afro descendência(DUARTE, 2010, p. 24-25).

Como vimos, o crítico questiona a esterilidade da mulher negra na literatura canônica brasileira, e conclui que “se somos a pátria da democracia racial; e se a ideologia nacionalista do século XX a elege como verdadeiro ícone dessa terra e de seu povo; procurar as motivações para esse ser tão belo e sedutor quanto infértil se coloca como um desafio para a pesquisa” (DUARTE, 2010, p. 30). O autor sinaliza que o endeusamento da mulata, na verdade, simultaneamente esconde e revela os reais sentimentos do homem branco, inclusive o do homem negro que são os de rejeição da figura da mulher negra. A imagem desta está repleta de signos negativos e simbologias, construídos socialmente na estrutura da sociedade brasileira durante décadas.

Para o teórico, “no plano literário, o avatar erótico da “mulher de cor” surge reencarnado em diversos momentos do romance brasileiro do século XIX” (DUARTE, 2010, p. 26), com destaque para as personagens Rita Baiana em “*O cortiço* (1890)”, de Aluísio Azevedo e Vidinha em “*Memórias de um Sargento de Milícias* (1852)”, de Manoel Antônio de Almeida. A primeira surge no romance de Azevedo como uma mulher a frente de seu tempo, livre, que, entretanto, é responsável por “desvirtuar” um homem de família, o personagem Jerônimo. O signo dessa mulher é carregado pela ideia do poder de sedução e pecado, podendo levar um bom homem à loucura. O personagem Vidinha, de Almeida, é identificada na trama por meio de seus aspectos físicos. Enamora-se do protagonista do romance, Leonardo, que a troca por Luisinha, mulher branca abastada, herdeira de grande fortuna.

Ante o panorama desenvolvido, a presente pesquisa sobre o romance *Leite Derramado* torna-se relevante para os estudos literários, pois a proposta relaciona-se diretamente em desenvolver um olhar crítico e atualizado sobre a pertinência das personagens negras no cenário da literatura brasileira contemporânea. Além disso, entendemos que para se falar de relações raciais no Brasil é preciso despersonificar as representações que dimensionam negativamente a humanidade do negro, não somente para propor mudanças estéticas na literatura, mas sugerir políticas universalistas, que possam romper com as barreiras invisíveis

do racismo e denunciar a cultura racista presente em toda estrutura histórica e social brasileira.

CAPITULO I – História e Memória em *Leite Derramado*

Registros de memória pessoal e de memória histórica

Refletir sobre a relação entre os rastros da memória e da história em *Leite Derramado* é objetivo do presente capítulo uma vez que a memória pessoal do personagem Eulálio Montenegro d'Assumpção se entrelaça com a historiografia brasileira. Os vinte e três capítulos que compõem a narrativa são perpassados por inúmeros eventos ligados à memória pessoal das personagens e à memória coletiva e histórica do país. Será por meio desses registros que faremos um panorama da presença da história e da memória na obra.

O romance pode ser visto sob vários aspectos: por um lado, uma história de amor mal resolvida, a história de um “leite derramado” envolvendo o próprio narrador e sua esposa Matilde, em conflitos sem possibilidade de resolução; por outro, dá-se a recuperação do conflito entre os personagens por meio do olhar memorialístico de um velho homem, já no século XXI. Desse modo, via memória, apresenta-se para o leitor o Brasil antigo, cujas contradições reverberam no Brasil do presente.

Alguns questionamentos se destacam em *Leite Derramado*: como a memória do narrador e dos personagens é representada na narrativa? - mesmo que vicariamente, mediada pelas lembranças de Eulálio, como se apresenta o perfil dos outros personagens? No percurso narrativo, como se dá a dimensão da memória?

Segundo Enrique Serra Padrós (1991), não há neutralidade na História como igualmente não há nos registros relacionados à memória pessoal. Para o autor, a indeterminação pode se justificar porque tanto uma como outra possuem como fonte o passado uma vez que se “a memória conta com informes de segunda mão sobre o passado, oferecidos pela história, esta, por sua vez, conta com testemunhos visuais e outras lembranças” (PADRÓS, 1991, p. 81). As duas focam o passado por meio do presente e também disputam espaços nas relações de força com a sociedade. A memória é um expressivo meio arqueológico para o trabalho do historiador. Enquanto ela reelabora lembranças e reminiscências, a história detecta, considera o contexto e investiga as memórias. Sobre estas diferenciações o autor aponta também que:

[...] as diferenças são rigorosas e devem estar permanentemente presentes para o historiador, que tem pretensões de produzir um conhecimento científico. Segundo Lowenthal (1998: 310), a história se distingue da memória pela forma de aquisição, transmissão, conservação, alteração e validação do conhecimento que ela produz sobre o passado. Enquanto a História conta com o crivo das fontes empíricas para aferir, mensurar e

avaliar a sua análise sobre o passado, a memória não tem como realizar esse caminho. A história, ao objetivar a compreensão de situações de natureza coletiva e ao explicar racionalmente o que o senso comum apresenta de superficial e emotivo, afasta-se da memória. Mas, entretanto, não a nega pois, como já foi visto, ela constitui uma matéria-prima básica sobre a qual se debruça na sua operação de análise e reflexão. (PADRÓS, 1999, p. 82).

De acordo com o fragmento, as distinções entre memória e história devem ser feitas: enquanto a primeira garante uma percepção do coletivo, a segunda valida a identidade pessoal; por outro lado como Padrós nos mostra, as duas bebem da mesma fonte fazendo uso do transcorrido. Cabe à história dar visibilidade a esta memória sem a intencionalidade de traduzi-la, o que é impossível, mas refletindo profundamente sobre ela. É preciso considerar que a memória pessoal, individual é sempre atravessada pelo coletivo e vice-versa. Porque o indivíduo tem uma memória familiar, afetiva, da casa, da infância etc., mas, todas essas lembranças são atravessadas pela memória coletiva, ou seja, pela memória de classe social, pelos preconceitos que são da família enquanto grupo social, pelo imaginário de determinada época. Já a memória da história, pretensamente restringindo-se ao coletivo, também se deixa atravessar pela memória individual. A começar pela memória individual do historiador. Não é de hoje que se perdeu a ilusão da escrita da história como não sendo atravessada pelos constrangimentos ideológicos do próprio historiador e por aqueles próprios ao seu tempo. Além disso, o coletivo também é composto pelos anseios individuais. Segundo o pesquisador Marcelo Augusto Parrillo Rizzo (2009) que revisitou em sua pesquisa a obra de Hayden White:

[...] o status epistemológico das explicações históricas foi por muito tempo estudado sem que se atentasse para o fato da narrativa histórica ser um artefato verbal pretendente a um modelo de estruturas e processos [...] (RIZZO, 2009, p. 57).

Outro destaque de Padrós relacionado à memória e à história se atém à necessidade do lembrar. Ele nos afirma que essa busca “... é, talvez, a principal atribuição da memória. Sem memória não existiriam referências ou experiências” (PADRÓS, 1991, p. 83). Todo indivíduo e toda sociedade possuem uma memória individual: quando as “lembranças, símbolos e valores identificam o coletivo no espaço e no tempo” (PADRÓS, 1991, p. 83), identificamos estas especificidades da memória como coletiva. Sobre a Memória Coletiva o autor nos diz que:

[...] se concretiza como tal quando as mesmas lembranças, vividas ou transmitidas, voltam de maneira repetitiva, sistemática, com poucas variações, e quando são apresentadas e assumidas como propriedade

específica da comunidade. Quase sempre essas lembranças coletivas decepcionam o historiador, já que constituem registros de acontecimentos e de rotinas singelas desprovidas de *glamour* ou de um sensacionalismo explosivo. Ainda, a “recordação histórica” expressa na memória coletiva que legitima uma comunidade e sua identidade. [...] (PADRÓS, 1991, p. 83).

A questão levantada pela passagem mencionada nos leva a refletir sobre as lembranças e os esquecimentos do narrador Eulálio Montenegro d’Assumpção. O que lembrar e o que esquecer? O que os não ditos e os silenciamentos na narrativa nos mostram? A história e a memória reveladas no romance *Leite Derramado* perpassam esse personagem uma vez que as revelações familiares e o panorama histórico social brasileiro são relembrados por meio de suas memórias. Ressalte-se que há um jogo de manipulação dessas mesmas memórias já que são as lembranças do personagem que conduzirão a narrativa, ele detém o poder sobre o que será lembrado e revelado.

O teórico Márcio Seligmann-Silva (2003) infere que a memória se recusa a ser controlada, ao passo que o historiador arquiva os acontecimentos. Para o estudioso, tanto o registro da memória como o da história não se eliminam, e tampouco estabelecem uma guerra epistemológica entre si. O autor aponta que a divisão entre e a negação da proximidade entre história e memória advêm de uma visão conservadora, já que para ele é impossível separá-las. Para o estudioso o modelo historicista de tradução do passado é um inequívoco, sem equívoco, porque conhecer o passado e descrevê-lo tal como ele se caracterizou é impraticável uma vez que “[...]a historiografia é apenas uma (re) inscrição do passado e não o seu texto original [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 74).

Pode haver certa contradição entre o que foi referido acerca do poder mediado pelo narrador Eulálio sobre a memória e o fato de esta se recusar a ser controlada, não se trata de uma força psíquica, que atua sobre as recordações do personagem; entretanto, conforme assinala Hugo Achugar (2006), a memória pode variar “em função do poder de classe, etnia, gênero e outras variáveis conhecidas, mas também em função da idade” (ACHUGAR, 2006, p. 170) e lembra que, para Saldarriaga Roa (1988), “cada geração contribui e elimina alguma coisa. O que sobrevive somado às contribuições, traslada-se a outras gerações” (ACHUGAR, 2006, p. 170). E continua dizendo que uma “(...) marca etária que desenha um mapa diferenciado no qual, por um lado, estão aqueles cuja experiência histórica é basicamente a do século XX, e por outro, aqueles que, pela sua juventude, estão mais voltados para o século XXI” (ACHUGAR, Hugo. 2006 p. 170-171 apud SALDARRIAGA ROA, 1988, p. 14).

Podemos afirmar que a posição de Eulálio no romance enquanto homem branco, centenário, católico, de origem socioeconômica privilegiada, e ostentando antepassados de procedência europeia, tem a possibilidade de, a partir de seu lugar de fala e de vivência, assegurar debates a respeito de algumas temáticas que presenciou ou nas quais atuou.

Diante dessas considerações, podemos refletir que ao longo das descobertas historiográficas da humanidade a história exerceu posição de tribunal ante a sociedade, suas descobertas ajuizavam favoravelmente e contra diversos povos e personalidades. Hoje o papel da história, segundo Seligmann-Silva, assemelha-se ao do arqueólogo e ao do cartógrafo: o primeiro investiga por meio dos vestígios do tempo, o segundo traça topografias. Cabe aos estudiosos da historiografia ser críveis e éticos com seus inúmeros objetos de pesquisa, negando a neutralidade que possa surgir diante de pretensas evidências historiográficas. Ressaltamos que os esquemas que a história e a memória traçam com o tempo são descritos pelo teórico de forma divergente: a primeira decompõe o tempo para domá-lo e assim tentar entendê-lo; a segunda não tem domínio sobre o tempo, o estágio temporal corre sem controle. Além disso, Seligmann-Silva defende que:

O trabalho da história e da memória deve levar em conta tanto a necessidade de se “trabalhar” o passado, pois as nossas identidades dependem disso, como também o quanto esse confronto com o passado é difícil. Se Nietzsche criticou o modelo da historiografia do século XIX por pecar pelo excesso de história/memória, vale perguntarmos em que medida esse movimento do historicismo – que tanto lhe incomodou-, no sentido de cartografar a totalidade da História, não seria uma resposta patológica à impossibilidade de “trabalhar”- *durcharbeiten*- e introjetar esse passado (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 74).

A história deve nos levar a questionamentos contínuos, uma vez que não se lhe atribui como tarefa apenas descrever o passado, mas ainda avaliá-lo criticamente. Quando não se faz isso, o historiador mente por meio de seu objeto. No Brasil, diversos momentos históricos têm sido retomadas na atualidade e reatualizadas por meio de registros de memória documental, testemunhal, literária, cinematográfica e por meio de outros recursos. É o caso do período Escravocrata, que compreende o início da colonização portuguesa no Brasil, entre os séculos XVI e final do XIX, e também da Ditadura Militar, ocorrida no país entre 1964 e 1985. Tais fases durante muitos anos permaneceram intocadas, ainda que representações sociais e políticas reivindicassem uma rememoração ética e progressista, para esclarecer polêmicas e controvérsias. Esses momentos marcaram a história brasileira e estão ligados a ela para sempre. No entanto, os vestígios que temos desse período não são definitivos, há muito que explicar e desvendar, ainda existem lacunas e processos que precisam de investigação e

pesquisas para que os devidos esclarecimentos venham a público. Jacques Le Goff afirma que “a historiografia surge como sequência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões” (LE GOFF, 2003, p. 22), ou seja, sempre haverá novas páginas sobre um mesmo acontecimento, outras permanecerão em branco nos registros históricos, pois não é possível fazer uma tradução fidedigna, definitiva de um momento histórico. Paul Ricoeur, citado por Le Goff, apontará que:

A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado... A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente *évènementielle* virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica. [...] Estas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados (RICOEUR, 1961, p. 226 apud LE GOFF, 2003, p. 16).

Em relação à memória, Jacques Le Goff declara que ela “é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (LE GOFF, 2003, p. 410). Por outro lado, aponta que sempre houve confusão relacionada à compreensão da memória e da história. No que diz respeito a essa última, o autor comemora o desenvolvimento científico dos últimos tempos, o que contribuiu para os avanços da área e sua ligação com as memórias coletivas.

A história dita "nova", que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como "uma revolução da memória" fazendo-a cumprir uma "rotação" em torno de alguns eixos fundamentais: "Uma problemática abertamente contemporânea... e uma iniciativa decididamente retrospectiva", "a renúncia a uma temporalidade linear" em proveito dos tempos vividos múltiplos "nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo" (linguística, demografia, economia, biologia, cultura). História que fermenta a partir do estudo dos "lugares" da memória coletiva. "Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história". Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: 'Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir

os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória (LE GOFF, 2003, p. 408).

Partindo dessas reflexões, buscaremos delinear os aspectos históricos e memorialísticos que estão traçados na narrativa por meio da memória pessoal e coletiva. Segundo a estudiosa Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski “não há uma separação” entre estes dois, “mas um entrelaçamento entre o individual e social” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 182). Para a autora “o indivíduo revive os acontecimentos do passado, mas o faz tanto pelas referências do presente quanto pelo apoio dos grupos que integrou em determinado contexto socioespacial” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 182).

Tais representações têm o intuito de, por meio da reflexão sobre as memórias pessoais do personagem, extrair o sentido de sua relação com a história familiar, sua visão, como representante das elites, sobre o negro e sobre a sociedade brasileira. Assim, neste cruzamento intrincado entre várias memórias - a pessoal, a familiar, a histórica e a de classe social – pretende-se analisar o personagem como ponto de inflexão, de ressonância de um século da história brasileira, uma vez que se trata de um personagem de cem anos, numa situação liminar, entre a vida e a morte. Além disso, destacaremos a memória literária presente na obra.

Leite Derramado traz à cena o desfiar das lembranças de Eulálio Montenegro d’Assumpção, um velho centenário que agoniza numa cama de hospital. Nesta situação de entrelugar discursivo, entre a vida e a morte, num longo fluir da consciência, o narrador expõe sua história e a de sua família, alternando delírio e lucidez, com os diferentes interlocutores com os quais contracenava. A ativação da memória deste narrador, embora se impulse a partir das lembranças individuais, recupera a memória coletiva, a memória de uma classe social, a oligarquia carioca falida, e a memória histórica do próprio país, em muitos de seus momentos importantes. Sob o ponto de vista das lembranças do narrador, desliza todo um imaginário social que, mesmo à revelia do sujeito que recorda, se evidencia como preconceituoso, discriminatório com relação às classes desfavorecidas e, sobretudo, com relação ao negro.

A memória se destaca como um importante elemento constitutivo da narrativa em *Leite Derramado* (2009). É através das lembranças, às vezes desconexas, que a narrativa será construída. Eulálio deseja legitimar e partilhar sua história por meio de suas lembranças, ainda que estas representem “uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p. 10). Para o narrador,

estas recordações são dolorosas, mas também são necessárias, para que ele mantenha registros e as eternize:

Muitas vezes e de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo em que a vejo de perto, confio em que ela mantenha suspensa a sua foice, enquanto eu não der por encerrado o relato da minha existência. Então começo a recapitular as origens mais longínquas da minha família, e em mil quatrocentos e lá vai fumaça há registro de um doutor Eulálio Ximenez d' Assumpção, alquimista e médico particular de Dom Manuel I. Venho descendo sem pressa até o limiar do século XX, mas antes de entrar na minha vida propriamente, faço questão de remontar aos meus ancestrais por parte de mãe, com caçadores de índios num ramo paulista, num outro guerreiros escoceses do clã dos Mckenzie. Até há pouco tempo eu soletrava esses nomes para uma enfermeira, que me deixou depois de espremer minhas memórias até o bagaço. (BUARQUE, 2009, p. 184-185).

Veja-se que o narrador associa o ato de narrar suas memórias, de desfiar sua vivência, e mais, de organizá-la num todo minimamente coerente, são recursos que adiam a morte. Tal imagem é muito comum em relatos de memória, sobretudo em relatos de pessoas idosas para quem a narrativa construindo-se de um espaço liminar se apresenta como recurso importante simultaneamente de registro e de prolongamento do vivido.

Para Michel Pollak (1992), a memória pode se caracterizar pela pessoalidade. Segundo o teórico, esta possui o atributo de ser instável, tanto no âmbito da memória individual quanto na coletiva. Pollak afirma que “na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente íntimos” (POLLAK, 1992, p. 2).

Essa afirmação se aplica a Eulálio Montenegro d' Assumpção, pois existe na narrativa uma perspectiva de esboço, por meio de seu relato memorialístico, um desejo de que suas recordações não se percam, embora o personagem seja marcado por fragilidades ocasionadas pelo avanço da sua idade. No entanto, também o personagem demonstra consciência de que a recorrência de certas lembranças no decorrer de toda a vida é motivada pela importância dos eventos lembrados, de modo geral aqueles dolorosos: “Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida” (BUARQUE, 2009, p. 163).

O narrador fará essas interlocuções e expressará o desejo e a preocupação de que suas lembranças sejam redigidas pelas enfermeiras que o atendem no hospital: “A outra menina não é má pessoa, mas na pressa sempre derruba meus remédios, além de não tomar nota das coisas que falo” (BUARQUE, 2009, p. 61). Em outro momento, elogia a boa vontade daquela que registra suas lembranças: “A coitada ganha uns caraminguás no plantão noturno, atende a

todo mundo ao mesmo tempo, e ainda tem de escrever minha memória” (BUARQUE, 2009, p. 70). Depois, chega a ser meio arrogante, como se a enfermeira estivesse à sua disposição: “Do jeito que anda sumida, quando você compilar minhas memórias vai ficar tudo desalinhado, sem pé nem cabeça” (BUARQUE, 2009, p. 155). Mas também tece considerações sobre o que deseja que não seja lembrado, evidenciando que em todo registro de memória há a interferência do sujeito que narra o vivido: “Matilde o fez jurar pela Bíblia que não me revelaria seu paradeiro, mas esta passagem nem precisa constar das minhas memórias” (BUARQUE, 2009, p. 163).

Outro fato importante nas memórias do narrador é a insistência em recordar sua esposa Matilde, a única mulher que amou verdadeiramente, desaparecida no passado, grande marco memorial em sua vida e, conseqüentemente, também na narrativa. Nos seguintes fragmentos percebemos isso: o primeiro reproduz uma interlocução entre o narrador e a filha - “meu desejo pela sua mãe continua vivo, sua lembrança me assaltava na cama, no banho, na escada, a cozinha eu até evitava” (BUARQUE, 2009, p. 93). O segundo remete a um fluxo de consciência: “só da minha mulher, ainda tenho na cabeça um baú repleto de reminiscências inéditas” (BUARQUE, 2009, p. 185), ou seja, resíduos e recordações acerca da esposa. E por último uma recordação mais dolorosa: “acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 117).

Matilde é o monumento simbólico do romance. O estudioso Hugo Achugar (2006) nos diz que: “no monumento está à chave” (ACHUGAR, 2006, p. 168). O teórico nos aponta que: “Vencer tempo e esquecimento, disso trata o monumento, reafirmar uma origem” (ACHUGAR, 2006, p. 168). O narrador deseja eternizar o personagem:

Se não fossem meus tremores e câimbras nas mãos, eu preencheria de meu próprio punho, com caligrafia miúda, um caderno para cada dia vivido ao lado da minha mulher. Já depois que ela se foi, meus dias seriam de imenso papel para pouca tinta, extensos e vazios de acontecimentos (BUARQUE, 2009, p. 185).

A partir do fragmento podemos refletir no que diz o pesquisador Achugar(2006). Este observa que o monumento está intrinsecamente ligado à memória, assim ocorre em *Leite Derramado*, as lembranças de Eulálio estão interligadas ao desejo e às recordações que este nutre pela mulher, mesmo com o desaparecimento dela, por toda narrativa haverá rastros do personagem.

Em Matilde está o vínculo de Eulálio com o passado e o presente. Como dissemos anteriormente ela representa a metáfora do monumento, é a objetificação da memória do narrador, como um símbolo do passado o personagem é preservado e fossilizado na narrativa,.

Esse anseio pelo registro é construído ao longo de todo romance, contudo, a ativação dessa memória pelo narrador ocorre de forma descontrolada, condição que é explicitada pelo personagem: “[...] minha cabeça às vezes fica embolada. É uma tremenda barafunda, filha [...]” (BUARQUE, 2009, p. 39). Eulálio afirma também que não é sua culpa “se os acontecimentos às vezes vêm à sua memória fora da ordem em que se produziram”. Para ele “é como se, a exemplo da correspondência do doutor Blaubaum, algumas lembranças me chegassem de navio, e outras já pelo correio aéreo” (BUARQUE, 2009, p. 188). Na verdade, percebemos que há um acordo tácito entre o narrador e o autor empírico, sujeitos da enunciação, para garantir a recuperação das memórias de Eulálio, mesmo esse tendo a consciência dos diversos fatores que comprometem essa rememoração e da fugacidade da palavra enunciada oralmente: “talvez valesse a pena providenciar uma gravação dos meus depoimentos” (BUARQUE, 2009, p. 185).

O historiador francês Jacques Le Goff definirá a memória como fenômeno individual e psicológico; afirmará também que a “memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). No romance, o narrador confirma esta forma conflituosa de se encarar a memória:

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor de minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto. Em tempos encontrei certo coronel num corredor sombrio do hospital do exército. Ele afirmou que estivera comigo quando ainda era terceiro-sargento, mas seu rosto na penumbra não me dizia grande coisa. Nem decerto o meu a ele, que me reconheceu pelo nome. Mas aí a minha lembrança não era recíproca, e nesses casos, para não magoar o próximo, a gente costuma dizer, ah, sim, claro, como vai, e fica por isso mesmo. Porque dá preguiça vasculhar a memória tempo inteiro [...] (BUARQUE, 2009, p. 41-42).

É importante recuperar a definição de memória coletiva já que a narrativa de *Leite Derramado* parte da recuperação individual das lembranças de Eulálio, para assim alcançar a

coletividade. As duas se complementam. O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) afirma que:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 15).

Será nesse plano coletivo e individual que a função do narrador se impõe como proposta estética para interlocução discursiva em *Leite Derramado*. Como salientado por Pollak, “os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade” (POLLAK, 1992, p. 2) serão os norteadores do enredo para melhor compreensão do romance.

A tentativa de resgate das lembranças pelo narrador, em alguns momentos, gera conflitos e vaidades. É o que vem sendo apontado pela fortuna crítica do romance como as dissertações de Carla Ranzani Magatti da Silva (2011) intitulada *Memória, Mito e Utopia em Leite Derramado* e de Ari Silva Mascarenhas de Campos (2014) *A arte de contar histórias: Uma poética da memória em Leite Derramado de Chico Buarque*. O primeiro estudo ressalta o diálogo entre o título do romance e o resgate da memória. Segundo Silva, esta última está infectada com uma mescla de fatos sobrepostos na narrativa. Assim como o leite que se derrama e se mistura com as impurezas do solo, a memória na trama é elaborada de maneira confusa uma vez que recebe interferências do espaço, do estado temporal que se destaca pela circularidade e também pelas inúmeras histórias escutadas. Além disso, Silva observa que o “[...] leite ao se derramar cria uma imagem representativa do próprio romance; uma vez que, o líquido quando derrama, toma a expansão capaz de não conter-se, misturando-se a uma superfície” (SILVA, 2011, p. 30). Uma cena que ilustra a assertiva de Silva (2011) na narrativa de *Leite Derramado* (2009), e de certa maneira nos fornece indícios para refletirmos a respeito do título do romance, é a imagem de Matilde ante a pia do banheiro, seus seios derramam leite no lavabo, o narrador, e marido do personagem, observa de longe. Eulálio relembra a cena e a descreve,

[...] vi foi Matilde debruçada na pia, como se vomitasse. Por um segundo me ocorreu que pudesse estar grávida, depois vi seu ombro direito nu, ela arriara uma banda do vestido. Corri para abraçá-la, envergonhado do meu mau juízo, mas ela apumou o vestido bruscamente e se esquivou de mim, deixando a torneira aberta. E vi respingos de leite nas bordas da pia, o ar

cheirava a leite, vazava leite no vestido da sua mãe [...] (BUARQUE, 2009, p. 136).

Os dois fragmentos relacionam-se e funde-se metaforicamente. Silva (2011) nos aponta a imagem alegórica do “leite que se derrama” como emblema do próprio romance, por outro lado a imagem de Matilde simboliza não somente a impossibilidade biológica da não amamentação, como explica o narrador que “da noite para o dia seu leite secou” (BUARQUE, 2009, p. 96), mas também expressa a ruína de seu relacionamento e o início de sua decadência.

No segundo trabalho, Campos (2014) assegura que a memória está sempre à mercê da conveniência do narrador. A proximidade da morte moverá o protagonista a uma procura incessante por suas memórias e pelas memórias dos seus antepassados para delas fazer o registro e também para a procura, sempre frustrada embora, de dar um sentido à vida. Para Campos, o propósito do sujeito ficcional seria o de não encerrar em si mesmo o legado e a importância que o narrador julga que a família Assumpção possui na história político-social do Brasil (CAMPOS, 2014, p. 23).

Eulálio é o genealogista dos Assumpção e Montenegro, restando-lhe a incumbência de não permitir que toda a história de sua família sucumba juntamente com o seu corpo febril e mortal. A trajetória, com seus altos e baixos, que revela alguns descaminhos dessa “estirpe”, habita em sua memória como única herança inconsumível [...] (CAMPOS, 2014, p. 42).

Ecléia Bosi (1994) afirma que o velho é um recordador oficial em nossa sociedade. A partir do momento em que deixa de ser um indivíduo produtivo economicamente, e paralelamente, perde o lugar social e de influência em seu núcleo, resta-lhe a função de lembrar e “a de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 1994, p. 63). Eulálio é um eco de seus antepassados, o que se tornou reflete isto. Hoffmann-Horochovski afirma que:

[...] nós não percebemos que não somos senão um eco. Toda a arte de um orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmos, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz. De uma maneira ou de outra cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto aos seus membros (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 175, apud, HALBWACHS, 2004, p. 51).

No fragmento percebemos que a memória individual e a coletiva entrelaçam-se, o sujeito ficcional, simbolicamente representado pelo narrador Eulálio na narrativa, possuía linguagem como a única maneira de eternizar os seus e a si mesmo.

Considerando a proposta inicial, destacaremos dois segmentos nas recordações do personagem: a memória da oligarquia carioca, da qual fez parte a família Assumpção; a memória histórica brasileira, articulada à memória individual e à memória coletiva, igualmente, construídas por meio e a partir do olhar do narrador do romance *Leite Derramado*.

Serão as recordações do narrador Eulálio que darão suporte à narrativa para compreendermos como se configura a representação estética, sociológica e histórica dos personagens que são apresentados no romance: seus pais, Maria Eulália, sua filha, o neto, o bisneto, o tataraneto, sendo que o narrador, ao lembrar-se desses últimos, sempre faz confusão ao tentar distingui-los.

Aquele que veio me ver ninguém acredita, é minha filha. Ficou torta assim e destrambelhada por causa do filho. Ou neto, agora não sei direito se o rapaz era meu neto ou tataraneto ou o quê. Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já tinha esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes, mais as reminiscências dessa gente toda, até o tempo de Napoleão. (BUARQUE, 2009, p. 14).

Segundo Maria Paula Nascimento Araújo e Myrian Sepúlveda dos Santos, no artigo "História, Memória e Esquecimento: implicações políticas" (2007), a memória atua por meio de um método seletivo, além disso, "a memória individual ou coletiva, é vulnerável a usos e manipulações" (ARAÚJO, SANTOS, 2007, p. 98). Tal perspectiva é produtiva para evidenciar o quanto o narrador Eulálio Montenegro d'Assumpção detém poder sobre as lembranças que serão selecionadas para rememorar os personagens dispostos na narrativa. As autoras registram que "a lembrança está vinculada àqueles que têm o poder, pois são eles que decidem quais narrativas deverão ser lembradas, preservadas e divulgadas" (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 99). Ainda que doente e falido, o narrador acredita que o brasão familiar o respalda a ser o indivíduo que assume a voz dos demais.

Assim, reitere-se, a memória histórica e cultural brasileira, articulada à memória individual e à memória coletiva, possibilita ao narrador a recuperação de momentos histórico-

culturais significativos do Brasil dos tempos do Império e da República. Mas, toda esta matéria lembrada se cumpre função de exaltar as origens familiares e de classe social do narrador, ao mesmo tempo veem desconstruída sua importância no tempo presente, não sem uma certa nostalgia das posições passadas de poder.

Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. (BUARQUE, 2009, p. 50).

O narrador, como se vê, insiste em ostentar a origem nobre de sua família, confirmada por meio das relações de seus antepassados com figuras representativas do sistema político brasileiro. Seus antepassados desembarcaram no Brasil com a família real portuguesa, frequentavam os nobres: “meu avô foi comensal de dom Pedro II, trocou correspondência com a rainha Vitória” (BUARQUE, 2009, p.51) e, além disso, mantinham estreitas relações com o alto clero católico.

Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos para África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele. Possuía cacaus na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio e está enterrado no cemitério familiar da fazenda na raiz da serra, com capela abençoada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro. (BUARQUE, 2009, p. 15-16)

No entanto, o contraditório é que este mesmo homem, o avô antes rememorado pelo narrador como abolicionista, é resgatado agora nas lembranças como filho de um contrabandista de pessoas que foram escravizadas e posteriormente herdadas por ele. “Não sei se alguma vez lhe contei que meu bisavô foi feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique” (BUARQUE, 2009, p. 78-79). Ressalte-se no trecho citado a visão idealizada da escravidão, visão partilhada por muitos e presente no imaginário nacional, e que afirma que, no Brasil, senhores e escravos faziam parte de uma mesma família. Segundo tal visão, a escravidão no Brasil teria sido “mais branda”, comprovada pela permanência dos ex-escravos junto aos seus ex-senhores. É claro que tal contexto se dava, muitas vezes, por falta de opção dos ex-escravos, muitos velhos ou incapacitados para o trabalho livre, em decorrência de uma vida de sofrimento e trabalho extenuante. Todo este imaginário serve como suporte ideológico das oligarquias para a manutenção do domínio de classe e para a permanência de sua posição de poder. No entanto, de alguma forma, como este domínio de classe também se estende a configurações do

imaginário nacional, tais visões são assumidas e introjetadas na visão que se tem do homem brasileiro e de sua inerente cortesia.

O ancestral do narrador é um representante contraditório do período Escravocrata brasileiro, datado de 1530 a 1888. Este período histórico foi considerado uma experiência mercantilista nefasta, em que se utilizou mão de obra de povos que foram escravizados, trazidos do continente africano, embora também seja o período em que se constituiu a escravidão como um dos pilares da colonização portuguesa no Brasil, que marcou por isso diversos aspectos da cultura e sociedade brasileira até a contemporaneidade.

O narrador recorda que o pai, Eulálio Ribas d' Assumpção, “era um jovem político bem conceituado, sua fortuna de família era antiga” (BUARQUE, 2009, p. 78). Durante a primeira República, continuam as influências familiares pelo convívio com os poderosos. O pai se destaca nesse cenário como um notável senador. Todas estas informações sobre a vida familiar se mesclam aos acontecimentos históricos, muitos deles ficcionalizados na narrativa. Há, por exemplo, uma clara referência à Guerra do Contestado, revolta ocorrida no sul do Brasil, entre os estados do Paraná e Santa Catarina nos períodos de 1912 e 1916.

[...] meu pai presidia a comissão de assuntos agrários do senado, houve uma rebelião de caboclos fanáticos no sul. E toda noite uma assessora telefonava para que mamãe não o esperasse, pois o senador ficaria retido até de manhã em assembleia permanente, ou em conferência no Estado-Maior do Exército, ou a portas fechadas com o presidente Venceslau (BUARQUE, 2009, p. 73).

Tais traços simbolizam a condução do país por uma elite que política e economicamente se encontrava inerte, e também corrompida, antes mesmo da formação do Brasil enquanto nação. São desafiados elementos que apontam para origem a da classe burguesa brasileira e para seus vícios e ilícitos. Toda esta matéria que forjou a família Assumpção caracteriza emblematicamente a identidade da aristocracia brasileira como segmento dominante alheio às necessidades da população, uma vez que apenas interessada em obter vantagens, preservar e manter o capital familiar e o poder político.

Duas outras referências históricas têm destaque nas lembranças de Eulálio. A primeira é a Revolução de 1930, movimento que colocou fim à República Velha. A ação foi comandada pela oligarquia dissidente, paralelamente conduzindo Getúlio Vargas ao poder. A capital da República, que no período era a cidade do Rio de Janeiro, foi tomada pelos revolucionários. É interessante lembrar que a Revolução de 30 foi um movimento de uma parcela das oligarquias que, sensíveis a um momento histórico de mudanças no país, sentiram

a necessidade de modernizarem-se para não perder os privilégios. Narrando com destaque tal movimento, fica evidente a posição conservadora de Eulálio e o começo de degradação da influência de sua família. Ressalte-se a ironia com relação à figura de Getúlio Vargas.

A outra referência é à Ditadura Militar, período compreendido de 1964 a 1985. No exemplo que se segue, os dois eventos – a Revolução de 30 e a ditadura de 1964 – têm sua importância enquanto ressonância na vida familiar.

Eulálio Montenegro d' Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai Eulálio Ribas d' Assumpção, com aquela rua atrás da estação de metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça arborizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram o seu nome pelo de um caudilho gaúcho. A senhora já deve ter lido que em 1930 os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossas tradições no lixo. Tempos mais tarde um prefeito esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel. Mas vieram os militares e destituíram meu pai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com nome de um tenente que perdeu a perna. Enfim, com advento da democracia um vereador ecologista não sei porque cargas-d' -água conferiu a meu pai aquela rua sem saída (BUARQUE, 2009, p. 77).

Outro personagem histórico que é lembrado por Eulálio será o rei Alberto da Bélgica, que esteve no Brasil oficialmente em 1920. O recurso ao humor é mais uma vez utilizado para, mesmo que à revelia do narrador, se faça a crítica às posturas ridiculamente subservientes das oligarquias brasileiras com relação aos europeus.

Pensou que fosse um congresso de mágicos, ao ver meu pai de cartola com ministros e embaixadores, na Exposição do Centenário da Independência. Então expliquei que papai foi o político mais influente da Primeira República, contei que o rei Alberto costumava vir da Bélgica se aconselhar com ele, até aponte numa foto a rainha Elizabeth como sendo minha mãe (BUARQUE, 2009, p. 171).

Somando-se a isto encontramos nas lembranças de Eulálio relatos retomando o ápice da grande queda econômica no século XX, o craque da Bolsa de Valores de Nova York, datado de 1929, uma prova de que a família Assumpção esteve presente ativamente nas transformações da economia brasileira no decorrer de seu desenvolvimento. Segundo Caio Prado Júnior, em sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), a característica fundamental da organização do capital econômico no Brasil era apresentar uma estrutura organizada por meio da produção agrícola para sua subsistência, a princípio, e depois visando o mercado externo. Para o estudioso, o crescimento econômico brasileiro se destacou pela instabilidade “no tempo e no espaço” (PRADO JR, 2011, p. 134), tingindo-se das cores do

liberalismo econômico com um perfil social autoritário. Metaforicamente os antepassados do narrador são representantes dessa abertura ao liberalismo:

Em Paris fui recebido com pasmo, me perguntaram se na América do Sul não chegavam notícias do mundo. Havia mais de um mês fora sustada a importação de café com toda Europa, levando a falência os atacadistas sócios do meu pai. Em Londres me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York. Era o caso do espólio da família Assumpção, desafortunadamente aplicado no mercado de ações norte-americano (BUARQUE, 2009, p. 59).

Encontramos considerações históricas acerca das duas grandes guerras mundiais, a primeira datada de 1914 a 1918, e a segunda entre 1939 e 1945. A função do narrador, aqui, não é somente assumir o papel de tornar conhecidas as lembranças de outrem, mas a daquele que escolhe o que é pertinente ser lembrado, e mostrar-se familiarizado e estar próximo de grandes questões históricas, pode ter a finalidade de creditar certo status àquele que a possui, não somente para Eulálio, mas também aos seus antepassados.

[...] ficaria boquiaberta com os relatos de Dubosc, que lutou como voluntário na Grande Guerra Mundial. Ele um dia me contou que foi lugar-tenente do exército francês, chegou a mencionar um ferimento a bala em campos da Picardia, mas depois não desenvolveu mais o tema. (BUARQUE, 2009, p. 110).

E depois de um cartão postal da Argélia, que recebi em 1940 com um ano de atraso, nunca mais tive uma linha do doutor Blaubaum. Melhor assim, pois havia estourado outra Grande Guerra, nosso governo hesitava em tomar partido, e poderia ser mal interpretada minha correspondência com um hebreu. Especialmente agora que eu aspirava a um cargo de responsabilidade no serviço público, pois a mesada de mamãe não acompanhava a inflação, tive até de vender meu carro. Eu andava cogitando o pai de Matilde, que conforme disse a minha mãe, até no entourage do presidente Getúlio Vargas conseguira se enxerir (BUARQUE, 2009, p. 190).

Retomando as memórias sobre a ditadura de 1964, os descendentes do narrador neste período diversificaram-se indo de comunista a traficante. Seu neto, Eulálio d' Assumpção Palumba, comunicou ao avô que se tornara comunista. Isto ainda durante o governo de Jango Goulart. Eulálio imediatamente pensou na possibilidade das vantagens políticas da posição ideológica do neto, mas para sua desilusão, “em vez do comunismo, veio a Revolução Militar de 1964” (BUARQUE, 2009, p. 126). Eulálio d'Assumpção Palumba Neto, trineto do narrador, “faz comércio de entorpecentes, acho que outro dia o vi com a namoradina nessa televisão, os dois algemados num aeroporto, escondendo a cara” (BUARQUE, 2009, p. 120). A história familiar de Eulálio confunde-se com o que acontece política, econômica e

socialmente com a classe dominante no país, com especial realce para sua fragmentação moral.

No que se refere à memória espacial, o cenário da narrativa apresenta duas faces da cidade do Rio de Janeiro: a antiga e a moderna. Desapropriações e mudanças arquitetônicas compõem a narrativa; o enredo perpassa a fase de reconstrução e urbanização do Rio de Janeiro, mostrando a própria família Assumpção vivenciando este processo.

Mas o nosso chalé em Copacabana já veio abaixo, e de qualquer forma eu não moraria com você na casa de outro casamento, moraremos na fazenda raiz da serra. Vamos nos casar na capela que foi consagrada pelo arcebispo do Rio de Janeiro em mil oitocentos e lá vai fumaça. [...] Mas se você não gostar da raiz da serra por causa das pererecas e dos insetos, ou da lonjura ou de outra coisa, poderíamos morar em Botafogo, no casarão construído por meu pai. Ali há quartos enormes, banheiros de mármore com bidês, vários salões com espelhos venezianos, estátuas, pé-direito monumental e telhas de ardósia importadas da França. Há palmeiras, abacateiros e amendoeiras no jardim, que virou estacionamento depois que a embaixada da Dinamarca mudou para Brasília. Os dinamarqueses me compraram o casarão a preço de banana, por causa das trapalhadas do meu genro. [...] Aliás, bem em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais. E, mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia. (BUARQUE, 2009, p. 6-7).

Da janela do meu prédio vizinho, eu assistira à demolição do chalé, vi cheio de pudor meu quarto com Matilde destelhado, vi ruir nossa laje, nossas paredes se desmanchando em pó e as fundações quebradas à picareta. No lugar dele subiu um edifício modernista, e tomei por uma delicadeza do arquiteto a construção suspensa sobre pilotis, para não soterrar de vez minhas recordações. (BUARQUE, 2009, p. 151).

A estudiosa Marisete Hoffmann-Horochovski (2013) aponta que “o espaço é intrínseco à memória. Todos os pensamentos e todas as lembranças fazem a ele referência, ou melhor, são localizados espacialmente; sua importância é indubitável nas reflexões sobre a memória” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 182). A forma como Eulálio apresenta os personagens está ligada à cidade do Rio de Janeiro, incluindo nesta forma as mudanças urbanísticas que sofreu a capital da República.

A teórica ainda indica que tal como o tempo, o espaço “é fundamental para o desenvolvimento da memória” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 181). Afirma que “o recuo ao passado sempre ocorre dentro de um quadro tempo-espacial determinado” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 181), o tempo e espaço podem ser coletivos. Além

disso, o espaço pode ser “econômico, familiar, lúdico, religioso, entre outros” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 182).

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808, Dom João VI importou costumes franceses, com intuito trazer sofisticação e requinte para cidade do Rio de Janeiro, visando trazer melhorias de que modernizassem aquela que seria a capital do império. Na narrativa isto é exemplificado, evidenciando, entre outras coisas, a dependência cultural das nossas elites dominantes com relação à Europa e o artificialismo e a excludência do processo de modernização levado a cabo por elas.

No que diz respeito à memória sociológica, o romance *Leite Derramado* (2009) dialoga com algumas obras, dentre elas se destacam *Casa Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* (1936), do historiador Sérgio Buarque de Holanda, algumas das obras fundadoras das ciências sociais e historiográficas no Brasil. Os dois ensaios contribuem para pensar o país criticamente em termos de passado.

O primeiro ensaio antropológico apresenta a vida cotidiana no Brasil colonial, com a presença de seus agentes: o colonizador, o homem branco, os negros escravizados e os indígenas. A obra diz sobre a interpenetração cultural e a sexualidade na colônia. Freyre (1998) propõe um estudo crítico sobre “o equilíbrio de antagonismos no Brasil escravagista”, inferindo que a “força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda riqueza dos antagonismos equilibrados” (FREYRE, 1998, p. 335). Embora o termo ‘ mito da democracia racial’ não seja sequer mencionado por Freyre, destacamos que sua obra propagou o conceito, no Brasil e no exterior, de um universo nacional idílico e harmônico culturalmente. Como tão bem expressa o antropólogo Hermano Vianna (2000), constata-se nas páginas do livro de Freyre todo o horror da nossa sociedade escravocrata, ou seja, a obra não esconde a perversidade da Casa Grande no tratamento dos indivíduos escravizados. No entanto, como afirma o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, no artigo *Livros que inventaram o Brasil* (1993), Freyre idealiza o preconceito racial demonstrando “que tudo se assimila em nossa cultura”. Nosso intuito é problematizar questões como essas para estabelecer caminhos para uma análise crítica da narrativa. Neste sentido, Maria Nazareth Soares Fonseca observa:

É pertinente observar que em decorrência do modo como a sociedade brasileira lidou com a questão escravocrata, as imagens de negro e de negrura continuam a ser modeladas por uma gama imensa de preconceitos que podem ser percebidos em diferentes lugares sociais ainda que, muitas

vezes, encobertos por eufemismos que contornam o fato de o país haver decidido ver-se, particularmente a partir da metade do século XX, como mestiço e a reconhecer a pluralidade étnica de sua população. Tal atitude não pode evitar, no entanto, que mesmo nessa face mestiça se acentue uma simbologia estruturada a partir de um código específico que define os modos com que a população de afrodescendentes passa a ser significada de forma convencional e ideológica (Fonseca, 2006, p. 92).

A afirmação de Fonseca fornece subsídios para a compreensão do caráter do narrador Eulálio d' Assumpção. Ao longo da narrativa, se apresenta como um herdeiro ideológico de seu avô, suposto abolicionista. Iremos constatar que o protagonista do romance é sucessor de uma ideologia racial excludente. Algumas expressões e palavras de teor pejorativo - “mulato suarento” (BUARQUE, 2009, p. 50), “cabelo pixaim” (BUARQUE, 2009, p. 75) e “crioulo” (BUARQUE, 2009, p. 116), - são proferidas pelo narrador, em contextos que evidenciam o pouco valor conferido aos negros e à herança cultural africana no Brasil. Vejam-se, especialmente, as considerações negativas que faz sobre o “candomblé” (BUARQUE, 2009, p. 193) e o “samba” (BUARQUE, 2009, p. 115).

A segunda obra nos revela aspectos da cultura brasileira e do comportamento da nossa sociedade relacionados ao patrimonialismo, personalismo e patriarcalismo, atribuindo tais condições a nossa herança ibérica. Ao prefaciар *Raízes do Brasil*, Antonio Candido dirá que tanto este ensaio, como *Casa Grande & Senzala* fazem parte dos “livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual” (HOLANDA, 1995, p. 9). A terceira obra que faz parte desse grupo é a *Formação do Brasil Contemporâneo (1953)*, de Caio Prado Júnior.

Eulálio Montenegro d'Assumpção é a personificação dessas representações sociológicas, pois utilizará de seu privilégio e da reputação ligada ao seu sobrenome para obter vantagens. Cabe ressaltar que os antepassados do narrador, e ele mesmo, é um legítimo representante da “Casa Grande”, ainda que falido. Em capítulos seguintes, estes tipos e representações serão retomados.

Com relação à memória escravagista e rememorações explícitas de racismo no Brasil, o narrador se contradiz e demonstra atitudes preconceituosas e racistas recorrentemente em muitas passagens da narrativa. Em uma delas, ele tentará amenizar a agressão feita a um chofer negro fazendo alusão ao avô abolicionista e às aventuras que o ancestral viveu no continente africano, com o objetivo de fundar uma nação para os negros, chamada “Nova Libéria”.

Creiam que ele visitou em mil oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nova nação para os ancestrais de vocês. Viajou de cargueiro até Luanda, esteve na Nigéria e no Daomé, finalmente na Costa do Ouro encontrou antigos alforriados baianos na comunidade dos Tabom, assim chamados porque da nossa língua conservaram o cacoete de falar tá bom. E diante do meu avô repetiam o seu bordão, como a corroborar que era uma terra auspiciosa, a Costa do Ouro, para tal empreendimento. **E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, meu avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria. Vovô era mesmo um visionário, desenhou de próprio punho a bandeira do país, listras multicores com um triângulo dourado no centro, e dentro do triângulo um olho.** Encomendou o hino oficial a Carlos Gomes, enquanto arquitetos britânicos projetavam a futura capital Petróvia. Conquistou apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos da África pudessem retornar as origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância. (BUARQUE, 2009, p. 50-51, grifo meu).

Eulálio expõe o desejo do avô, de forma bem humorada e irônica, fazendo uma série de interlocuções: por um lado um discurso abolicionista, com a intenção explícita de libertar os indivíduos escravizados. Tais juízos são exemplo das ideias liberais do início do século XIX. Um dos representantes desse grupo foi o político, diplomata, historiador e jurista Joaquim Nabuco, cuja obra *O Abolicionismo (1883)* tornara-se um documento de denúncia, favorável à ética e à moral. O processo das ideias liberais ligadas à abolição iniciou-se com a oposição ao tráfico negreiro e promulgação da lei de quatro de setembro de 1850 e culminou com a emancipação dos escravizados em 1888. Não se pode esquecer que as consequências da ausência de políticas públicas para esses sujeitos pós-abolição foram muito danosas. A ironia no fragmento acima transcrito está demarcada pelo cruzamento de vozes, uma que aponta para o imaginário já explicitado, e a outra que propõe a criação ficcional de um país para abarcar aqueles que se tornaram para os poderosos do período, um embuste. Inclui-se na categoria de abastados a família do narrador. Outra questão subtendida é o reforço às ideias racialistas que permeavam o país no século XIX.

Consta que à época, muitos abolicionistas usavam estas ideias como “moeda política”, digamos assim. Mas, nem por isso eram menos racistas. Com relação a isso, propagava-se uma ideia de cordialidade, de magnanimidade com os “inferiores”, como disfarce da vigente violência nas relações sociais, marcadas pela inferiorização do negro e pelo preconceito racial. Veja-se que a chamada cordialidade do homem brasileiro não significa bondade apenas, ela pode evocar inimizade, ódio, ira, dentre outros sentimentos. A origem etimológica da palavra cordial relaciona-se a coração, acredita-se que para o mal ou bem, que este é o lugar onde habita todos os sentimentos da alma sejam eles bons ou não.

Segundo o historiador, Sérgio Buarque de Holanda, no que se refere ao conceito sociológico do Homem Cordial, este dirá que “se elimina aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas” (HOLANDA, 1995, p.205).

A estudiosa Ana Amélia de Paula Laborne afirma que a “construção da identidade nacional brasileira foi um ato político e deliberado de nossas elites brancas que se deu através da articulação da mestiçagem e do ideal de branqueamento como um projeto de nação” (LABORNE, 2014 p. 17). Isso se confirma pelo cenário político social pós-abolição da escravatura no Brasil. A organização de vida e do trabalho dos negros libertos se converteu em despojo e crueldade. Brutalidade, de resto, que já informava as relações senhor/escravizados. Segundo Florestan Fernandes, a situação dos ex-escravos se transformou em um drama material e moral (FERNANDES, 2008, pág.32), já que a maior parte da mão de obra dos pretos livres foi dispensada e o serviço assalariado foi absorvido pelos imigrantes. Estes últimos foram atraídos para o país visando suprir a demanda de empregos. O trabalhador imigrante era preferido para ocupar os postos de trabalho nas fábricas também por contemplarem as políticas de embranquecimento do Estado, pois se acreditava na inferioridade do negro, a mestiçagem era considerada um grande mal, o eurocentrismo dava o padrão social, cultural, político e econômico para o país.

Ainda sobre a mão de obra negra no mundo do trabalho assalariado no Brasil pós-abolição, Florestan Fernandes, em sua obra *O negro no mundo dos brancos (1972)*, mostra a influência de cinco fatores que dificultaram essa inserção. Dirá, inicialmente, que “o negro não fora adestrado previamente, como escravo ou liberto, para os papéis socioeconômicos do trabalhador livre” (FERNANDES, 2008, p. 109) e que o negro livre “não possuía nem o treino técnico, nem a mentalidade, nem a autodisciplina do assalariado” (FERNANDES, 2008, p. 109). A segunda justificativa do autor relaciona-se aos imigrantes que eram considerados “mão-de-obra com melhor qualificação, como produto da imigração intensiva, concorreu para modificar rapidamente a mentalidade dos empregadores”. O estudioso afirma também que “a escravidão despojou o negro de quase toda sua herança cultural e socializou-o tão somente para papéis sociais confinados” (FERNANDES, 2008, p. 110). O quarto fator destacado seria que “a população negra converteu-se numa população altamente móvel” (FERNANDES, 2008, p. 111), uma vez que somente as mulheres desse grupo eram empregadas, na maioria das vezes, em serviço doméstico se era “dela [que] provinha o sustento parcial ou total da casa” (FERNANDES, 2008, p. 111). Finalmente, verificou-se, a partir desse cenário, a decadência moral, econômica e social no universo dos indivíduos de

pele negra, acrescentado do estigma de que o alcoolismo, a vadiagem, a prostituição, a criminalidade fossem marcas especificamente desta população. O quinto e último elemento evidenciado pelo teórico é o de que “o negro e o mulato não dispunham das técnicas sociais que lhes facultassem o controle eficiente de seus dilemas e a superação rápida dessa fase de vida social anômica” (FERNANDES, 2008, p. 112).

Os caminhos explicitados anteriormente por meio das ideias de Fernandes (1972), em alguns casos, são simplórios, porque culpabilizam os negros. Esperava-se, segundo o estudioso, solidariedade e piedade da comunidade brasileira para com os negros libertos. No entanto, o que de fato precisaria ter sido implementadas eram políticas públicas eficientes que garantissem a transição dos agora libertos à vida comum. Foram imputadas a eles humilhações e culpa pela criminalidade que ocorria naquele período, ou seja, logo depois da abolição. Registre-se que, na atualidade, igualmente as mesmas avaliações são constatadas por muitos setores da sociedade, entre outros motivos, como uma herança trágica da escravidão.

No tocante à memória literária, há em variadas obras o enfoque do tema. Dentre elas se destacam *Quincas Borba* (1891), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. Para Lohanna Machado, na monografia intitulada “*Inspiração Machadiana, Ironias e Ardis Implícitos* (2013)”, as duas últimas obras referidas e *Leite Derramado* (2009) correlacionam-se no que concerne a ironia. O objetivo da autora é analisar “como a ironia do autor implícito em *Leite derramado* estrutura a obra e a influência de Machado na composição desse autor implícito” (2013).

Outra relação possível é a que se dá entre os personagens Capitu, de Machado, e Matilde, de Chico, ambas sexualizadas e vítimas do ciúme doentio de seus companheiros. Igualmente, o desfecho dos dois romances em relação às duas personagens fica indefinido. Em relação à primeira obra machadiana citada, o estudioso Augusto Massi (2009), em sua crítica a respeito de *Leite Derramado* (2009), afirma que “Chico dialoga com a ficção delirante de *Quincas Borba*”.

Neste capítulo procurei conceituar memória e história, e problematizar seus conceitos. Ao citar fatos históricos relacionando com a memória coletiva, indiretamente, Eulálio torna-se o interlocutor da memória de sua família e do país, considerando seus vícios e o caos moral destes.

Segundo a pesquisadora Maria Luiza Rodriguez Souza (2008), no Brasil “há traumas históricos fundamentais que passam pelo processo alternado de esquecimento e rememoração para constituir a nossa contemporaneidade” (SOUZA, 2008, p. 58). Não conseguimos lidar com as nossas memórias, nos retraímos com o seu apagamento, recalamos os eventos históricos significativos, tais como o escravismo, o tráfico negreiro, o extermínio dos indígenas, a ditadura militar, dentre outros acontecimentos, o que demonstra que somos incapazes de refletir com profundidade sobre tais questões. É preciso ressignificar as tensões e questionamentos que surgem ao manipular a memória para que, de alguma maneira, o passado seja dominado e reinventado.

Em última análise, a memória como vimos no romance, marcada por fragmentações, pode ser frágil e enganosa. Que intenções tem o sujeito que escava e traz à superfície essa memória? Por que o faz? Evidentemente que ao manusear literariamente as memórias do narrador Eulálio Montenegro d’Assumpção, complexidades e lacunas surgiram: ainda assim, foi com intenção de investigar tais aspectos até aqui suscitados que este estudo propôs essas reflexões.

CAPÍTULO II - Discurso, Poder e Racismo

2.1 A perspectiva do Autor Implícito

Antes de delinear as perspectivas do autor implícito em *Leite Derramado* (2009), achamos prudente discorrer a respeito da autoria como hipótese interpretativa. Umberto Eco (1994) em sua obra *Seis passeios pelo bosque da ficção* desenvolve conceitos como autor empírico e autor modelo. O primeiro se caracteriza por ser a entidade física responsável pela escrita gráfica da obra; o segundo distingue-se por ser o ente que irá preparar o terreno ficcional para que o leitor possa percorrer “o bosque” (metáfora pensada pelo teórico, para pensar analogicamente nos envolvidos na estratégia textual). Este último assume a postura de criar estratégias, lacunas e pistas para fisgar possíveis leitores modelos. Esse a quem é dirigido o enunciado, capta informações e aceita como verdade o que está ocorrendo ficcionalmente.

Já o autor implícito é uma instituição intermediária e ficcional que se coloca entre o autor real/empírico e o narrador, ocultando-se por detrás dessas instâncias. Elri Bandeira de Sousa (2010) defende que “dele não se detectam marcas textuais de um narrador” (SOUSA, 2010, p. 33), amparando-se seu conceito nos estudos da narrativa moderna. O precursor desse estudo é o teórico Wayne C. Booth (1980) que ressalta que:

O sentido que temos do autor implícito inclui não só os significados que podem ser extraídos, como também o conteúdo emocional ou moral de cada parcela de ação e sofrimento de todos os personagens. Inclui, em poucas palavras, a percepção intuitiva de um todo artístico completo; o principal valor para com o qual este autor implícito se comprometeu independentemente do partido a que pertence na vida real – isto é, o que a forma total exprime (BOOTH, 1980, p. 91).

Há três termos que são utilizados para se referir ao conjunto de normas e escolhas que Booth chama de autor implícito. O primeiro deles é o **estilo**, “usado em sentido lato, para referir aquilo que, de palavra em palavra, de linha em linha, nos dá a entender que o autor vê e ajuíza, com mais profundidade que os personagens apresentados” (BOOTH, 1980, p. 91); o segundo é o **tom**, “usado para referir à avaliação implícita que o autor consegue transmitir através da apresentação explícita, mas sugere também, quase que inevitavelmente, algo limitado ao aspecto meramente verbal” (BOOTH, 1980, p. 91); o terceiro e último seria a **técnica**, que em muitas ocasiões foi considerada como demonstração da capacidade artística. O sentido que Booth aponta é ainda mais limitado uma vez que a ideia é “chamar atenção a “narrativa” como produto de uma pessoa que escolheu e calculou e não como existência autônoma”. Para o estudioso, “o autor implícito, escolhe, consciente ou inconscientemente,

aquilo que lemos; inferimo-lo como versão criada, literária, ideal dum homem real – ele é a soma das opções deste homem” (BOOTH, 1980, p. 92).

O discurso presente nas estratégias do autor-implícito implica uma total falta de neutralidade. Segundo Elri Bandeira de Sousa (2010), o autor implícito “não se mostra implicado diretamente no enunciado, responde pelas apreciações que dão unidade ideológica ao conjunto da obra e pela organização da intriga. Ele ainda delega a agentes internos – dada a necessidade inarredável de relatar – a função narrativa” (SOUSA, 2010, p. 32). Sobre isso Booth (1980) observa que:

Enquanto escreve, o autor não cria, simplesmente, um “homem em geral”, impessoal, ideal, mas sim uma versão implícita de “si próprio”, que é diferente dos autores implícitos que encontramos nas obras de outros homens [...] Quer adotemos para este autor implícito a referência “escriba oficial”, ou o termo recentemente redescoberto dor Kathleen Tillotson – o “alter ego” do autor – é claro que aquilo de que o leitor se apercebe nesta presença são os efeitos mais importantes do autor. Por impessoal que ele tente ser, o leitor construirá, inevitavelmente, uma imagem do escriba oficial que escreve desta maneira – e, claro, esse escriba oficial nunca será neutral em relação a todos os valores. A nossa reação a seus vários compromissos, secretos ou a descobertos, ajudará a determinar a nossa resposta à obra (BOOTH, 1980, p. 88).

Em *Leite Derramado* (2009), por meio do estilo, tom e técnica, o autor implícito faz exatamente o que se disse anteriormente, isto é cada fragmento disposto na narrativa, os personagens centrais e secundários tecem uma colcha de retalhos que se harmonizam discursivamente, apontando não somente a decadência familiar dos Assumpção, mas a reflexão em torno da crítica social, dos usos do poder, da corrupção da alma, dos insucessos e desesperanças que nos circundam, além de expor o racismo e as diversas violências que existem em nossa sociedade.

De acordo com o conceito, percebemos que na narrativa pesquisada o autor implícito se apropria de alguns recursos linguísticos, dentre eles o humor e a ironia, com o objetivo de oferecer criticidade ao romance e desnudar os vícios de caráter da classe dominante, simbolicamente representadas pelo narrador e sua família. A priori, o leitor modelo é fisgado por uma história contada estrategicamente por um idoso centenário. Sobre a natureza do idoso, lembramos que ao longo dos séculos, a velhice implica significados que passaram por diversas reformulações psicossociais. Segundo a estudiosa Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski (2013) - que desenvolve pesquisas sobre a morte, velhice e memória – na Idade Média cria-se a simbologia de associar o idoso ao tempo, significando o declínio e a

senilidade (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 123). O precursor da Medicina, Hipócrates, “considerava que a velhice começava aos 56 anos e podia ser entendida metaforicamente como o “inverno” da existência humana, a mais sombria das estações” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 115). Para Galeno, no seu tratado datado do século XIII, de longa repercussão, a velhice é etapa que exige cuidados higiênicos e atividade. As ideias do médico grego irão “possuir adeptos até o século XVIII” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 115). No século XIX, este estágio é reconhecido “como um processo natural que produz alterações biológicas, mas que não é vivenciado por todos da mesma maneira” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 115). No século XX “o Estado passa a se responsabilizar pela manutenção dos velhos trabalhadores, institucionalizando aposentadorias e pensões” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 115). Na atualidade, a imagem de fragilidade dos mais antigos tem passado por mudanças até mesmo nos usos linguísticos. Hoje falamos em “melhor idade” para nos referir aos idosos se opondo à expressão “terceira idade” e como um eufemismo substituindo a expressão “última idade”. A proposta é desvincular os idosos do arquétipo de inativo e sofrido, e propor uma imagem ativa e alegre, já que em muitas sociedades modernas e avançadas o número dos idosos cresce consideravelmente, em consequência dos avanços da medicina, da disseminação das práticas esportivas e da alimentação saudável.

Hoffmann-Horochovski (2013) diz, ainda, que na tragédia e comédia gregas a velhice era vista de forma austera, ora pela ótica da “grandeza e nobreza”, ora pelo “riso e escárnio”. Os nobres eram o alvo predileto dos escritores do período, de acordo com os quais velhos ricos, ainda que demonstrassem a decadência física, detinham o poder. A autora observa ainda:

De forma geral, a tragédia e a comédia grega são rigorosas com a velhice e partem do pressuposto que é um estágio totalmente dispensável; é melhor morrer que envelhecer. Não fogem à regra e retratam os velhos da aristocracia. Na tragédia, são tratados com “grandeza e nobreza”, mas também com tristeza, a exemplo de Ésquilo e Sófocles. Na comédia por sua vez, suas peculiaridades (físicas e mentais) são motivo de riso e escárnio, como se pode perceber em várias obras de Aristófanes, entre outros. Mas garantem amplos aplausos daqueles que, independente da idade, são excluídos do poder. Assim, podemos pensar que se as condições biológicas são fundamentais para retratar a idade “avançada”, a situação social da mesma forma o é; o riso, o deboche e mesmo lágrimas podem se referir às dificuldades provenientes do “declínio” biológico, mas atuam igualmente como subterfúgio para questionar a desigualdade e as relações de dominação presentes para questionar a desigualdade e as relações de dominação presentes na época. Em outras palavras, há um contraste entre os velhos

aristocráticos e os velhos pobres e é sobre os primeiros que se desencadeiam as principais sátiras [...] (HOROCHOVSKI, 2013, p. 122-123).

Este breve histórico sobre a velhice deve-se ao fato de que o autor modelo em Leite Derramado (2009) usa dessa mesma estratégia para fisgar o leitor. Uma vez que é justamente um velho, doente e moribundo, que narrará à história, o imaginário construído socialmente a respeito dos idosos pode contribuir para a compreensão do romance. É neste panorama que as reflexões do autor implícito formam-se, tornam-se relevantes. A voz do narrador confirma:

Mas lembrança de velho não é confiável, e agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida. Ele até me deu uma caixa de charutos, mas que besteira a minha, o que morreu era outro Eulálio, um que parecia o Amerigo Palumba mais magro. (BUARQUE, 2009, p. 38).

O próprio narrador evidencia a desconexão de suas lembranças, traço muito presente no universo dos idosos. Simone de Beauvoir, na obra intitulada *A velhice* (1970), diz que o “que caracteriza o envelhecimento é certo tipo de mudança irreversível e desfavorável, um declínio” (BEAUVOIR, 1970, p. 15). O declínio é tanto físico quanto psíquico, sendo que o comportamento muitas vezes considerado inadequado dos idosos é motivado por contingências ligadas à idade avançada. Eulálio, no entanto, não reconhece, por exemplo, que é repetitivo e chega a afirmar que a insistência em determinado assunto ou episódio deve-se a pura acuidade: “Se com a idade a gente dá para repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmero. É para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópias dela, para a hipótese de a história se extraviar” (BUARQUE, 2009, p. 96). Veja-se que, como ocorre com os velhos e com os doentes também, há na fala de Eulálio um temor de que sua experiência fique sem registro, sem possibilidade de ser retomada por outrem.

Sobre a decadência psíquica dos idosos, Beauvoir explica que ela se revela:

[...]com a caduque e as repetições, características da senilidade. O velho vive voltado para o passado, cheio de preocupações e sem nenhuma influência sobre o futuro: fica a reviver indefinidamente as mesmas recordações, a ruminar em voz alta as mesmas inquietações; está condenado a estagnar devido o enfraquecimento de sua memória e por sua incapacidade de assimilar algo novo (BEAUVOIR, 1970, p. 233).

Embora o narrador não perceba, ou deixe de reconhecer a debilidade relacionada à confusão da memória na velhice, sabe que as pessoas ao redor se impacientam com os mais velhos, deles se afastam e não os compreendem. Aproxima a frustrada necessidade de escuta dos velhos ao isolamento dos estrangeiros em terra estranha: “As pessoas não se dão o

trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro” (BUARQUE, 2009, p. 78).

Ao mesmo tempo em que o narrador, com todas as características biológicas e psicossociais demarcadas pelo avanço da idade, é o enunciador do romance, paralelamente enquanto sujeito ganhará contornos dúbios, uma vez que o autor implícito constantemente põe em dúvida suas falas e avaliações. Ao leitor restam vários questionamentos. Por que Eulálio está acamado em um hospital? Fora ele abandonado pela família, já que é comum os idosos caírem no esquecimento familiar? E a esposa, por que o abandonou? Não teria amigos? Alguém que por ele tivesse afeto? Sobre os amigos a narrativa deixa entrever que ele não os tem. Mesmo assim, não deixa de ter orgulho pela idade, quando fala de sua relação com o tataraneto: “sei que o garotão tinha orgulho dos meus cem anos, todo mundo se orgulha de parentes longevos. Eu também gostaria de ter conhecido meu trisavô, gostaria que meu pai me acompanhasse mais um pouco” (BUARQUE, 2009, p. 55). A respeito dos centenários, Simone de Beauvoir (1970) constata que:

A maioria dos indivíduos desse grupo elabora planos precisos para o futuro, interessa-se pelos assuntos de ordem pública, manifesta entusiasmos juvenis têm suas maniazinhas, um agudo senso de humor, sólido apetite e uma resistência extraordinária. Gozam em geral, de perfeita saúde intelectual, são otimistas e não revelam o menor receio de morte (BEAUVOIR, 1970, p. 305).

Considerando como paradigma os estudos de Beauvoir (1970), percebemos que no romance *Leite Derramado* (2009) o centenário Eulálio é controverso, essas características não se adequam, pelo menos não na totalidade, ao personagem. Cabe destacar que, como já dissemos, na atualidade falamos de velhices no plural, por se tratar de um segmento com comportamento e práticas diversas. Em relação ao narrador, aos poucos ele vai nos conduzindo a respostas sobre algumas questões. Descobrimos, por exemplo, que no decorrer de sua vida, embora fosse apaixonado, não fora um bom marido; profissionalmente não se afirmou, tendo fracassado na administração dos negócios de sua família, pondo a perder a fortuna familiar. Não tinha amizades, como conclui até meio melancolicamente:

A fim de arejar um pouco minha vida, até pensei em chamar amigos aos sábados, para beber um conhaque, falar de esportes, quem sabe reuni-los para um bridge à maneira do meu pai. Mas se nem nos tempos de estudante eu havia feito amigos, difícil seria agora que morava numa casa nada convidativa (BUARQUE, 2009, p. 94).

Em outro momento da narrativa, declara a nobreza do caráter de Matilde, destacando como a esposa era melhor que ele em todos os aspectos:

[...] **gostaria, sobretudo que Matilde me sobrevivesse, e não o contrário.** Não sei se existe um destino, se alguém o fia, enrola, corta. Nos dedos de alguma fiandeira, provavelmente a linha da vida de **Matilde seria de fibra melhor que a minha, e mais extensa.** Mas muitas vezes uma vida para no meio do caminho, não por ser a linha curta, e sim tortuosa. Depois que me deixou, nem posso imaginar quantas aflições Matilde teve em sua existência. Sei que a minha se alongou além do suportável, como linha que se esgarça (BUARQUE, 2009, p. 55, grifo meu).

Por meio do autor implícito, percebemos que a relação do narrador com Matilde foi opressora, de diversas formas e intensidade, seu relacionamento com esposa constitui-se violento e invasivo. Inúmeras vezes ela se mostrou mais vivaz que Eulálio, por outro lado vemos a alegria do personagem diminuir ao lado do marido.

Eulálio assume o discurso representativo de um narrador idoso privilegiado, pois “os velhos atuam como narradores privilegiados e não só ajudam a manter a história, como conferem a ela significações. Seus relatos resgatam o passado no presente, como um elemento imprescindível para entender suas identidades e a memória da coletividade [...]” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 190); além disso, funcionam “como possibilidade de entender uma época ou uma determinada temática” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 190). “É na interação que esses agentes estabelecem com o ouvinte que a ação adquire sentido e que o simbólico e o social assumem significados” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p. 190). Entretanto, é justamente por este sujeito assumir o discurso narrativo, conduzindo-o e uniformizando-o, que autor implícito se faz necessário, pois somente este pode ter a percepção do todo. Assim, cumpre considerar a condição falível e pouco digna de confiança do narrador.

Para Wayne C. Booth há variações de distanciamento na narrativa, já que em “qualquer experiência de leitura, há um diálogo implícito entre autor, narrador, os outros personagens e o leitor”. Cada um destes quatro pode apresentar, em relação a cada um dos outros, desde identificação, a uma completa oposição, sobre qualquer eixo de valores morais, intelectuais, estéticos ou mesmo físicos [...]. O estudioso ressalta também que “Os elementos normalmente discutidos dentro do distanciamento estético têm obviamente o seu papel: distanciamento no tempo e no espaço, diferenças de classe social ou convenções de fala e modo de vestir [...]” (BOOTH, 1980, p. 171). No fragmento abaixo destacamos algumas possibilidades no campo dialógico no que concerne a ação dessas vozes na narrativa:

O narrador pode estar mais ou menos distante do autor implícito. A distância pode ser **moral** [...]. Pode ser **intelectual** [...]. Pode ser **física ou temporal**: na sua maior parte, os autores distanciam-se até do narrador mais ciente, na medida que sabem, presumivelmente, como acaba tudo [...]. **O autor implícito pode estar mais ou menos distante do leitor**. Essa distância pode ser **intelectual** (o autor implícito de Tristram Shandy, que não deve ser identificado com Tristram está mais interessado em aprender aspectos obscuros do saber clássico que qualquer um dos seus leitores), **moral** (as obras de Sade) **ou estética**. Sob o ponto de vista do autor, uma boa leitura do seu livro tem que eliminar toda a distância entre as normas essenciais do seu autor implícito e as normas do leitor postulado [...] não é raro podermos classificar um livro de mau porque o autor implícito nos pede que ajuizemos de acordo com normas que não podemos aceitar [...]. **O autor implícito (fazendo-se acompanhar o leitor)** pode estar mais ou menos distante dos outros personagens. Aqui também, a distância pode definir-se em qualquer eixo de valor (BOOTH, 1980, p. 173, grifo meu).

No caso do romance *Leite Derramado* (2009), o autor implícito está distante do narrador moral e intelectualmente, já que a figura enunciativa representada pelo autor implícito questiona Eulálio em muitos momentos no decorrer da narrativa. Como já dito, a escolha deste enunciativo idoso como personagem não fora por acaso, há um desejo tácito de demonstrar o lado oposto da ética e também a ruína dos valores humanos. Em relação à aproximação do autor implícito com o leitor, apresenta-se harmoniosa, desde que esse leitor compreenda as estratégias do autor real, e subentenda que há outro ruído por detrás deste, que implica um alinhamento de valores e também mental. Percebemos que o autor real, ao se deparar com personagens como Matilde, Balbino, Eulálio de Assumpção Palumba Júnior e outros, que são invisibilizados socialmente e também no texto, irá acercar-se deles com o intuito de fazê-los visíveis, ao menos aos olhos dos leitores. Sobre essas considerações Caio Gagliard (2010) confirma que:

[...] o autor nunca se retira totalmente de sua obra. Ele deixa nela sempre um substituto que a controla em sua ausência: o *autor implícito*. Booth afirmava que o autor constrói seu leitor da mesma maneira que ele constrói o seu *segundo eu* (lembre-se do outro eu, de Proust), e que a leitura mais bem-sucedida é aquela para a qual os "eus" construídos (autor e leitor) podem entrar em acordo. O autor implícito se dirige ao leitor implícito (ou o narrador ao narratário). Quando isso acontece, o autor define as condições de entrada do leitor real no livro: o leitor implícito é uma construção textual, prevista, portanto, pelo autor. (GAGLIARD, 2010, p. 292).

No que se refere ao autor implícito e à obra, este substituto do autor real usará de recursos linguísticos para estruturá-la e uma dessas ferramentas é a ironia. Lohanna Machado, em sua monografia *Inspiração Machadiana, Ironias e Ardis Implícitos à Narrativa Memorialista de Leite Derramado, de Chico Buarque* (2013), defende que a desconexão no

processo de fala do narrador surtirá um efeito irônico na narrativa. A condução é realizada pelo “autor implícito, de maneira a permitir uma leitura reflexiva sobre os limites entre o percurso individual deste personagem e o percurso de sua classe, ou de uma coletividade” (MACHADO, 2013, p. 6).

Com relação a isso, alguns enredamentos na narrativa irão contribuir para gerar este efeito irônico. Um deles é a ausência do pacto de leitura entre leitor e o narrador; o arquétipo do enunciador, idoso ingênuo, de modo algum se justificaria para o enunciatário de *Leite Derramado*. O personagem Eulálio representa a naturalização do privilégio e do racismo. A construção de seu discurso, por meio do recurso à ironia ganha status crítico e denunciador, já que ele é um legítimo herdeiro de uma classe dominante opressora.

Ao dar com a rua deserta, me dirigi às luzes de uma praça, mas após quadra e meia de caminhada cansei um pouco. Segui até a esquina, onde estava parada uma radiopatrulha com dois meganhas dormindo nos bancos reclinados. **Eia!, gritei, batendo na lataria, e o do volante acordou no susto, me apontando uma arma.** Os dois se olharam quando **exigi entrar no carro**, eu precisava espichar as pernas antes de retomar o passo. Instalado no banco traseiro, desafiei-os a adivinhar minha idade, e pareceram céticos quando anunciei meu centenário. Cem anos, insisti, e esbanjando saúde, apesar do coração momentaneamente acelerado, e lhes falei do meu amor incestuoso por uma pequena nascida em 1989. Visto que o assunto não rendia, **perguntei-lhes se estavam felizes aqui ou se pretendiam voltar para a África. Opinei que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública. Depois lhes perguntei se porventura sabiam o preço da cocaína no Rio**, e se possível também no exterior, mas eles continuavam sonolentos. Então pedi emprestado um celular, para trocar ideias com algum conhecido, mas o do volante ligou o motor e perguntou pelo meu endereço. O carro foi na contramão até a porta de casa logo ali, e eles não quiseram subir para levar umas fatias de bolo. Fiz com que me amparassem até o elevador, e lá em cima cambaleei até a minha cama, onde passei horas a falar sozinho, de olhos esbugalhados e pernas dormentes (BUARQUE, 2009, p. 175).

O discurso proferido, na passagem citada, embora suavizado, tem outra conotação. É o autor implícito que nos induz a fazer estas análises, a perceber nas entrelinhas da narrativa as intenções do narrador. Existe no excerto a ideia de representatividade simbólica de *Casa Grande & Senzala*. Eulálio é representado como o senhor de engenho, suas ordens devem ser cumpridas e não questionadas, como aquele que deseja vivenciar uma estrutura política e social decadente e ultrapassada. O humor advém desse contexto. Por se tratar de um idoso, os policiais o tratam com respeito. Ainda assim, o narrador segue pronunciando sandices. Ao perguntar aos guardas se estes queriam retornar para África o personagem assemelha-se ao

avô, suposto abolicionista, que desejou criar uma nação para os negros, o que na verdade, desnuda o discurso da eugenia, dele e de seus antepassados.

Além disso, o narrador opina sobre ser um progresso para os negros tornaram-se policiais. Ele reconhece que as oportunidades profissionais para os afrodescendentes são limitadas no Brasil, por muito tempo estes indivíduos ocuparam e muitos ainda ocupam cargos ditos subalternizados em nossa sociedade. Eulálio pergunta o preço da cocaína aos policiais, o que indica não somente falta de coesão, mas sugere o dismantelamento da segurança pública no país, a facilidade de corromper-se, e também o estereótipo do homem preto como sendo bandido.

Apesar dessas inferências, o posicionamento do narrador é de total neutralidade; não são caduquices de um velho, ele aprendeu a ser racista desde o seu nascimento, ele tão somente reproduz o que aprendera ao longo de sua vida, mas não questiona a si sobre suas ações. Quem o faz na narrativa é o autor implícito, no fragmento a seguir vemos isso.

Talvez até seja um avanço para os negros, que ainda ontem sacrificavam animais no candomblé, andarem agora arrumadinhos com a bíblia debaixo do braço. Tampouco contra a raça negra nada tenho, saibam vocês que meu avô era um prócer abolicionista, não fosse ele talvez todos aí estivessem até hoje tomando bordoadas no quengo (BUARQUE, 2009, p. 193, grifo meu).

O autor implícito provoca os leitores, por meio do narrador, reforçando a ironia com a utilização do marcador linguístico “talvez”, indicando dúvida. Eulálio vê como um privilégio a possibilidade de os negros tornarem-se protestantes, substituindo as religiões de matriz africana professadas por seus ancestrais. Subtende-se que o narrador, sendo branco, com ascendentes originários de Portugal, basearia sua visão de mundo na brancura como raça ideal. O narrador silencia sobre seu racismo, não tem coragem de admiti-lo ou de assumi-lo claramente, embora não abra mão de seu lugar de dominador.

Como conclusão do presente subcapítulo, há que se observar o que a estudiosa Lohanna Machado (2013) chama no romance de “uma série de comportamentos desviantes (do que seria próprio de uma elite)” (MACHADO, 2013, p. 32). A narrativa é repleta deles, são provocações do autor implícito, com intuito de expor as afetações, preconceitos e o provincianismo decadente de Eulálio e seus familiares. As recordações do personagem não são totalmente confiáveis, suas ações são tendenciosas, instigadas pelo processo histórico que fora vivenciado e herdado pelo narrador. Cabe ressaltar que ao longo desse trabalho, o olhar do autor implícito será considerado, tendo em vista o narrador e também outros personagens.

2.2 A perspectiva do Narrador Autodiegético

Eulálio (Narrador)

O discurso de Eulálio Montenegro d'Assumpção domina a narrativa do início ao fim, como já se disse, por meio de suas recordações, de seu olhar e de sua voz. No decorrer do romance, buscará legitimar sua fala, utilizará de argumentos para fundamentar suas ideias e opiniões. Demonstra um profundo desejo de fala e de escuta, anseia por interlocutores e os idealiza, há uma grande satisfação nesta interlocução, o gozo pelas palavras. A ressonância provocada pela linguagem o sustenta ante a fragilidade de seu corpo, ela o faz resistir frente o relato de suas memórias. Além disso, rememora outras vozes, igualmente portadoras de visões de mundo bastante significativas: as vozes de sua esposa Matilde, da mãe, do pai, do avô, do bisavô, do trisavô, do tetravô, da filha, do neto, do bisneto, de Balbino, o fiel empregado da família, e outras. Tem consciência de sua ruína econômica e de que sua morte está próxima, o que condiciona muitas vezes o desfiar de suas memórias a um fluxo fragmentário, que mistura temporalidades e espaços diferentes. Trata-se de um narrador autodiegético, forma em que o personagem narra em primeira pessoa e é o protagonista de sua própria narrativa. Leocir Antonio Sfogia (2013), em sua dissertação *Leite Derramado – Aspectos da configuração estética da memória e do narrador- argumenta que:*

A autodiegese em Leite derramado nos coloca na situação de perceber a história de vida da personagem Eulálio narrada por ele mesmo. Mais ainda, de perceber como se estrutura a perspectiva narrativa, como se organizam as lembranças, o tempo, a manipulação das circunstâncias e acontecimentos importantes do romance. Carioca centenário que se encontra no leito de hospital público que, em forma de lembrança, passa em revista a trajetória de sua vida e deixa transparecer nas entrelinhas do relato de suas lembranças da decadência familiar e por um ângulo expandido a da elite brasileira e culmina com a realidade social contemporânea (SFOGIA, 2013, p. 29).

Tudo nos leva a desconfiar deste narrador; não se trata de uma figura narrativa demiúrgica, aquele que possui acesso aos pensamentos íntimos dos personagens uma vez que sua visão é limitada. Além disso, como já foi salientado, confunde-se acerca dos acontecimentos e sobre os outros sujeitos do romance, desordena-se com sua própria trajetória. Temos informações pouco críveis sobre algumas situações relatadas por ele. No engendramento da matéria narrada, o leitor é levado à dúvida constante e a crer que o narrador não partilha os mesmos valores e posicionamentos do autor empírico. A história do romance se desenvolverá tão somente por meio de sua consciência, serão suas observações a respeito das outras figuras narrativas e sua visão de mundo a que teremos acesso.

O narrador condena o leitor a um ponto de vista limitado devido à incapacidade que apresenta de compreender criticamente os fatos ao seu redor, condicionando sua visão aos limites ideológicos de sua classe social. A habilidade do escritor se revela, então, em plenitude porque logra, por meio, sobretudo da ironia, a mostrar as contradições presentes nesta visão, engendrando um interessante jogo discursivo nas provocações constantes ao leitor. A respeito da figura do narrador autodiegético Jonathan Culler (1999) afirma que:

Uma história contada por um ponto de vista limitado de um único protagonista pode realçar a completa imprevisibilidade do que acontece: como não sabemos o que os outros personagens estão pensando ou o que mais está acontecendo, tudo o que ocorre com esse personagem pode ser uma surpresa (CULLER, 1999, p. 92).

Assim, pode-se afirmar que este narrador julga e propõe múltiplas possibilidades no corpo narrativo, tal como as supostas cinco versões para o sumiço de sua esposa: morte por afogamento; fuga para França com Dubosc, o engenheiro francês; morte por tuberculose; morte de parto; morte em um acidente automobilístico. O leitor não tem certeza sobre a veracidade de nenhuma dessas informações. Contudo, nem o próprio narrador a tem, uma vez que evita enfrentar a verdade, certamente traumática. Como exemplo desta sua condição, a recusa de inteirar-se do conteúdo de uma carta recebida cuja leitura poderia, talvez, deslindar o mistério em torno do desaparecimento de Matilde. Em relação a procedimentos narrativos semelhantes, Jonathan Culler (1999) diz que se trata de “histórias dentro de outras histórias, de modo que o ato de contar uma história se torna um acontecimento dentro da história – um acontecimento cujas consequências e importância se tornam uma preocupação principal.” (CULLER, 1999, p. 92).

Em entrevista concedida para a jornalista portuguesa Isabel Coutinho (2009), Chico Buarque disse que, apesar do nome ‘Eulálio’ fazer parte de sua família há muitas gerações, sua inspiração ficcional não foi propriamente esta. É claro que o texto de uma entrevista não pode funcionar como um discurso de verdade, como um documento, e nem é a fala do escritor sobre sua obra a melhor avaliação que dela se faz. Mas, neste caso, embora efetivamente o romance guarde ressonâncias com o contexto familiar do autor, a explicação para a escolha do nome do narrador/personagem é bastante esclarecedora. O escritor afirma que pesquisou o significado do nome ‘Eulálio’, eu+ lalio (do grego lalain), quando redigia seu romance e constatou que o nome do personagem origina-se da palavra ‘eulalia’, cujo significado no grego é a fluência no falar. Nome, então, apropriado para um personagem idoso que relata sua história encadeando delírio e lucidez, obsessões e recordações, que retornam alteradas pelos

lapsos de memória e os esquecimentos involuntários. Na ficção, o narrador aponta que não queria ter sido nomeado por prenome que atravessa gerações. Para ele, seu nome era um eco que rememorava o passado:

Eu não queria ser Eulálio, só mesmo os padres me chamavam assim nos tempos do colégio. A me chamar Eulálio, preferia envelhecer a ser sepultado com meus apelidos infantis, Lalinho, Lalá, Lilico. O Eulálio do meu tetravô português, passando por trisavó, bisavó, avô e pai, para mim era menos um nome do que um eco (BUARQUE, 2009, p. 31).

Ainda sobre a ideia de eco expressa pelo narrador ao falar sobre seu nome, ele mesmo funcionará na narrativa como uma caixa de ressonância das memórias próprias e alheias, será por meio de suas recordações que sua voz e as vozes dos personagens trarão à cena a possibilidade de compilação e registro das lembranças.

Para Ana Maria Clark Peres (2016), a desarticulação dessa fala anciã, ocorre de forma contrária. A estudiosa pontua que:

[...] ecoa para além (ou aquém) do sentido, produzindo um resto, uma satisfação que nenhuma palavra consegue domar ou “matar”, resto que se despeja, se fixa no tecido textual, “furando-o”. Nessa leitura, a memória seria, pois, esburacada muito mais em função desse resto “vivo” do que pela falta de vitalidade do velho narrador, em cuja fala os sentidos se cruzam e se multiplicam sobre os sons (PERES, 2016, p. 170-171).

O sentido do som esco: “a voz centenária que evoca outras vozes” (PERES, 2016, p. 171).

O narrador se apresenta como Eulálio Montenegro d'Assumpção, tez branca, nascido em 16 de junho de 1907. Casou-se com Matilde Vidal, teve uma única filha, Maria Eulália, mas considera-se viúvo dado o desaparecimento da esposa. Filho único de uma abastada família carioca, sua mãe, Maria Violeta, e seu pai, Eulálio Ribas d'Assumpção, influente político, o criaram como um aristocrata, cheio de mimos, rodeado por empregados, desfrutando, inclusive quando menino, férias de verão na Europa. Assim como no período colonial, em que os senhores de engenho encorajavam deliberadamente seus filhos, ainda meninos, a se envolverem com as mulheres escravizadas e prostitutas, para atestar a virilidade sexual de sua prole, semelhantemente o pai do protagonista fará:

[...] jamais falaria das putinhas que se acocoravam aos faniquitos, quando meu pai arremessava moedas de cinco francos na sua suíte do Ritz. Meu pai ali muito compenetrado, e as cocotes nuinhas em postura de sapo, empenhadas em pinçar as moedas no tapete, sem se valer dos dedos. A campeã ele mandava descer comigo ao meu quarto [...] (BUARQUE, 2009, p. 7).

Como um típico herdeiro senhorial e patriarcal, o pai de Eulálio apresentará ao filho as primeiras mulheres de sua vida, promovendo assim sua “iniciação sexual”. Ambos simbolizam marcas das estruturas do patriarcado no Brasil, a ideia de aguçar o comportamento sexual masculino e de considerar as mulheres como objetos. Gilberto Freyre assim se expressa sobre a marca do patriarcalismo na vida sexual do Brasil colônia:

Não seria extravagância nenhuma concluir, deste e de outros depoimentos, que os pais, dominados pelo interesse econômico de senhores de escravos, viram sempre com olhos indulgentes e até simpáticos a antecipação dos filhos nas funções genésicas: facilitavam-lhes mesmo a precocidade de ganhões. Referem as tradições rurais que até mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos, negrinhas ou mulatinhas capazes de despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual (FREYRE, 1998, p. 372).

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. O folclore da nossa antiga zona de engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de debique: para levar os maricas ao ridículo. O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos (FREYRE, 1998, p. 372).

Semelhantemente Caio Prado Júnior (1953) também ressalta os vícios morais e costumes da Casa Grande no período colonial:

[...] as facilidades que proporciona às relações sexuais irregulares e desbragadas, a indisciplina que nela reina mal disfarçada por uma hipócrita submissão, puramente formal, ao pai e chefe, tudo isto faz a casa-grande, antes uma escola de vício e desregramento, apanhando a criança desde o berço, que de formação moral. A família perde aí inteiramente, ou quase as suas virtudes; e em vez de ser o que lhe concede razão moral básica de existência e que é de disciplinadora da vida sexual dos indivíduos, torna-se pelo contrário campo aberto e amplo para o mais desenfreado sexualismo (PRADO JR, 2011, p. 373).

Como bem vimos nos fragmentos, “condescendências e tolerâncias” faziam parte da formação dos homens do período colonial, e ainda reflete nas relações deles na realidade social brasileira, que o digam os altos índices de feminicídios e os inúmeros casos de violência doméstica. O machismo e a forma de lidarem com a sexualidade refletem no tratamento e relacionamento com as mulheres.

O pai do narrador era um homem de poder e fortuna, senador da República, herdeiro de fazendas e contrabandista de armas e explosivos. Eulálio relata que o pai tinha tino para os negócios e que o trâmite na alfândega para entrada de armamentos no país “era questão que

meu pai resolvia com um telefonema, ou por meio de qualquer despachante” (BUARQUE, 2009, p. 56-57). Teve um fim trágico, provavelmente um crime passionai:

E voltará à baila o assassinato do meu pai, político importante, além de homem culto e bem-apeado. Saiba o doutor que meu pai foi um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes, sua morte brutal foi divulgada até em jornais da Europa, onde desfrutava imenso prestígio e intermediava comércio de café. Tinha negócios com armeiros da França, amigos graúdos em Paris, e na virada do século, ainda muito jovem, fez sociedade com empresários ingleses. Espírito prático foi parceiro dos ingleses na Manaus Harbour, e não na aventura africana de seu pai, igualmente vítima de ciúmes e maledicências. Fique sabendo que meu avô já nasceu muito rico, não iria macular seu nome por se locupletar com dinheiro público. Mas com o fim do Império, teve de buscar asilo em Londres, onde morreu amargurado (BUARQUE, 2009, p. 52).

A passagem indica a proveniência escusa dos bens da família Assumpção. O último parente longínquo descrito na narrativa é dom Eulálio, um afortunado negociante português:

Mas isso talvez meu trisavô Eulálio tenha inventado para fazer jus ao chicote que seu pai, o célebre general Assumpção, brandiu em campanha ao lado dos castelhanos contra a França de Robespierre. Para encurtar o conto, esse meu tetravô general era filho de dom Eulálio, próspero comerciante da cidade do Porto (BUARQUE, 2009, p. 103).

O narrador-personagem do romance é ao mesmo tempo um tipo, a representação de uma figura social e um sujeito ficcional carregado de individualidades. Levando em consideração a afirmativa, traçaremos um perfil sociológico e estético que o caracterize por meio de seu discurso.

Leite Derramado (2009), por meio do discurso de memória do narrador, dialoga intertextualmente com variadas referências literárias e sociológicas. Dentre elas, *A Teoria do medalhão*, conto publicado por Machado de Assis em 1881 e *Raízes do Brasil*, publicada em 1936 por Sérgio Buarque de Holanda. No primeiro caso, a narrativa de Machado compõe-se de diálogo entre pai e filho. Nesta conversa, o pai explica ao filho que ser Medalhão é o melhor ofício que um rapaz de vinte um anos, com “inópia mental”, pode ter. Tecerá as vantagens de ser uma figura com ornamentos e nenhum conteúdo, dirá que na vida é preciso ter apenas rótulos, os pensamentos elevados e descobertas se tornam dispensáveis: “tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória” (ASSIS, 2005, p. 97). Para o pai, nenhuma imaginação, ciência ou filosofia são necessárias, a regra é fazer uso do humor, se anular e possuir conhecimentos vazios para obter vantagens. A relação entre o conto machadiano e o romance de Chico Buarque se confirma por meio do uso que Eulálio

fará da influência do pai para beneficiar-se: “da noite para o dia herdara gravatas, charutos, negócios, bens imóveis e uma possível carreira na política” (BUARQUE, 2009, p. 32-33). Tal relação é registrada por Roberto Schwarz (2009) em seu artigo *Brincalhão, mas não ingênuo*:

Assim, quando perde o pai, Eulálio trata de lhe seguir os passos ilustres. [...] As coisas já não funcionam como antes, mas ainda assim o esquema da família “cujo nome abre portas” é luminoso como um sonho e vale citação extensa. À maneira de Machado da “Teoria do Medalhão”, o romancista, fixa um tipo nacional. (SCHWARZ, 2009).

Em *Raízes do Brasil* (1995), considera-se que a sociedade colonial brasileira, estabelecida nos meios rurais, apresenta características que reverberam no modo de ser do brasileiro, mesmo em época posterior ao período colonial.

A herança ruralista advém essencialmente da colonização dos portugueses. Estes quando aqui chegaram se adequaram ao clima brasileiro e às condições de plantio. Em suas plantações utilizavam processos já instituídos pelos indígenas: “o modo de cultivar a terra, por exemplo, era ateando primeiramente fogo aos matos” (HOLANDA, 1995, p. 47). O sistema agrário implantado pelos colonizadores tinha como único objetivo a obtenção de lucros, daí a presença dos negros escravizados nos latifúndios coloniais para alcançar maior produtividade no cultivo de cana de açúcar, já que este era o principal produto comercializado para os mercados europeus, no Brasil colônia. O fato de Portugal não ser um país agrícola condicionou que as técnicas agrícolas adotadas na colônia fossem rudimentares e ultrapassadas. De acordo com Holanda, “todos queriam extrair do solo excessivos benefícios sem grandes sacrifícios (HOLANDA, 1995, p. 52).” Este imediatismo, visando o lucro rápido, prejudicou a agricultura colonial, com consequências nefastas para as atividades agrícolas posteriores. Acrescentem-se ao quadro a ausência de investimentos e o decorrente enfraquecimento do solo. Neste contexto, foi formada a classe oligárquica brasileira, constituída pelos ruralistas. O narrador ilustra bem esta formação ao comentar sobre um seu antepassado:

Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical [...]. **Possuía cacaus na Bahia, cafezais em São Paulo**, fez fortuna, morreu no exílio e está no cemitério familiar da fazenda na raiz da serra, com capela abençoada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro (BUARQUE, 2009, p. 15-16).

A passagem reafirma ficcionalmente a influência da linhagem dos Assumpção na sociedade colonial. Seu trisavô chegou a solo brasileiro com a corte de Dom João VI. A família Assumpção era, então, o que se considerava uma tradicional família carioca. Outro

destaque na passagem é o recorrente uso do sobrenome para obter benesses, fato realçado na menção à figura religiosa do cardeal arcebispo, responsável por grandes dioceses, o mesmo que abençoou a capela da família Assumpção. Ambos, cardeal e família Assumpção, tinham interesses nesta relação.

Mas o dinheiro dos Assumpção sempre foi limpo, era dinheiro de quem não precisa de dinheiro. Saiba a senhora que ao ganhar do presidente Campos Sales a concessão do porto de Manaus, meu pai era um jovem político bem-conceituado, sua fortuna de família era antiga. (BUARQUE, 2009, p. 78-79, grifo meu).

Como vemos o patriarcalismo com todas as suas nuances é simbolizado na narrativa por meio da figura do personagem Eulálio e dos seus parentes como figuras que detinham as instâncias de poder na colônia, isto é, a família patriarcal e a igreja.

Assim como na narrativa, toda estrutura do período colonial foi marcada pela figura do ‘Senhor de Engenho’ em torno do qual e de sua propriedade a economia e o comportamento da população colonial brasileira foram forjados. Segundo nos apresenta Sérgio Buarque de Holanda, “a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante a sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica. O Engenho constituía um organismo completo e que, tanto quanto possível, se bastava a si mesmo” (HOLANDA, 1995, p. 80). Assim marca-se o nascimento da sociedade brasileira, fundamentalmente patriarcal, num ambiente em que a tirania e o pátrio poder eram aceitáveis como norma, a esfera doméstica era intocável, influências externas eram coibidas e restritas.

O patriarcalismo foi difundido inicialmente em terras brasileiras por meio dos colonizadores portugueses que aqui chegaram. Pautavam-se pela lógica do domínio sobre a colônia. Com a ausência do rei, os senhores de engenho se tornaram a elite rural, ostentando, inclusive, ares de nobreza. Sobre as características das famílias patriarcais brasileiras, Holanda dirá que:

[...] os vínculos biológicos e afetivos que unem ao chefe os descendentes, colaterais e afins, além da famulagem e dos agregados de toda sorte, hão de preponderar sobre as demais considerações. Formam, assim, como um todo indivisível, cujos membros se acham associados, uns aos outros, por sentimentos e deveres, nunca por interesses ou ideias (HOLANDA, 1995, p. 79).

As entidades pública e privada se confundem, sendo que a segunda prevalecerá sobre a primeira. A entidade pública aparece fundamentada nos laços afetivos, fundamentação que se tornará marca da sociedade brasileira até os nossos dias, sociedade em que “sentimentos

particularistas e antipolíticos” e atritos entre Estado e Família entrarão em embate cotidianamente. A narrativa de *Leite Derramado* (2009) desenvolve este cenário patriarcal na imagem do narrador e de seus antepassados. O poder político, a influência social e o nepotismo, o suborno, prerrogativas das oligarquias desde os tempos coloniais, são assumidos pelo narrador como um destino prefigurado pela sua posição social, destino que ele expressa sem o menor pudor.

Já eu sabia que as portas estavam apenas encostadas, meu pai passara por elas outras vezes. **Por ser um jovem inexperiente**, como o francês pela aparência me julgava, talvez amanhã eu me visse eventualmente perdido num labirinto com setecentas portas. **Mas eu não tinha dúvida de que, para mim, a porta certa se abriria sozinha**. De trás dela, me chamaria pelo nome justamente a pessoa que eu procurava. E esta me anunciaria com presteza **à pessoa influente, que desceria as escadas para me buscar**. E me abriria seu gabinete, onde já me aguardariam várias chamadas telefônicas. E pelo telefone, poderosas pessoas me soprariam as palavras que desejavam ouvir. **E de olhos fechados, eu molharia pelo caminho as mãos que meu pai molhava**. E pelo triplo de preço tratado me comprariam canhões, os obuses, os fuzis, as granadas e toda munição que a Companhia tivesse para vender. Meu nome é Eulálio d’Assumpção, não por outro motivo a Le Creusot & Cia me confirmou como o seu representante. (BUARQUE, 2009, p. 43-44, grifo meu).

As portas se abriram inicialmente para Eulálio porque ele era herdeiro de uma família aristocrata e patriarcal. Veja-se como as conclusões tiradas à fala de Eulálio dialogam com a presente fala do pai, personagem de *Teoria do Medalhão, de Machado de Assis*:

Só saía para o trabalho, que a princípio não me exigia grandes quês. Bastava-me pôr uma das gravatas inglesas do meu pai e andar por onde ele andava, como queria mamãe, até que algum dia acertasse meu próprio passo. No Senado era sempre bem acolhido, tomava café em diversos gabinetes, circulava pelos corredores, ficava fumando por ali, não raro era convidado para um almoço com políticos no La Rôtisserie. Senão, comia sozinho numa casa de pasto, depois passava no escritório da Le Creusot, levava um bombom para a secretária, perguntava por algum cabograma, sentava na cadeira que meu pai deixara vaga. Com os pés sobre a mesa, fumava, olhava o telefone, estava pronto para assumir as funções de papai a qualquer momento. Vez por outra ia ainda à redação d’O Paiz, tomava um café, acendia um charuto, dava um pulo no banco, e antes das quatro estava de volta. (BUARQUE, 2009, p. 62-63, grifo meu).

Os familiares de Eulálio eram influentes e não foi por mérito próprio que seus caminhos profissionais se expandiram. Arrogantemente, o personagem reconhece que seus antepassados lhe abriram passagens. “Em instituições tradicionais meu nome abre portas, ao contrário do que ocorre nesta espelunca” (BUARQUE, 2009, p. 120). Profissional e moralmente era um homem débil. Afirmara, inclusive, certa vez, que o trabalho na “Le

Creusot”, Companhia francesa que comercializava peças de artilharia, era para ele “um legado paterno” (BUARQUE, 2009, p. 133). Eulálio não tinha o traquejo e a iniciativa do pai. Homem feito, ainda recebia mesada de sua mãe para suprir seus gastos, sendo a imagem acabada de um parasita.

Quanto ao dinheiro, querendo ou não, **mamãe para mim seria sempre uma salvaguarda**. Sua família era talvez mais abastada que os Assumpção, só em pastagens os Montenegro possuíam metade do estado de Minas Gerais. É certo que a prole era grande, mamãe tinha cerca de vinte irmãos, mas uma única fazenda de gado leiteiro me bastaria para tocar a vida, ainda que eu vivesse cem anos. Minha pequena filha crescerá cercada do bom e do melhor, e mais bonança terá minha mulher, se algum dia voltasse para casa. (BUARQUE, 2009, p. 59, grifo meu).

Com o desaparecimento de Matilde, o narrador Eulálio teve a vida paralisada, desequilibrou-se emocionalmente, “andava por aí chorando alto” (BUARQUE, 2009, p. 56). Nessa ocasião, sua mãe o obrigou a viajar para cuidar dos bens da família, tão bem administrados por seu pai. Ela ameaçou tomar as rédeas dos negócios e interesses familiares caso o filho não agisse. Com o tempo, a morte violenta de seu progenitor, o abandono da mulher, os mexericos acerca dos fatos envolvendo sua família e a crise econômica fizeram a reputação e a herança ruírem e os privilégios usufruídos pelos Assumpção começaram a se deteriorar.

Entretanto, é possível perceber, mesmo na ruína do narrador, a categoria do “caráter nacional” destacada na obra de Sérgio Buarque de Holanda (1995) que está presente na narrativa. A cordialidade, que se caracteriza como “a lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade”, características próprias, segundo o historiador, do brasileiro. Tais características não significam propriamente “boas maneiras e civilidade”; antes, são “expressões legítimas de um fundo emotivo rico e transbordante” que podem ser expressas em “mandamentos ou sentenças” (HOLANDA, 1995, p. 146-147). O homem cordial é movido pela paixão e não pela polidez ou bondade.

[...] essa cordialidade estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisso que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar e do privado (HOLANDA, 1995, p. 205).

O fragmento citado de *Raízes do Brasil* está simbolicamente ilustrado no romance *Leite Derramado*. O narrador possui traços representativos do ‘Homem Cordial’ uma vez que

em muitos momentos na narrativa demonstra explícita hostilidade com os indivíduos subalternizados: sejam negros, mulheres, os empregados de sua família e outros que indiretamente aparecem para servi-lo. Em adição a isso, é pouco afeito às regras formais, um herdeiro da cultura patriarcal e personalista brasileira, além de gabar-se do prestígio que seus antepassados tiveram com a nobreza portuguesa. Veja-se, a título de exemplo, o trato hostil e arrogante com que tratou um chofer negro, agressividade “naturalizada pelo narrador” como um direito conferido pela origem familiar.

Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. Mal posso pagar meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa. Do meu último passeio, só me lembro por causa de uma desavença com um chofer de praça. **Ele não queria me esperar meia horinha em frente ao cemitério São João Batista, e como se dirigisse a mim de forma rude**, perdi a cabeça e alcei a voz, escute aqui, senhor, eu sou bisneto do barão dos Arcos. Aí ele me mandou tomar no cu mais o barão, desaforo que nem lhe posso censurar. Fazia muito calor no carro, **ele era um mulato suarento**, e eu a me dar ares de fidalgo. Agi como um esnobe, que como vocês devem saber indivíduo sem nobreza. Muitos de vocês, se não todos aqui, têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça negra (BUARQUE, 2009, p. 50-51, grifo meu).

O narrador tem a lucidez de afirmar seu declínio econômico, entretanto sua postura aristocrata, sua arrogância no tratamento às pessoas mais simples, ilustram bem o que se compreende por ‘homem cordial’. O personagem desejava que o motorista do carro aguardasse seu retorno por trinta minutos e como o homem se recusou, ele elevou a voz, e lançou mão de sua origem ilustre para exigir que o motorista o esperasse, auto justificando sua ação hostil. Como vimos não se tratava de um funcionário particular que estava à sua disposição. Ao final da discussão, Eulálio observa com desprezo que o rapaz era “um mulato suarento”, tinha consciência que havia agido “como um esnobe”, mas não demonstra arrependimento ou autorreflexão sobre sua atitude. Para tentar amenizar o ocorrido relata que seu avô foi um benfeitor da raça negra, na verdade ele tenta eximir-se de sua ofensa, negando sua violência e seu racismo.

O autor de *Leite Derramado* utiliza moduladores frasais, alguns pronomes possessivos e verbos no imperativo, dispostos no texto para afirmar a mentalidade patriarcal e o ego do protagonista. O quadro que se delineia no fragmento a seguir nos ilustra uma comunicação hierarquizada entre o narrador e uma das enfermeiras que o atende. Fica evidente o interesse que por ela nutre o narrador, que não abre mão, no entanto, de seu discurso dominador.

Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da **minha** feliz infância, lá na raiz da serra. **Você vai usar** o vestido e o véu da **minha** mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. **Você vai dispor** dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da **minha** família. **Vai dar ordens** aos criados, **vai montar** no cavalo da **minha** antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, **providenciarei** um gerador para você ver televisão. **Vai ter** também ar condicionado em todos os aposentos da sede, porque na baixada hoje em dia faz muito calor. Não sei se foi sempre assim, se **meus antepassados** suavam debaixo de tanta roupa. **Minha** mulher, sim, suave bastante, mas ela já era de uma nova geração e não tinha a austeridade da **minha** mãe. **Minha** mulher gostava de sol, voltava sempre afogueada das tardes no areal de Copacabana. Mas **nosso chalé** em Copacabana já veio abaixo, e de qualquer forma eu não moraria com você na casa de outro casamento, **moraremos** na fazenda da raiz da serra. **Vamos** nos casar na capela que foi consagrada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro em mil oitocentos e lá vai fumaça (BUARQUE, 2009, p. 5-6, grifo meu).

A ânsia pelo prestígio pessoal são heranças patriarcais da cultura brasileira, como também o patrimonialismo e os personalismos. Para o personalista a lei é válida somente para o outro, postura decorrente da crença exacerbada em si mesmo, de um culto a si próprio. O indivíduo se posiciona de forma nula ante as instituições e o coletivo, suas aspirações pessoais e “a presunção de fidalguia, que são pretensamente prerrogativas conferidas por costumes ancestrais (HOLANDA, 1995, p. 37),” sobressaem no seu comportamento. O trecho transcrito corrobora com tal postura.

Tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela moça, no momento não me vem o nome dela. Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim. Dispensando salamaleques, odeio intimidades, **exijo atendimento neutro, profissional**. Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. **Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo**. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber. Deixem mamãe me cheirar, tão logo volte da missa, e ela vai descobrir que me serviram a comida dos empregados (BUARQUE, 2009, p. 101, grifo meu).

Na passagem citada o narrador se encontra em um hospital público. Ainda que falido, sabemos que é herdeiro da classe dominante brasileira. Na situação, ele reclama para si um atendimento exclusivo, com requinte, age de forma violenta com os agentes públicos de saúde. Recupera em sua memória vacilante a figura da mãe, Maria Violeta, que igualmente, simboliza o trato rígido, rude com os empregados. O fato de transportar-se, pela falha de memória, para a infância, possibilita ao leitor, entre outras coisas, a ciência de que a arrogância do narrador “vem do berço”, vem da educação que lhe deu a mãe de quem, de resto, copia a postura. Ante o episódio trará a lembrança à insígnia do “chicote”, objeto de sua

família, que pertencera inicialmente ao seu “tetravô”. A peça pode ser compreendida como símbolo do poder e violência dos Assumpção.

De sorte que, pensando melhor, **papai não gastaria seu chicote histórico com um bando de cascas-grossas**. Papai vai simplesmente pô-los no olho da rua, e esse será o pior flagelo para vocês, **que emprego igual não hão de encontrar em lugar nenhum**. Não falo só pelo salário em dia, pela casa dos fundos onde vocês se embriagam e se masturbam pelas provisões de boca que vocês devoram, ou pela folga quinzenal e a gratificação natalina. Falo também pelo trato pessoal que mamãe lhes concede, os pequenos furtos que ela releva as roupas que lhes doa ainda em bom estado. Ela faz questão de que vão todos bem vestidos à missa, e a cozinheira, que era dada à macumba, fez exorcizar na igreja da Candelária. Foram todos vacinados, exame médico só minha babá não fez, achou uma pouca-vergonha (BUARQUE, 2009, p. 103, grifo meu).

Eulálio Montenegro d’Assumpção cultua em si mesmo aspectos do personalismo, acredita que entre ele e o mundo há um distanciamento, devido sua origem nobre e suas experiências aristocráticas. Sua individualidade, diferença, autonomia em relação ao mundo e ao outro são consideradas mais importantes do que qualquer outra necessidade ao seu redor. Ele realmente acredita que pertence a uma casta elevada:

Porque quando a babá sai de folga é sempre o tal negócio, ninguém tem paciência comigo. Mas estou com fome e sou capaz de ficar batendo com a cabeça na parede até me servirem a sobremesa. E quando meu pai perguntar que galo é esse na minha testa, vou lhe contar que nesta casa me dão porrada quase todo dia. Vou contar em francês, para ficar todo mundo com cara de imbecil e ninguém me contestar. Papai não admite que alguém encoste no filho, fora ele e mamãe. (BUARQUE, 2009, p. 101).

No que diz respeito ao excerto citado, compara-se ao anterior, pois reafirma os aspectos do caráter prepotente do narrador. Somando-se a isso, desnuda verdade do patriarcado, indicando formas de agir, pensar e ser.

Heloisa Maria Murgel Starling (2012), no artigo *O Tempo da Delicadeza Perdida: Chico, Sérgio e as Raízes do Homem Cordial*, diz sobre “a insistência dos Buarque de Holanda em dar conta da aventura de interpretação do Brasil, na profundidade de sua imaginação histórica, social e política” (STARLING, 2012, p. 64). A autora aponta que é uma constante tais propostas uma vez que esta insistência atravessa outros trabalhos. Profere como exemplo, principalmente as canções de Chico Buarque, relacionando-as às obras de Sérgio Buarque de Holanda. No entanto, afirmará que não se trata de uma analogia entre as obras de pai e filho, “mas entre gêneros e tradições próprias da imaginação cultural brasileira” (STARLING, 2012, p. 64).

Procuramos, nas linhas anteriores, estabelecer aproximações, entre as obras *Leite Derramado e Raízes do Brasil*. Pai e filho enquanto autores estabelecem inúmeros espelhamentos em seus trabalhos. A partir do que diz o historiador Thiago Lima Nicodemo(2009) em seu texto crítico *Filho desenvolve e amplia a ideia do pai*, a estudiosa Ana Maria Clark em *Chico Buarque: Recortes e passagens (2016)* o parafraseará, e registrará que Sérgio Buarque de Holanda entra em cena em *Leite Derramado* de diversas formas:

Com a morte de Eulálio poderíamos pensar ingenuamente no fim do homem cordial, o que finalmente abriria caminho para a justiça e a democracia. Sérgio Buarque em sua obra de estreia chegou a cogitar que, com o processo de urbanização, os laços sociais ligados ao modelo patriarcal desaparecessem aos poucos. Não é esse panorama que nos oferece o romance de Chico Buarque. [...] Na verdade, o que a obra produz é uma profunda sensação de inadequação. Eulálio não é uma espécie em extinção, mas sim uma metáfora da incapacidade de compreender o mundo a nossa volta. Chico desenha deste modo, a intensificação do esvaziamento da dimensão política e social na contemporaneidade. Assim, em alguma medida, o filho desenvolve o aparato crítico pensado pelo pai, e produz um novo diagnóstico sobre a realidade brasileira, tão lúcido que se torna bem mais desolador que o original (PERES, 2009, p. 167).

No fragmento citado, a autora destaca as associações entre as duas obras e seu desenvolvimento no âmbito literário e sociológico. As visões do patriarcalismo, apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda têm seus desdobramentos exemplificados na narrativa de Chico Buarque. É como se a estrutura do romance fosse construída à medida que as ideias sobre o homem brasileiro, elaborada pelo pai, ganhassem corpo na figura do personagem.

A violência simbólica perpassa a visão de Eulálio, como estruturante do discurso ideológico da classe dominante brasileira. Segundo Pierre de Bourdieu, a violência simbólica “é um poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8).

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de mais que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é produto (BOURDIEU, 2014, p.56).

Cabe ressaltar que o poder, de acordo com Teun A. Van Dijk (2010), não é essencialmente maléfico, já que pode ser usado com finalidades boas ou ruins. Para ele, “a

sociedade não funcionaria se não houvesse ordem, controle, relações de peso e contrapeso” (DIJK, 2010, p. 27). Entretanto o abuso do poder traz consequências negativas uma vez que favorece a desigualdade social e os estereótipos discriminatórios. Van Dijk afirma que “o abuso do poder significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra os interesses dos outros. Os abusos de poder significam a violação dos direitos sociais e civis das pessoas” (DIJK, 2010, p. 29). A visão de nosso narrador é exatamente a de um homem cuja família exerceu este domínio e ele próprio é herdeiro desse processo. É dele que emanará, discursivamente, a história dos personagens que apresentaremos, ele é o sujeito do discurso, por meio dele a linguagem, a história e a constituição dos personagens nos serão apresentadas.

Outra categoria analítica que consideraremos ao analisar o narrador é o conceito de “branquitude”, que tem haver com a identidade racial do branco, e o lugar de privilégio e prestígio que este ocupa na sociedade, correlacionaremos esta concepção, levando em conta analisar as práticas culturais e sociais do personagem. Segundo a estudiosa Liv Sovik (2009) o “privilégio” está relacionado à marca perceptível da cor branca. Podemos observar que o narrador Eulálio personifica essa condição. Segundo a pesquisadora, a branquitude também é:

[...] atributo de quem ocupa um lugar no alto da pirâmide, é uma prática social e o exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para qual uma certa aparência é condição suficiente. A branquitude mantém uma relação complexa com a cor da pele, formato de nariz e tipo de cabelo. Complexo porque ser mais ou menos branco não depende simplesmente da genética, mas do estatuto social. Brancos brasileiros são brancos nas relações sociais cotidianas: é na prática - é a prática que conta - que são brancos. A branquitude é um ideal estético herdado do passado e faz parte do teatro das fantasias da cultura de entretenimento.

No Brasil, particularmente, a prática social do branco está permeada de afeto, que aparentemente religam setores desiguais, mas a hierarquia social continua vigente e, em um conflito eventual, ela aparece, enfraquecendo a posição de pessoas negras. O valor da branquitude se realiza na hierarquia e na desvalorização do ser negro, mesmo quando “raça” não é mencionada (SOVIK, 2009, p. 50).

O fenômeno mencionado também foi analisado por Vron Ware (2004), no livro *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*, resenhado pela estudiosa Ramayana Lira (2005). Nele *branquitude* foi nomeada como *branquidade*. A resenhista ressalta que há um desconforto com o assunto. Alguns críticos observam que a temática é ofensiva afirmando assim um ódio aos brancos, mas ela ressalta o desnudamento “da dominação branca patriarcal velada” promovido pelo conceito e conclui que:

[...] os estudos da branquidade são, na verdade, uma oposição às ideias e práticas que conferem um status diferenciado às pessoas e que se baseiam, nos diferentes matizes das peles. O ataque não é contra indivíduos, mas constitui uma tentativa de pensar criticamente como a preferência pela pele de cor branca marcou (e ainda marca) a vida de milhões de pessoas e se tornou uma força cultural dominante no ocidente. (LIRA, 2005, p. 235).

Vron Ware (2004) acredita que a branquidade esteja correlacionada à questão social, econômica e política e que essa concepção une os “modos de funcionamento do racismo no Brasil às hierarquias “raciais” de outras sociedades fundadas pelo colonialismo europeu” (WARE, 2004, p. 8). No Brasil, o percussor desta questão foi o sociólogo Guerreiro Ramos (1957), em texto de 1957, *Patologia social do “branco” brasileiro*. Essa anomalia da sociedade branca brasileira de achar-se transcendente acarretou e acarreta grandes estragos para o país.

Considerando os conceitos de violência simbólica e branquitude, analisaremos a figura do narrador e sua correlação com a esposa e os outros sujeitos ficcionais da narrativa.

Em referência aos aspectos de violência percebidos no personagem, podemos inferir que a raiz da sua crueldade tem origem no período colonial. Meninas e meninos brancos consideravam as crianças negras como objeto, brinquedos e animais, que estavam sempre à disposição para suas brincadeiras sádicas. Já adultos, tornaram-se senhores ainda mais impiedosos com seus criados e escravizados. Legitimado como herdeiro do patriarcado colonialista, Eulálio simboliza este passado quando criança e também na vida adulta:

Chutava as empregadas, simulava desmaios, nesse dia pus os cotovelos na mesa e resolvi comer de boca aberta. Depois de me repreender duas, três vezes, mamãe me mandou terminar o almoço na cozinha. Então eu a afrontei, com a boca escancarada exibi-lhe minha maçaroca de arroz, feijão, bife e batata, acho que já estava mesmo a fim de levar uns tapas na cara. (BUARQUE, 2009, p. 74, grifo meu).

A forma encontrada pelo personagem Maria Violeta de corrigir o filho é depreciativa, e também racista, com relação aos serviçais. Conjecturou a possibilidade de o filho ser ilegítimo, deixando subtendida uma possível herança racial negra. O narrador afirma que se sentiu ofendido com a suposta acusação da mãe, demonstrando atitude igualmente preconceituosa. No momento seguinte, expõe ainda mais seu racismo.

E quando mamãe se levantou da cabeceira, marchando na minha direção, antecipei-me ao golpe e desatei a chorar e a me mijar. Ela ergueu a mão aberta, mas na hora H mudou de ideia. **Olhou-me bem de perto e disse que, entre os Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha beiços grossos como os meus.** A comida, cuspi no prato, mas fiquei com a ofensa

engasgada esses anos todos. **E agora lhe perguntei em passant, ao sair da biblioteca, por que ela nunca me contara que tio Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim** (BUARQUE, 2009, p. 74-75, grifo meu).

Ao se referir ao irmão de sua mãe, tio Badeco, e conseqüentemente ao cabelo crespo deste, superficialmente o narrador confronta sua progenitora, entretanto não se conscientiza da ascendência negra que está em seu sangue. Maria Violeta provavelmente escondera do filho, e de toda sociedade, a origem de sua linhagem.

Em referência ao exposto podemos retomar a ideia de branquitude, que se caracteriza por ser um lugar de privilégio ocupado pelo homem branco e a mulher branca. É neste ambiente de enunciação, que o narrador se localiza. Tal fala se organiza por meio das estruturas de dominação racial, tem suporte no aparato econômico cultural eurocêntrico, seu sentido é construído na coletividade, na relação com os demais, dentre os quais faz distinções de igualdade e diferença, isto é, de superioridade e inferioridade conferidas pela cor da pele. O episódio em que o personagem se sente ofendido, o fato de sua mãe esconder da família a existência de um irmão negro, evidencia esta categoria relacional. Da mesma maneira, em outra cena, se percebe a mesma estrutura de dominação racial:

Mas a minha babá vou pedir para papai não mandar embora porque dá pena, a negona nunca vai gostar de outra criança como gosta de mim. Nem vai deixar outro menino fazer festinha naquelas suas tetas gordas como me deixa, dá tapa na mão, mas deixa. De nada adiantou mamãe contratar a governanta alemã, quando achou que eu estava muito crescido para ter babá. A fräulein era cheia de não-me-toques, queria me obrigar a falar alemão e praticar ginástica, mas não pôde comigo, teve um ataque de nervos e voltou para a Baviera. Além da babá, acho que vou pedir para meu pai poupar a lavadeira, que está sempre rindo e falando pelos cotovelos. Quando vejo aquela cesta de roupa recém-lavada, mijo em cima com vontade, e ela lava tudo de novo sem reclamar, lava cantando polca, rebolando no tanque. A lavadeira era uma mameluca que mamãe trouxe da roça, e hoje papai não confia a mais ninguém suas camisas de linho, que nos tempos do porto de Manaus, mandava passar e engomar na Europa. (BUARQUE, 2009, p. 103-104).

Mais uma vez, vemos atitudes sádicas do narrador contra os empregados. Aparentemente há um gozo em seu ato, nenhum arrependimento por suas ações é demonstrado. É importante salientar que no declínio do Império, e conseqüentemente do colonialismo no Brasil, percebe-se que o sadismo associou-se ao autoritarismo, mandonismo, coronelismo, caudilhismo brasileiros. Suas conseqüências ainda estão presente nas relações interpessoais e na política, principalmente devidas a interesses econômicos. Além disso, observamos na passagem descrita marcas da já citada branquitude. O narrador posiciona-se

em um lugar de poder, é incapaz de repensar suas ações ou tirar conclusões sobre seu racismo quando rememora acontecimentos da infância.

No que se refere à Matilde e a sua relação com o narrador, o texto insiste que ela despertara em Eulálio desejos até então por ele desconhecidos. Ele nunca havia sentido algo parecido, desconfiara ter herdado o fulgor libertino do pai. Há um misto de poder e dominação patriarcal no exercício da sexualidade do personagem, mas o que é ressaltado exaustivamente na narrativa é o desejo pelo corpo da mulher que posteriormente viria ser sua esposa.

E urgia compreender melhor o desejo que me descontrolara, eu nunca havia sentido coisa semelhante. Se desejo era aquilo, posso dizer que antes de Matilde eu era casto. Quem sabe se inadvertidamente, eu não teria me apossado da volúpia do meu pai, assim como da noite para o dia herdara gravatas, charutos e negócios, bens imóveis e uma possível carreira na política. Foi meu pai que me apresentara mulheres em Paris, contudo mais que as próprias francesas, sempre me impressionou o seu olhar para elas. Assim como o aroma das mulheres daqui não me impressionava tanto quanto o cheiro dele, impregnado na garçonière que ele me emprestava. Debaixo do chuveiro eu me olhava quase com medo, imaginando em meu corpo toda a força e a insaciedade do meu pai. Olhando meu corpo, tive a sensação de possuir um desejo potencial equivalente ao dele, por todas as fêmeas do mundo, porém concentrado em uma só mulher. (BUARQUE, 2009, p. 33).

O narrador indicia a possibilidade de um sentimento verdadeiramente amoroso ao reconhecer sua paixão avassaladora por Matilde. “Já eu, casei e fui morar com Matilde no velho chalé com o propósito de passar a vida inteira a seu lado” (BUARQUE, 2009, p. 62). Leyla Perrone-Moisés (2009), em sua resenha crítica sobre a obra, defende que o personagem, “embora exposta de modo indireto, pelas linhas tortas da memória do narrador, tem uma consistência e uma pungência excepcionais” e que “a história de Matilde é de uma profunda tristeza”. Cabe ressaltar a origem racial de Matilde, muito embora seu marido não a reconheça. Trata-se de uma mulher negra, que carrega em si todos os atributos da raça que a estigmatiza.

Apesar da paixão que o narrador reconhece sentir pela mulher, a dimensão desse sentimento será estritamente sexual, não há dimensão afetiva em seu relacionamento com ela, é uma relação cercada de erotismo, ciúme, violência, além de verificarmos, como já dissemos o contexto de racismo em que se dá o relacionamento. Há inúmeras imagens sexuais na narrativa ressaltando o desejo de Eulálio por Matilde: “Dispo Matilde com os olhos, mas ao invés de vê-la nua, vejo o vestido sem o corpo dela” (BUARQUE, 2009, p. 86); uma segunda imagem erótica focaliza seu desejo pelos seios da esposa: “Eu gostava de vê-la amamentar, e

quando ela trocava a criança de peito, às vezes me deixava bicar no mamilo livre” (BUARQUE, 2009, p. 85); achava o caminhar da mulher insinuante: “Vi como ela se aproximava não em linha reta, mas em parafuso, a se entreter com meio mundo à sua volta, como se estivesse numa fila de sorveteria. Mas ela vinha, mas eu ansiava por vê-la face a face [...]” (BUARQUE, 2009, p. 30). Posteriormente, surgiu em Eulálio, um sentimento incontrolável de ciúme, a desconfiança o dominou: “Eu já saíra de casa com Matilde na cabeça, vinha matutando que ela escondia alguma coisa de mim [...] queria me fazer crer que, na minha ausência, Dubosc se servia do chalé puramente” (BUARQUE, 2009, p. 112-114). Com o desaparecimento de Matilde, o narrador se arrepende dos xingamentos, da vergonha que sentia dela e das críticas que recorrentemente lhe fazia, entretanto já era tarde.

Frantz Fanon, na obra *Pele Negra e máscaras brancas* (1952), no capítulo intitulado “*A mulher de cor e o branco*”, aponta para a dualidade da consciência da mulher negra ao se relacionar com um homem branco, trata-se de um sentimento subjetivo que se expressa nas oposições entre amor e opressão, conquista e escravização. O autor acredita na possibilidade do amor. Entretanto reconhece suas “imperfeições e perversões”, estas podem ser pautadas pelo racismo, por exemplo, identificar a origem destas discriminações seria o ideal para consciência de si. O estudioso assinala que o indivíduo amado contribui para exteriorização da masculinidade, ao mesmo tempo “que a preocupação em merecer a admiração ou o amor do outro tecerá, ao longo da minha visão de mundo, uma superestrutura valorativa” (FANON, 2008, p. 53).

A partir das reflexões do autor, podemos pensar analogicamente e subjetivamente, que o narrador Eulálio enquanto homem branco é o receptor da conquista e do amor leal da esposa negra, restando a Matilde a figuração de um amor opressor e desqualificador. Fanon discorre que inconscientemente a mulher de cor deseja reconhecimento, ainda que isto lhe custe seu desfiguramento enquanto sujeito. Em suas análises a respeito dos relacionamentos entre a mulher de cor com o homem europeu, ele observou que a negra deseja embranquecer, a mulata deseja evitar a regressão étnica (FANON, 2008, p.62-63). Seria o caso do personagem Matilde?

No decorrer do romance percebemos constrangimento e a não aceitação por parte do narrador e de seus familiares em relação à origem racial de Matilde: “Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs [...]” (BUARQUE, 2009, p. 29). Para a estudiosa Eurídice Figueiredo a afirmação de Maria Violeta

era um “eufemismo para insinuar que ela era mulata e que os negros tem um cheiro forte” (FIGUEIREDO, 2010, p.227).

Em outro momento, o narrador, expressa seu incômodo na tentativa de “disfarçar” a origem negra da esposa: “Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena” (BUARQUE, 2009, p. 149). Para Eurídice Figueiredo “o racismo à brasileira denega a origem negra através de subterfúgios como a existência de uma ascendência indígena ou mourisca” (FIGUEIREDO, 2010, p.233). A autora em seus estudos sobre a etnicidade também pontua que:

É comum no Brasil esta atitude racista que teima em afirmar que não é racista, seja denegando sua origem por uma ideologia de branqueamento, seja atribuindo a cor trigueira, como faz Amleto em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, a origens consideradas mais nobres (indígena ou mourisca, como aqui no *Leite Derramado*), seja achando que lugar de negro é na África (por isto, postulando um retorno), seja ainda repetindo os clichês e provérbios racistas. Chico Buarque, ao desvelar estes procedimentos e estratégias, desmascara o racismo através do humor e da paródia (FIGUEIREDO, 2010, p.234).

Com relação à autoconsciência de Matilde pautada à sua ascendência negra, na narrativa não é evidenciada uma vez que o personagem se identifica e se apropria de artefatos culturais ligados ao mundo negro, mesmo que não vivencie plenamente sua negritude.

Em relação às apropriações culturais e o personagem Matilde, observamos no corpo do romance a ligação cotidiana do personagem com elementos característicos da herança cultural negra no Brasil, como na ocasião em que tocou no piano um batuque chamado Macumba Gegê (BUARQUE, 2009, p. 45). Em outro momento, foi surpreendida pelo marido dançando e ouvindo samba: “Pensei que fosse maxixe, mas era o tal de samba que ela deu de ouvir todo dia: jura, jura, jura de coração” (BUARQUE, 2009, p. 115-116). Refere-se o narrador a duas composições de Sinhô, compositor muito conhecido nas rodas de samba das décadas de 1910 e 1920. Marca também, o narrador, a preferência de Matilde por cores vivas e alegres, sua familiaridade com tais tendências e como as artes populares, o que a torna deslocada, além de causar incômodo em seu marido.

Compreendemos que identidade é um processo de construção individual e social. Tal processo agencia as visões que o sujeito faz de si mesmo, e de sua condição e sociedade, e as visões do outro e da sociedade sobre ele. Ressaltamos isto pelo fato de não haver explicitamente no romance, indícios de que Matilde tenha uma atitude alienada com relação à

cor de sua pele. É a visão preconceituosa do narrador que modela o personagem, da qual não temos nem sequer uma fala. Consuelo Dores Silva nos explica, em sua obra, *Negro, qual é o seu nome* (1995), “que a consciência da identidade advém do contexto social em que o indivíduo se localiza” (SILVA, 1995, p. 30) e que a “autoconsciência emerge em situações concretas de confronto”. Há no texto, inúmeras situações em que Matilde entra em confronto, seja na sua família de origem, seja na relação com o marido, com os familiares e amigos deste último. A ambiguidade que marca o romance como um todo, também neste aspecto se faz presente, no sentido de que o leitor não sabe propriamente se as atitudes do personagem são mesmo dela, se são exageradas pelo olhar preconceituoso do narrador ou, ainda, se são marcas de um possível desejo de autoafirmação étnica. Esta ambiguidade, digamos assim, “procurada”, é elemento importante para a construção de sentido do texto, mas, sobretudo é elemento provocador, apontando para um imaginário brasileiro que só percebe o negro nestes aspectos mais superficiais, inclusive imaginário e possivelmente partilhado pelo próprio leitor.

Consuelo Silva nos dirá que a “socialização primária, que começa na família é determinante na construção da identidade” (SILVA, 1995, p. 31). Nesse processo “a transmissão de valores e das crenças pelos agentes socializadores influenciará decisivamente na maneira de pensar e de agir das crianças no futuro, quando em interação com outras pessoas” (SILVA, 1995, p. 31). O segundo ambiente onde esta sociabilidade ocorre é na escola. Para a autora “[...] a trajetória e a biografia individuais são pré-definidas, devido às expectativas sociais. Assim, todos os indivíduos têm uma história particular, específica, e constroem a sua identidade numa relação dialética com a sociedade” (SILVA, 1995, p. 32).

Quanto a personagem Matilde, as atitudes e papéis socializadores em seu contexto familiar e estudantil foram negativos e será por meio destes que ela absorverá o mundo ao seu redor, inclusive a si mesma. Sua imagem na narrativa é fragmentada, fora criada por uma mulher que não era sua mãe, era fruto das aventuras de seu pai com uma mulher desconhecida (BUARQUE, 2009, p. 73), sua herança negra provavelmente veio da mãe.

Na narrativa, descrições de fotos, de sua infância e de sua vida adulta inexistem. Inclusive, aquelas tiradas no colégio francês onde ela estudara se perderam ou desapareceram propositalmente. Nem mesmo existia o célebre álbum de família em que poderiam constar fotografias dela, de Eulálio e da filha ou do casamento. O narrador destaca que não tinha retratos da esposa, somente lembranças. Ao dela falar, faz questão de registrar que “nem

sequer tinha uma fotografia” (BUARQUE, 2009, p. 186), sendo frustrada sua tentativa de obter fotografias da mulher:

Senti remorso por não ter feito a vontade da sua mãe, que chegara a telefonar para um estúdio fotográfico na cidade, onde posaríamos para um álbum de família, nós três. Matilde se queixava com razão, não tínhamos nem a clássica fotografia de casamento, mas fui protelando o estúdio, depois tudo desandou [...]. Então presumi que a família de Matilde deveria guardar pelo menos uma fotografia dela em criança, talvez um retrato da primeira comunhão para você mostrar às colegas. No fim da tarde fui à casa de mamãe, que recebia a mãe de Matilde para um chá, e ouvi suas vozes plangentes no jardim-de-inverno: ela... as andanças dela... as companhias dela... o destino dela... Com a minha entrada as duas desconversaram, passaram a falar da iminência de nova guerra na Europa, das levas de refugiados que aportavam no país diariamente: em Copacabana, Maria Violeta, só se ouve falar alemão e polaco... é aquele povo, Anna Theodora, é tudo gente daquele povo... Aproveitei a primeira brecha para solicitar à dona Anna Theodora uma lembrancinha da filha, uma foto qualquer só por uns dias, mas ela baixou a vista e avançou no pão-de-ló. (BUARQUE, 2009, p. 97).

Voilà, disse Mère Duclerc, e me passou uma fotografia da turma da seconde em 1927. Via-se uma dezena de alunas sentadas, com as mãos cruzadas sobre o regaço, à frente de outras tantas em pé, com os braços duros para baixo. Eram as colegas de Matilde, conheci seus rostos. Mas faltava ela, naquele dia Matilde talvez estivesse suspensa. (BUARQUE, 2009, p. 99).

Segundo Jacques Le Goff (2003) as fotografias são criadoras de memória e objeto de recordação no imaginário social. São símbolos de prestígio, transmitem história não apenas de si, mas de outros que nos cercam. Le Goff nos diz que esta é uma das “manifestações importantes ou significativas da memória coletiva” (LE GOFF, 2003, p.460), uma vez que “a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003, p.460). Pierre Bourdieu (1965, p.53-54) citado por Le Goff (2003, p. 460) destaca que:

Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram... O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros (BOURDIEU, 1965, p.53-54).

Como já se ressaltou o narrador mesmo tendo procurado na família e na escola da esposa, não logrou achar fotos dela. Nem mesmo parece tê-las feito. Há como uma vergonha por parte da família e embora enrustida por parte do próprio Eulálio de fazer tal registro, de

deixar para posteridade eternizada numa fotografia a marca de uma “mancha”. A cor da pele de Matilde lhe atribui um status subalterno, ainda que inserida em uma classe privilegiada. Uma crítica relacionada a esta explicitação é feita por Consuelo Dores Silva (1995) que ressalta o corpo e cor da pele como estigma:

No estudo de estigma, Goffman (1982) afirma que uma pessoa pode transmitir informação sobre sua identidade social mesmo contra sua vontade. Esta informação é de natureza reflexiva, isto é, ela se refere à própria pessoa e é corporificada, pois o corpo se exprime também através da linguagem não verbal. Esta informação é chamada de social e é expressa através de signos. Os signos são conotativamente símbolos. (SILVA, 1995, p. 33).

Segundo Goffman, os símbolos podem simplesmente confirmar uma informação que possuímos sobre a identidade de uma pessoa. Contudo, se a informação que eles possuem um traço- que pode impor-se à atenção dos outros – os símbolos podem contaminar esta identidade, desviando a atenção dos “normais” (pessoas não portadoras do estigma) para outros atributos do indivíduo. Estes símbolos são denominados símbolos de estigma (SILVA, 1995, p. 33).

Tendo em consideração a passagem, Consuelo Silva, destaca que “os símbolos, enquanto símbolos de informação podem ser de natureza permanente (os signos de natureza congênita) ou de natureza não permanente. Entre os signos de natureza congênita se situa a cor da pele” (SILVA, 1995, p. 34). Tais símbolos interferem muito nas informações sociais sobre o sujeito. E o fazem mesmo em contraposição ou detrimento àquilo que o sujeito apresenta de mais próprio. Por essa razão, podemos inferir que Matilde é estigmatizada na narrativa por ser negra, o signo da cor está nela inscrito. Aqueles que a rodeiam, observam, há o silêncio da branquitude por um lado, por outro existem falas atravessadas, que podem desnudar o racismo.

Continuando a falar do narrador, o seu fim na narrativa é uma metáfora do próprio romance. Ele é acometido por confusão mental, lembra-se da mãe, e de seu mais longínquo antepassado, “o célebre General Assumpção”, seu tetravô. Este entra em um processo de delírio, desdobra-se em outro Eulálio que descreve sua morte, óbito, então, do personagem e do autor, já que para a instância narrativa, era ele que narrava suas memórias (BUARQUE, 2009, p. 194-195). No mesmo sentido temos uma história sem cronologia, o texto é fragmentado nos seus vinte três capítulos, não há divisão de parágrafos, o que permite o encadeamento de ideias, e gera certa desordem, embora seja compreensível. Há mimetização de falas por meio do narrador que assume a voz dos seus antepassados e dos outros sujeitos ficcionais do romance, ainda que sua visão sobre eles seja limitada.

Em síntese, podemos definir o narrador-personagem Eulálio como um “*homem cordial*”, herdeiro do patriarcalismo, posiciona-se num lugar de privilégio e o defende arrogantemente, mesmo encontrando-se em situação de decadência, hospitalizado e sem recursos financeiros. Os incômodos que ele diz sentir em relação ao caráter da esposa, as interpelações irônicas ao chofer negro, ao policial negro, à babá, a Balbino, ao seu bisneto negro, aos empregados da família são marcas da violência simbólica e da branquitude que desnudam seu racismo.

CAPÍTULO III - Identidade e Corporeidade Negra

3.1 O personagem Matilde

A dimensão das relações raciais no relacionamento inter-racial de Matilde e Eulálio atravessa toda a narrativa, ainda que não declarada explicitamente. O amor, o ciúme possessivo e o desejo sexual que o narrador nutre pela esposa não serão descartados nesta análise, entretanto é preciso admitir e considerar a força discriminatória, a violência e a opressão dessa relação. Neste exame literário, percebemos que os atributos demarcados pela pele preta, sejam eles de ordem social, cultural e econômica, são considerados nos relacionamentos amorosos inter-raciais. Estudos críticos sobre isso foram realizados por alguns estudiosos, dentre eles o teórico *Edward Telles*, na obra *Racismo à Brasileira* (2002). Uma das abordagens do estudo é o diálogo integrado das relações raciais brasileiras à interferência, ao aprofundamento da miscigenação e às tensões raciais na vida prática das pessoas. Romper com o silêncio relacionado ao racismo que pesa em toda estrutura social brasileira, inclusive na literatura, é uma das propostas de nossos estudos.

No Brasil patriarcal, desde os primórdios dos tempos coloniais, a mulher negra era vista de maneira sexualizada, acusada, muitas vezes, de desviar “os rapazes e os homens de bem” dos caminhos da conduta moral cristã. O cientista social Gilberto Freyre reforçou algumas dessas simbologias em seu ensaio antropológico *Casa Grande & Senzala* (1933):

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: "**Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar**": ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás, o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelecões muito mais do que as "virgens pálidas" e as "louras donzelas" (FREYRE, 1998, p. 10, grifo meu).

Como vimos, as relações matrimoniais no período colonial eram reservadas, exclusivamente às mulheres brancas; para as negras retintas, o trabalho escravo; às mulatas era-lhes imposto o sexo; a dialética sexista e escravagista condicionava o discurso da época. Freyre nos aponta que “Foram os corpos das negras - às vezes meninas de dez anos - que constituíram, na arquitetura moral do patriarcalismo brasileiro, o bloco formidável que defendeu dos ataques e afoitezas dos don-juans a virtude das senhoras brancas” (FREYRE, 1998, p. 450). Mesmo as mulheres negras mais velhas eram vistas com voluptuosidade: “as

negras não ficam velhas tão depressa, nos trópicos, como as brancas; aos quarenta anos dão a impressão de corresponder às famosas mulheres de trinta anos dos países frios e temperados” (FREYRE, 1998, p. 442). O autor também nos afirma que “Uma preta quarentona é ainda uma mulher apenas querendo ficar madura; ainda capaz de tentações envolventes” (FREYRE, 1998, p. 442). Somando-se a isto, essas mulheres eram vistas como depravadas. “Loreto Couto enxergou nas mulheres pretas e pardas do Brasil uma tentação a serviço do aperfeiçoamento das almas; por conseguinte, combustível do infernal incêndio. O clima, não, mas a presença de negras e mulatas pareceu-lhe uma excitação ao pecado, difícil de resistir-se no Brasil” (FREYRE, 1998, p. 426).

Historicamente, como vimos, a mulher negra teve seu corpo violado sexualmente, herdamos do passado colonial concepções racistas que estão ainda vigentes na contemporaneidade. Além disso, compreendemos que as relações afetivas são construídas socialmente e estão impregnadas de representações socioculturais.

É nesse contexto que conheceremos o personagem Matilde.

Matilde é descrita inicialmente por Eulálio Montenegro de Assumpção como uma “menina que não parava quieta, falava, rodava e se perdia entre as amigas, balançando os negros cabelos cacheados” (BUARQUE, 2009, p. 20). Além disso, tinha “pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas” (BUARQUE, 2009, p. 20), “saía da igreja como quem saísse do cinema Pathé” (BUARQUE, 2009, p. 20), “ela era em seu balanço guardado, seu tumulto interior, seus gestos e risos por dentro, para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 20). A visão dessa menina mulher, cheia de autenticidade e vigor, gerou em Eulálio desejos eróticos desconhecidos que revelaram subitamente a paixão de sua existência:

Então, não sei como, em plena igreja me deu grande vontade de conhecer sua quentura. Imaginei que abraçá-la de surpresa, para ela pulsar e se debater contra o meu peito, seria como abafar nas mãos o passarinho que capturei na infância. (BUARQUE, 2009, p. 20).

Nessa breve apresentação, podemos perceber como tão bem afirma a crítica literária Leyla Perrone-Moysés (2009), “a vitalidade e espontaneidade” de Matilde na trama, há leveza e brilho singulares nela. José Castelo, na resenha “Vazio que define o mundo” (2009), dirá que sua ausência é “mais gritante que qualquer presença”, e, por fim, Margarida Maria Alacoque Chaves de Sousa defende em seu estudo *Catando a Poesia Derramada no Chão*:

Constelações Femininas na obra de Chico Buarque (2015), que este personagem “apresenta-se inalcançável e como num sonho dissolve no ar” (SOUSA, 2015, p. 90).

Conhecer Matilde foi um acontecimento avassalador para o narrador, foram os aspectos sexuais e o desejo que o dominaram ao conhecê-la. Assim, é por meio de seus olhos que conheceremos a personalidade e o comportamento do personagem feminina.

Matilde nasceu em 1912 e, aos dezesseis anos, casou-se com Eulálio. Era filha de Anna Theodora, casada com Doutor Vidal, deputado correligionário, uma de sete irmãs: Anna Theresa, Anna Amélia, Anna Christina, Anna Leopoldina, Anna Isabel, Anna Regina. É interessante salientar que todas as seis irmãs de Matilde recebem o prenome “Anna”, que tem como uma das variantes “Ana”, cujo significado em hebraico é “cheio de graça”, “graciosa”. O nome Matilde é de origem germânica, é deslocado do nome das irmãs e tem o sentido de “força na batalha” e “guerreira forte”. Aspecto muito contundente, já que às mulheres negras foi dado o papel daquelas que se esforçam e que vão à luta, suas conquistas se realizam “na base do sangue, suor e lágrimas”, suportam qualquer dor, a elas é dispensado demonstrações de fragilidade. Em uma conversa informal entre Maria Violeta, mãe de Eulálio, e Anna Theodora, revela-se que Matilde é fruto de um caso extraconjugal do marido com uma mulher “das bandas da Bahia”. A revelação é um forte indício que explica a negritude dela:

E um dia a gorda mãe de Matilde deixou escapar que a menina não era filha sua, mas fruto de uma aventura do deputado, lá para as bandas da Bahia. Mamãe não tardou a me chamar ao casarão, e me fez a revelação na biblioteca do meu pai, onde se tratavam temas graves. Deve ter outras, ela disse, o traidor deve ter outras famílias por lá. E depois de um suspiro acrescentou, é essa gente do Norte. Tenho para mim que aquilo não passava de invencionice, a mãe de Matilde buscava se eximir da culpa por não defendê-la do repúdio paterno. Nem levei a história adiante, e Matilde por certo se riria dela. (BUARQUE, 2009, p. 73, grifo meu).

No decorrer da narrativa, algumas pistas fazem alusão à herança racial negra do personagem, embora o narrador não reconheça tal origem. Afirmará que “Matilde tinha pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena” (BUARQUE, 2009, p. 149). Em outra ocasião declara:

Era a mais moreninha da fila, e vestida de congregada mariana ela era deveras um acinte, estava quase obscena, fechada em paramentos. Porque com seus olhos apenas, **aqueles olhos meio árabes**, Matilde dava a entender seus menores movimentos de corpo, o sutil balanceio dos seus quadris, e tive de correr para casa, eu precisava de um banho fresco. E debaixo do banho observei meu corpo fremente, só que neste momento minha cabeça

fraquejou, não sei mais de que banho estou falando (BUARQUE, 2009, p. 138, grifo meu).

Maria Violeta, mãe de Eulálio, certa vez, ao vê-lo admirando Matilde, perguntou ao filho “se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa de meu pai” (BUARQUE, 2009, p. 20).

Segundo o quesito “cor ou raça”, utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, o IBGE, no Brasil temos as seguintes classificações de cores para a população: branca, preta, parda, amarela e indígena. Sabemos que a mestiçagem da população brasileira se originou da mistura de três raças, branca, negra e indígena, e não ocorreu de forma tranquila, visto que há complexidades e tensões nas relações sociais estabelecidas a partir dela.

Somando-se a isso, fica evidente que não existe nesta classificação o termo, “moreninha”, e muito menos, “mulata”. Vale destacar que este último é um ser, ou até um não ser, situado num limbo conflituoso entre o ser negro e o ser branco. Seu real significado lexical nos aponta como sendo uma palavra que vem do léxico, mula (animal híbrido que advém do cruzamento do jumento com égua ou cavalo com jumenta). Tal conotação era utilizada para designar os filhos mestiços das escravas com homens brancos. Os descendentes assim gerados eram marcados pela exclusão e, ainda que tivessem a pele mais clara, para os outros e para si mesmos, eles continuavam sendo negros.

Culturalmente, suavizar ou atenuar o vocábulo revela-nos a dificuldade que temos enquanto brasileiros de lidar profundamente com a discriminação étnica, e é isto que ocorre com Eulálio, a negação. A crítica literária Leyla Perrone-Moisés (2009) afirma que no romance “a cor da pele é obsessivamente lembrada” pelo personagem. Ele é atraído e sustentado por estratégias e estruturas sociais racistas que operam no processo de inferiorização a partir do marcador racial e nem sequer percebe.

Já se chegavam **suas seis irmãs branquinhas**, logo atrás o deputado federal seu pai, de braço com a senhora sua mãe, depois viriam as congregadas marianas, mais uma ainda longa fila, e não havia alternativa (BUARQUE, 2009, p. 32, grifo meu).

Ainda sobre o mulato no Brasil, Edward Eric Telles (2003) ao parafrasear Carl N. Degler (1986) destaca que: historicamente os mulatos “gozavam de um status mais ou menos intermediário entre brancos e pretos” (TELLES, 2003, p. 148). Atualmente no país, há um

melhor tratamento aos mulatos nas relações raciais, o que é constatado pelo autor ao analisar os escritos de Degler sobre casamentos inter-raciais ocorridos no século XIX. Esse fato evidenciava “a mobilidade de mulatos” (TELLES, 2003, p. 148) a partir destas relações. Segundo o estudioso, a união matrimonial entre mulatos e brancos é menos estigmatizada nacionalmente do que com os pretos mais escuros (TELLES, 2003, p. 150). A ressalva é de que, nos estados do sul, essa máxima não prevalece. Telles indica a interferência dos “efeitos potenciais de duas outras variáveis que influem na união inter-racial – imigração e industrialização” (TELLES, 2003, p. 150). Em relação à imigração, o autor salienta que “alguns pesquisadores atribuíram à influência dos imigrantes os índices aparentemente mais altos de discriminação contra negros em São Paulo e no sul do país, concluindo que os imigrantes reforçaram o preconceito racial ao trazerem consigo ideologias racistas” (TELLES, 2003, p. 151). Sobre a industrialização, o estudioso observa “que os lugares mais desenvolvidos industrialmente apresentam taxas de união inter-racial um pouco mais elevadas, mas pouco significativas se comparadas à composição racial” (TELLES, 2003, p. 152).

Outra declaração importante de Telles (2008) elucida a união inter-racial entre classes sociais diversificadas, relações as quais são facilmente aceitas “nas camadas socioeconômicas mais baixas, ao passo que rara nas camadas mais altas (TELLES, 2003, p. 152). Esses relacionamentos também podem ser comprometidos “pela composição racial entre as áreas urbanas, sua relação com os níveis educacionais também está correlacionada à composição racial” (TELLES, 2003, p. 153). Nesse sentido, o autor demonstrará que “Os casamentos inter-raciais de brancos são mais prováveis naqueles níveis de escolaridade onde há mais negros” (TELLES, 2003, p. 153).

A troca de status na união entre raças, no Brasil, é um relevante conceito relatado por Telles (2008) e torna-se necessário compreendê-lo para entendermos as relações estabelecidas nesses relacionamentos. Nessa ligação, é sugerido que “o membro de um grupo racialmente subordinado pode se casar com membros de grupos raciais dominantes, oferecendo em troca outras características positivas de status, tais como educação ou classe social” (TELLES, 2003, p. 154). Segundo este estudo, a variável “anos de escolaridade está disponível e é um indicador importante” (TELLES, 2003, p. 155). Assim, supõe-se que “os indivíduos de status racial mais baixo em uma união inter-racial também tenham maiores níveis de escolaridade” (TELLES, 2003, p. 155). Em suas observações, o autor conclui que “homens e mulheres pretos são mais propensos a ter mais anos de escolaridade que seus parceiros pardos ou

brancos” (TELLES, 2003, p. 156). Para o teórico um esclarecimento para estas uniões seria “a ideologia do branqueamento”:

Ao invés de segregar a população, a elite brasileira há muito tempo promove a união inter-racial. Com uma lógica enviesada de que a combinação dos genes negros e brancos acabaria produzindo uma população branca ou, pelo menos, progressivamente mais clara, essa ideia de branqueamento tornou-se uma crença popular. Em geral, acredita-se que a união com um parceiro de pele mais clara é como uma “purificação do útero” resulta em um futuro melhor para as crianças mais claras, garantindo a persistência da mistura racial. Ou seja, parece que a ideologia de branqueamento tornou-se o motor para persistência da miscigenação brasileira (TELLES, 2003, p. 154).

Entretanto, ao mesmo tempo em que Telles (2008) acentua essa característica nas representações sociais brasileiras, aponta um equívoco: “a falha da teoria do branqueamento está no fato de que esta funciona apenas para o parceiro de pele escura” (TELLES, 2003, p. 154). Dessa forma, o autor questiona “por que razão iria uma pessoa mais clara se casar com uma pessoa escura, especialmente no contexto da ideologia do branqueamento, em que a pele mais escura, e especialmente a preta, é estigmatizada” (TELLES, 2003, p. 154).

Telles (2008), parafraseando John Burdick(1998), afirma “que homens brancos apreciam mulheres de pele escura, mas evitam as muito escuras. Eles preferem mulatas ou morenas consideradas como a encarnação do prazer e da sexualidade brasileira” (TELLES, 2003, p. 155), representação enraizada no sistema colonial escravocrata brasileiro.

É necessário ressaltar que Telles (2008) faz ponderações sobre a existência de exceções que não podem ser generalizadas etnicamente. É neste entre lugar que podemos posicionar o sujeito ficcional Matilde na narrativa de *Leite Derramado* (2009). O narrador Eulálio não reconhece a origem racial dela, mas este imaginário em torno da mulata e sua identidade racial a circunda, mesmo que haja ausência de reconhecimento dele e ainda que o personagem não tenha consciência desse processo histórico.

O anúncio do casamento de Matilde e Eulálio foi uma surpresa para Maria Violeta, que esperava que o filho concluísse os estudos ou arranjasse um trabalho. Além disso, não via com bons olhos esse matrimônio uma vez que já entendera que a índole da nora não era manipulável e que a atitude desta era muito diferente da dependência subserviente de Eulálio. Para a estudiosa Eurídice Figueiredo (2010) este matrimônio “era visivelmente um mau passo, um erro, do ponto de vista social” (FIGUEIREDO, 2010, p.227). O pai do personagem, o senhor Vidal, oferecera cadeira cativa na política ao futuro genro. Entretanto, devido às

suspeitas do envolvimento do futuro sogro na morte de seu pai, sua mãe o obrigou recusar a oferta de trabalho.

O anúncio do meu casamento pegou-a desprevenida, e ela chegou a me recusar sua bênção, enquanto eu não me diplomasse ou arranjasse um emprego. A Faculdade de Direito estava fora de cogitação, eu mal punha os pés lá dentro, mas o emprego, consegui de imediato. O pai de Matilde me recebeu com simpatia extrema, me garantiu que o filho do senador Eulálio d'Assumpção teria cadeira cativa em seu gabinete, ficou até de apressar minha filiação ao partido. Muito prosa, participei o sucesso à minha mãe, que teve uma reação destemperada, perguntou se eu já me havia esquecido do assassinato do meu pai. Por um instante embasbaquei, eu não podia figurar meu futuro sogro de pistola em punho, muito menos sua gorda mulher como pivô de um crime passional. Mas minha mãe se referia aos nossos adversários políticos, que para ela eram sempre os mandantes do crime. Eu andava um tanto alheio ao noticiário, ignorava que o pai de Matilde, cuja carreira medrara a sombra do meu pai, se bandeara gostosamente para a oposição. **E já ciente de que não podia enfrentar Matilde, mamãe me propôs uma mesada de três contos de réis**, mais as obras no chalé, contanto que renunciasse à proposta daquele traidor (BUARQUE, 2009, p. 70-71, grifo meu).

Ao comunicar-se com o futuro sogro sobre sua decisão de recusar a oferta de trabalho, imediatamente o pai de Matilde rejeita “a mão da filha”. Corajosamente o personagem desafia a família afirmando que estava grávida. Veremos que se trata de uma estratégia articulada pela moça para que pudesse se casar. Mediante a suposta revelação, o pai concede a filha ao Assumpção e rompe relações com ela. Matilde tinha dezessete anos quando decidiu se casar com Eulálio contra a vontade de sua família, demonstrando ser uma mulher à frente de seu tempo. Ainda que não possuísse consciência de si no que se refere a sua identidade e origem racial, seguiu seus instintos e seus desejos, não foi movida somente pelo desejo de matrimônio ou pela possibilidade da maternidade e decidiu prosseguir com seus planos, a paixão pela vida e por Eulálio a fez audaciosa. Contudo, apesar da bravura da mulher, o narrador permitiu que a cerimônia de seu casamento fosse organizada por sua mãe, que não fez questão alguma que houvesse convidados, festa, vestido de noiva ou fotografias, tudo foi realizado com descrição e decoro.

Fui ao meu futuro sogro, agradeci-lhe a oportunidade, mas ponderei que minhas raízes no campo conservador não me permitiriam servir a um parlamentar liberal. Ele respondeu que respeitava minhas convicções, mas tampouco poderia confiar a mão da filha quase impúbere a um cidadão sem palavra. **Foi quando Matilde entrou com o lance decisivo, comunicou aos pais que estava grávida. Não era verdade, Matilde nunca abriu mão de casar virgem.** Mas para um deputado federal, por mais liberal que fosse, ter uma filha mãe solteira não convinha. Então o deputado cedeu à filha, e seus eleitores nunca souberam que ele a deserdou no mesmo ato. Como, aliás,

ninguém soube do casamento, a cerimônia no casarão foi discreta, não imprimimos convites, os proclamas foram lavrados num desses jornais que gente de respeito não lê. A rogo de minha mãe, o padre da Candelária se abalou da sua paróquia, e tive a impressão de que ruborizou ao me ver em pé defronte dele. Fez o sermão de cabeça baixa, e tinha um ar mais lastimoso que nas exéquias do meu pai, talvez acabrunhado pelo vestido informal de Matilde, estampado com flores vermelhas. Foram testemunhas de minha parte mamãe e Auguste, o chofer que meu pai importara da França com seu primeiro Peugeot, ainda antes da guerra. Da parte de Matilde improvisou-se o tio Badeco, um irmão de mamãe que estava de passagem pelo Rio de Janeiro. E a quarta testemunha seria a lavadeira, substituída afinal pela mãe de Matilde, que apareceu de surpresa com o ofício já adiantado (BUARQUE, 2009, p. 71-72, grifo meu).

Como vimos na passagem apresentada, não houve por parte de Eulálio nenhum zelo com a cerimônia de seu casamento. Ele sabia que a esposa havia mentido a respeito da gravidez, poderia ter sido cuidadoso, já que considera a mulher o grande amor de sua vida. Frantz Fanon, no livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), no capítulo intitulado “A mulher de cor e o homem branco”, nos afirma que “o ser amado me ajudará na manifestação da minha virilidade, enquanto que a preocupação em merecer admiração ou o amor do outro tecerá, ao longo da minha visão de mundo, uma superestrutura valorativa” (FANON, 2008, p. 53). Em outras palavras, queremos inferir que no relacionamento inter-racial de Matilde e o narrador percebemos a prática de um amor opressor, em que somente a esposa se doa, se anula, se entrega, quase que ingenuamente, pois não se percebe enclausurada. À medida que a narrativa avança, este sentimento ficará visível para o personagem.

Vimos na passagem citada anteriormente que Matilde não se opõe ao tratamento que lhe é oferecido na ocasião de sua boda. Para Frantz Fanon (1952), nas relações entre mulher de cor e homem branco é “preciso determinar em que medida o amor autêntico permanecerá impossível enquanto não eliminarmos o sentimento de inferioridade” (FANON, 2008, p. 54), ou seja, implicitamente o sentimento de inferioridade habita no personagem, ainda que reconheçamos vivacidade nela.

Esta emoção negativa deveria ser eliminada por Matilde para que pudesse viver plenamente e com igualdade sua relação amorosa. Sabemos de antemão, mediante a leitura do romance, que isso não será possível, sua vida matrimonial depende de outro, e esse outro carrega em si a herança hegemônica patriarcal e colonialista. O narrador, ao representar a elite dominante branca brasileira, mostra que será impossível o sucesso dessa relação, pois o corpo e o pensamento de sua esposa estão embranquecidos, ela não se enxerga enquanto mulher negra, muito menos o marido, o mundo branco é sua referência. Nesse contexto, o que ocorre

com Matilde, segundo Fanon, é a “alienação psíquica do negro” (FANON, 2008, p.58), referindo-se a operadores psíquicos de dualidade entre brancos e negros. Sobre a afirmativa do teórico o estudioso Thiago C. Sapede dirá que “a representação de si dentro dessas categorias se constrói na relação de oposição ao outro” (SAPEDE, 2011, p.47), e esse apagamento de si coloca o colonizado em um posicionamento neurótico. Como decorrência de tais aprisionamentos, o complexo de inferioridade se faz presente, os europeus pós-coloniais se apropriam e se alimentam desse imaginário para sustentar as estruturas discriminatórias.

O personagem, ao se casar com Eulálio Montenegro de Assumpção contra a vontade do pai, foi renegada como filha por ele. Em razão do desaparecimento dela, estando sem trabalho, Eulálio visita o sogro desejoso de concretizar uma antiga oferta política. Recebe, no entanto, apenas evasivas, acompanhadas dos seguintes dizeres, que sinalizam mais uma vez a origem racial de Matilde:

Mas era o pai de Matilde que me acenava, caminhava cercado de uns sujeitos com papeladas nas mãos. Prazer em vê-lo, falou de passagem, e já de costas acrescentou: recomendações à dona Maria Hortência, errou o nome da minha mãe. Segui-o pelo salão arrastando a Eulalinha, que resolveu empacar, doutor Vidal, ao pé de uma escadaria ele afinal se voltou para me atender. Aí lhe anunciei minha disposição de reestudar aquela velha proposta, mas antes que eu concluísse a frase ele apontou a Eulalinha, é filha sua? É neta do senhor, Maria Eulália Vidal de Assumpção é filha de Matilde. Mas que flor de criança, disse o doutor Vidal, e lhe deu um saquinho de açúcar-cande que tinha no bolso. Só que Matilde, Matilde, ele falou, e eu via nele o mesmo ar de desentendido que tinha visto na madre superiora, como quem procura uns óculos esquecidos no próprio cocuruto. **Ah, sim, Matilde, uma escurinha que criamos como se fosse da família**, dito isso o doutor Vidal deu meia-volta para subir a escada, e um de seus puxa-sacos me barrou o caminho (BUARQUE, 2009, p. 191-192, grifo meu).

Percebemos no fragmento que o pai de Matilde desconversa sobre assuntos relacionados à sua filha. O narrador apresenta a neta ao sogro, e este não demonstra afetividade alguma pela criança. Ele se faz de desentendido quando Eulálio cita o nome da mulher, e o intrigante é que o narrador relaciona o ocorrido a um episódio anterior em que este vai ao colégio onde estudara a esposa e solicita uma fotografia dela. Para sua surpresa, não há registros (BUARQUE, 2009, p. 99), não há memórias dela. Por fim, o senhor Vidal se recorda de Matilde e expõe ironicamente que a suposta filha era “uma escurinha que criamos como se fosse da família”. Em outras palavras, nos diz pejorativamente sobre origem racial do personagem e ainda desnuda seu racismo.

O narrador sinaliza certo constrangimento pelos hábitos e costumes da esposa. Lamenta sua pouca instrução, indica que ela é incapaz de participar, em seu meio social, de conversas mais elaboradas e, nas rodas de amigos, há certo incômodo, vergonha, daquilo que achava serem os costumes da mulher, segundo a visão dele, advindos de seu pouco conhecimento. Contudo, Matilde se revela enigmática, espirituosa, livre. Dançava maxixe e samba, ritmos dos negros, conversava com os empregados e comia com eles, o que para Eulálio era vulgar e pobre e não condizia com mulheres de sua classe.

E uma vez, no cabaré Assirius, depois de dançar com as senhoritas de outra mesa, pediu mais uma batida de limão e **me perguntou por que eu nunca me fazia acompanhar de minha mulher**, que todos diziam ser tão charmosa. Não sei de onde ele tirou isso, no seu círculo ninguém conhecia Matilde. Disse ainda que, pelo telefone, minha esposa tinha uma voz cálida e falava um excelente francês. Já isso ele disse para lisonjear, e me fez rir porque Matilde em francês era quase tatibitate. Eu cogitava mesmo em levá-la à recepção da embaixada, e para ocasião ela havia feito as unhas e separado um vestido cor de laranja. **Mas concluí que não valia a pena, Matilde ficaria encabulada naquele meio.** Política não lhe interessava negócios, muito menos, amava fitas de caubói, **mas não sustentaria uma conversação sobre literatura. Pouco sabia de ciências, geografia e história**, apesar de ter estudado no Sacré-Coeur. Aos 16 anos, quando deixou o colégio para se casar comigo não tinha terminado o ginásio. Estudara piano, como todas as meninas do seu gabarito, mas tampouco brilhava nessa matéria. (BUARQUE, 2009, p. 44-45, grifo meu).

Na passagem anterior, observamos que o narrador não se percebe racista em sua relação afetiva com Matilde, nem ao menos considera consultar a esposa para que ela decida sobre suas vontades; assim, Eulálio decide pela mulher. A estudiosa Gislene Aparecida dos Santos, em sua obra *Mulher negra, homem branco* (2004), nos diz que o “discriminador não reconhece que discrimina e o discriminado não percebe que foi discriminado e não reconhece como auxilia na manutenção de estruturas e dos discursos de discriminação” (SANTOS, 2004, p. 31). Mas o desaparecimento de Matilde deixa uma dúvida no leitor sobre o fato de ela ser, sim, consciente da discriminação de que é alvo.

A vitalidade de outrora, presente no caráter do personagem, inicia um processo de esvaziamento ante a violência invisível de Eulálio, que sobrevém sutilmente no relacionamento deles.

Ainda éramos namorados no dia em que ela sentou no Pleyel de minha mãe, e me preparei para escutar alguma peça de Mozart, compositor que ela cantara, ou fingira cantar, na missa de sétimo dia de meu pai. Mas com a mão pesada, **ela tocou um batuque chamado Macumba Gegê**, vá saber onde aprendeu aquilo. E mamãe se despencou da escada, para ver que diabo se passava. (BUARQUE, 2009, p. 45, grifo meu).

Percebemos no fragmento citado o desconforto de Eulálio e da sua mãe ao observarem os modos de Matilde no piano. Há uma total desarmonia e um embate entre a cultura hegemônica branca, de extração europeia, simbolicamente representada pela “peça de Mozart”, e a cultura africana, simbolizada pelo ritmo nomeado “Macumba Gegê”. Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes nos dirão que “o preconceito está fundamentalmente nos caracteres físicos. A discriminação 'cultural' vem a reboque da física, pois os racistas acham que 'tudo que vem do negro, de preto' ou é inferior ou é maléfico (religião, ritmos, hábitos, etc.)” (MUNANGA. GOMES, 2006, p. 16). No trecho abaixo, mais uma vez o narrador reveste-se da máscara de uma falsa harmonização racial e destila sobre a esposa seu racismo inconsciente.

Nisso a orquestra atacou o tema que tantas vezes ouvi ao longe, na vitrola de Matilde. **Le maxixe! Exclamou o francês, é magnífico o ritmo dos negros!**, e nos pediu que dançássemos para ele ver. Mas eu só sabia dançar a valsa, e respondi que ele me honraria tirando minha mulher. No meio do salão os dois se abraçaram e assim permaneceram, a se encarar. Súbito ele a girou em meia-volta, depois recuou o pé esquerdo, enquanto com o direito Matilde dava um longo passo adiante, e os dois estacaram mais um tempo, ela arqueada sobre o corpo dele. Era uma coreografia precisa, e me admirou que minha mulher conhecesse aqueles passos. O casal se entendia à perfeição, mas logo distingui o que nele foi ensinado do que era nela natural. O francês, muito alto, era um boneco de varas, jogando com uma boneca de pano. **Talvez pelo contraste, ela brilhava entre dezenas de dançarinos, e notei que todo o cabaré se extasiava com a sua exibição.** Todavia, olhando bem, eram pessoas vestidas, ornadas, pintadas com deselegância, e foi me parecendo que também em Matilde, seus movimentos de ombros e quadris, havia excesso. **A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado.** (BUARQUE, 2009, p. 65-66, grifo meu).

Considerando o cenário do racismo no Brasil e seus estereótipos, na cena destacada, enxergamos uma série de representações do personagem enquanto mulher negra. Ela é vista simbolicamente como exótica-sensual, atrai olhares e cobiça, provoca prazer e repulsa. Eulálio pontua que o “contraste” de Matilde dançando entre a multidão a destacava, divergência que é enigmática, pois a pouca clareza pode nos fazer crer que o narrador, por meio do olhar sobre a esposa no meio da multidão, pela primeira vez tenha notado o realce da pele negra da mulher, que destoa do mundo branco ao penetrar nele. A reação imediata de Eulálio mediante a distorção do seu ideal de brancura foi julgar como vulgar Matilde. Em outra passagem percebemos que o narrador evidencia certo embaraço ao ver a esposa próxima afetivamente dos empregados:

Ela saiu do carro antes que eu lhe abrisse a porta, e mal entramos em casa foi para a cozinha, tinha mania de ir para a cozinha. Volta e meia levava a criança à cozinha, dava conversa às empregadas, era vezeira em almoçar ali com a babá. Então me vi tomado de um sentimento obscuro, entre a vergonha e a raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha (BUARQUE, 2009, p. 66).

Como vimos, os modos de Matilde eram avaliados a todo instante por Eulálio, que não entendia o porquê de ter se apaixonado por alguém como ela. Eurídice Figueiredo (2010) dirá que metaforicamente a cozinha para a esposa do narrador “a singulariza como mulher negra, pois segundo o ditado popular a cozinha é o lugar da mulher negra, a cama é o lugar da mulata e a sala é o lugar da mulher branca” (FIGUEIREDO, 2010, p.232). O narrador, certa vez, irritou-se até por ouvir o som dos assovios da esposa:

E no caminho de casa Matilde pegou a assobiar, assobiava a melodia do tal maxixe. Parecia má-criação, de uma feita assobiou num jantar da minha mãe, que se retirou da mesa. Mas agora deve ter percebido o quanto me exasperava, porque se interrompeu para perguntar o que havia comigo (BUARQUE, 2009, p. 66).

Em outro excerto, no diálogo de Eulálio com a filha, ele recorda que a esposa jamais havia visto um navio, ela estava empolgada com a hipótese de acompanhá-lo ao porto marítimo, quando o personagem iria receber um engenheiro francês, seu futuro colega de trabalho. A cena que se segue é emblemática. Matilde corta “os cabelos à la garçonne” e veste-se “com um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda”. Esta é uma imagem cheia de simbolismos. O turbante, na cultura e religiões africanas, é um símbolo de tradição, identidade e resistência da mulher negra. Sabemos que a moda reconfigurou seu uso entre mulheres de diversas etnias, entretanto este segue representando um símbolo da estética negra e é também político. Somando-se a isso, temos o destaque enfático da cor laranja na narrativa, que resulta da junção do vermelho e amarelo, o alaranjado ressoa luminosidade, evoca vida, prazer, descontração e calor (GASPAR, 2002, p. 106).

Sua mãe nunca tinha visto um navio de perto, depois de casada ela mal saía de Copacabana. E quando lhe anunciei que iríamos em breve ao cais do porto, para receber o engenheiro francês, ela se fez de rogada. Porque você era recém-nascida, e ela não podia largar a criança e coisa e tal, mas logo tomou o bonde para a cidade e cortou os cabelos à la garçonne. **Chegado o dia, vestiu-se como achou que era de bom-tom, com vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda.** Eu já lhe havia sugerido que guardasse aquele luxo para o mês seguinte, na despedida do francês, quando poderíamos subir a bordo para um vinho de honra. Mas ela estava tão ansiosa que se aprontou antes de mim, ficou na porta me esperando em pé. **Parecia empinada nas pontas dos pés, com os sapatos de salto, e estava muito corada ou com ruje demais.** E quando vi sua mãe

naquele estado, falei, você não vai. **Por que, ela perguntou com voz fina, e não lhe dei satisfação, peguei meu chapéu e saí.** Nem parei para pensar de onde vinha a minha raiva repentina, **só senti que era alaranjada** a raiva cega que tive da alegria dela (BUARQUE, 2009, p. 11-12, grifo meu).

Eulálio, enquanto homem branco, herdeiro da cultura europeia colonizadora, não tinha “consciência do seu papel no processo de alienação” (SANTOS, 2004, p. 78) em relação às questões raciais. Na cena citada anteriormente, ele se sente desconfortável, envergonhado e irado ante a vivacidade de Matilde, as vestimentas e o turbante de cor laranja o incomodam. Até a forma como ela se porta ao caminhar o irrita: “Parecia empinada nas pontas dos pés, com os sapatos de salto”. Novamente de forma obsessiva, a cor da pele é ressaltada, ainda que metaforicamente: “estava muito corada ou com ruge demais”. Na verdade, o incômodo com o excesso de pintura no rosto também aponta para um julgamento da mulher como vulgar. Por fim mediante a alegria esfuziante da mulher, de forma autoritária, ele nega a ida da esposa ao porto marítimo. Matilde questiona “o não” de Eulálio por meio de uma suave voz: “Por que, ela perguntou com voz fina”, a resposta à sua indagação foi a indiferença. Além de preconceituoso, o comportamento do narrador é sexista e, nesse processo, a autoconsciência de Matilde acerca de si enquanto negra é conflituosa. Este pertencimento foi alterado no decorrer de sua existência pela estrutura social na qual vive, isto é, o mundo branco com suas benesses foi tudo que ela vislumbrou, e, de certa forma, foi também sua perdição, pois jamais fora aceita verdadeiramente na família do pai, tampouco se sentira à vontade com a do marido, não reconhecia etnicamente a si mesma, seus sentimentos diários de inadequação faziam parte de sua vida.

O narrador Eulálio hipersexualizava Matilde, negava-lhe sua subjetividade. Seu discurso a respeito da esposa, na maioria das vezes, é reducionista, está ligado à sensualidade, à fogueira, ao erotismo e ao ciúme que dela sente. Embora se confirme a paixão arrebatadora do narrador por Matilde, percebemos que enquanto mulher negra e indivíduo o personagem era coisificado e “objetificado”, ocupava um lugar subalterno, já que era reduzido ao seu corpo somente.

Não sei se alguma vez lhe contei que já tinha visto Matilde de passagem, na porta da igreja da Candelária. Mas nunca a pude analisar como naquele dia, quando a surpreendi na pausa que antecedia o ofertório. Ela estava no coral que cantava o Réquiem, e o vestido de congregada mariana não lhe caía bem, era como uma roupa ao redor dela, solta da pele. Uma roupa rígida feito uma armadura, estranha mesmo ao corpo dela, e um corpo nu ali debaixo poderia até dançar sem dar na vista. Eram as exéquias do meu pai, no entanto eu não sabia mais me libertar de Matilde, procurava adivinhar seus movimentos mais íntimos e seus pensamentos tão distantes. Eu percebia

de longe seu rubor, seu olhar em pingue-pongue, seu riso contido enquanto cantava: libera anima omniumfideliumdefunctorum de poenisinferni. (BUARQUE, 2009, p. 29-30).

Pereira e Gomes, no livro *Ardis da Imagem* (2001), dirão que o corpo negro, aqui em relevância, é desumanizado, ao categorizar a mulher negra como “a mulata que incendeia os desejos do homem”; dela lhe é exigido apenas que use seu corpo para o domínio daquele que a deseja, sua dimensão afetiva e psíquica sofre depreciação e recusa.

A saturação dos atributos de natureza do corpo negro gera uma situação ambivalente no tocante à produção de sentido. Por um lado, o pensamento que restringe o corpo negro ao domínio da natureza também o exclui do domínio da cultura e da sociedade organizada; isso foi utilizado como argumento para justificar a exploração da força de trabalho e da libido, como demonstram os estereótipos do negro que é forte como um animal de carga e da mulata que incendeia os desejos masculinos. Por outro lado a saturação de referência aos atributos da natureza do corpo leva ao esgotamento de seu sentido, pois ao expô-lo excessivamente como natureza acaba por restringir o desejo de desvendá-lo até mesmo como natureza. A consequência imediata disso é a elaboração de outra modalidade discursiva que substitui o corpo negro como objeto. Em ambos os casos, o que se observa é a organização de um conjunto de discursos que exprime através do corpo a não humanidade dos negros (GOMES; PEREIRA, 2001, p. 223-224).

Matilde teve sua realidade dilapidada simbolicamente por Eulálio, que agiu de forma violenta, opressora, ciumenta e sexista em seu relacionamento com a esposa. A dimensão de suas emoções e de sua afetividade não foi considerada. Algumas passagens da narrativa confirmam o seu processo de apagamento enquanto mulher negra, lembrando que a visão da mulata no Brasil e suas representações fazem parte de um processo histórico calcado no sistema escravagista.

Eu descia correndo e lhe abria a porta da cozinha, que Matilde apenas ultrapassava. Encostava-se na parede da cozinha, a respiração curta, e me arregalava os olhos negros. Em silêncio nos olhávamos por cinco, dez minutos, ela com as mãos na altura dos quadris, agarrando, torcendo a própria saia. E corava pouco a pouco até ficar bem vermelha, como se em dez minutos passasse por seu rosto uma tarde de sol. A um palmo de distância dela, eu era o maior homem do mundo, eu era o Sol. Via seus lábios se entreabrirem, e acima deles brotavam gotículas de suor, enquanto suas pálpebras devagar cediam. Enfim eu me jogava no corpo dela, pressionava o corpo dela contra a parede da cozinha, sem contatos de pele, e sem avanços de mãos ou de pernas, por algum acordo jamais expresso. Com meu tronco eu a esmagava, quase, até que ela dizia, eu vou, Eulálio, e seu corpo tremia inteiro, levando o meu a tremer junto (BUARQUE, 2009, p. 45-46).

A cena descrita, e inúmeras outras que se seguem na narrativa são um exemplo de como o corpo negro de Matilde é visto de forma erotizada e exótica pelo narrador. Sobre isto,

a estudiosa Lílian Paula Serra e Deus infere que “Eulálio deseja a Matilde do corpo negro sexualizado e erotizado pelo olhar do branco, desde a colonização” (DEUS, 2016, p. 90) Ele não se interessa por sua subjetividade.

Nas teses de Ana Cláudia Gomes Pacheco (2008) e Claudete Alves da Silva Souza (2008) intituladas “*Branca para casar, Mulata para F..., Negra para trabalhar*”: *Escolhas afetivas e significados da solidão entre mulheres negras* (2008) e *A solidão da mulher negra-sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo* (2008) salientam-se questões relevantes a respeito da visão da mulher negra no período escravocrata no Brasil. Abordam também sua demonização e a desumanização física e psicológica, a erotização, a depravação dessa figura e sua estigmatização. Com tais representações, o corpo negro dessas mulheres fora reduzido, uma vez que esse imaginário se comprova. As autoras propõem reflexões sobre a colaboração desses pressupostos pautados em bases coloniais na construção do ideal feminino e seu impacto na vida das mulheres negras na contemporaneidade. No mercado matrimonial brasileiro, são as que menos se casam; quanto mais escura a tonalidade da pele preta, mais preterida essa mulher será tanto por homens brancos quanto por homens negros. Uma crítica nesse sentido foi realizada por Edward Telles (2008):

Embora homens pretos, pardos e brancos disputem mulheres brancas e mulatas, as mulheres pretas são, de forma desproporcional, ignoradas nas relações de romance e casamento. Esta parece ser a grande de grande probabilidade que as mulheres pretas têm de permanecer solteiras por toda a vida, ou de se casarem mais tarde. Segundo Goldani (1989), as mulheres brancas passam 65% adultas em relações matrimoniais, mulheres pardas 59% e mulheres pretas 50%. Como diferenças as diferenças na mortalidade por gênero determinam um número de mulheres em idade adulta maior do que o de homens, a hierarquia racial no Brasil permite que as mulheres brancas e pardas supram a falta de homens disponíveis casando-se com homens de pele mais escura e, por sua vez, cria uma escassez de homens pretos disponíveis para as mulheres pretas (TELLES, 2008, p. 157).

A tendência dos homens para se casarem com mulheres de pele mais clara – sendo que 51% dos homens pretos comparados a 40,1% das mulheres pretas se casam com pessoas de outra cor -, deixa as mulheres pretas com maior probabilidade de serem abandonadas no mercado de matrimônio (TELLES, 2008, p. 157).

Matilde, no ambiente racista da sociedade brasileira, tinha, pois, vantagem por ser mulata, tinha a pele mais clara. Poderia, caso quisesse, ser diluída no mundo branco. No período colonial e durante a pós-abolição, muitos mestiços se casaram com brancos com o

intuito de embranquecerem a si e a seus futuros descendentes. Além disso, se tivessem status econômico, social e cultural, enxergavam na relação inter-racial uma forma de ascensão.

Isso não se aplicaria ao personagem Matilde. Como vimos em passagens anteriores, ela cresceu em um ambiente abastado e economicamente favorável, estudou em escola privada de linha francesa, o que lhe possibilitou conhecer Eulálio e também adentrar em círculos sociais da alta sociedade carioca. Entretanto, podemos inferir que ela não demonstra uma autoconsciência acerca de si. Neusa dos Santos Souza, em sua obra *Torna-se Negro* (1983), discorre que se tornar negro implica tomar consciência do processo ideológico acerca de si (SOUZA, 1983, p. 70). Infelizmente o que o personagem tinha de si mesmo e de sua origem racial era somente uma visão alienada e esfumada de sua vivência no mundo dos brancos. Sua identidade enquanto mulher negra não se afirmara e nunca verdadeiramente lhe pertenceu.

O fato de sua possível morte ou desaparecimento ficar em suspenso no romance é uma estratégia narrativa do autor-implícito, talvez seja com o intuito de imortalizá-la e, conseqüentemente, de evitar seu esquecimento. Algumas versões de seu desaparecimento são narradas pelo narrador com o propósito de justificar o afastamento da mãe da filha. A primeira é morte de parto. “Maria Eulália não só cresceu aferrada à minha mentira caridosa, como a aprimorava [...] ela contava do corre-corre de enfermeiras, do obstetra a se descabelar e da mãe em meio a convulsões [...]” (BUARQUE, 2009, p. 121). Mas o mesmo narrador desmente esta versão ao chamá-la de mentira caridosa.

A segunda versão do falecimento do personagem é a descrição de um desastre automobilístico na estrada, em que são registradas também as datas de nascimento e morte de Matilde. “E lhe confessei que Matilde havia realmente abandonado o lar, quando ela nem bem engatinhava. Mas falecera pouco depois, em desastre de automóvel na antiga estrada Rio-Petrópolis [...]. Matilde Vidal d’Assumpção (1912 +1929)” (BUARQUE, 2009, p. 122-123).

A versão seguinte do óbito é pelo padecimento de uma doença infectocontagiosa. Matilde se afastara do convívio familiar para internar-se em um sanatório, onde veio a falecer, “olhei-a nos olhos e lhe revelei que, ao nos abandonar, Matilde rumou em segredo para um sanatório no interior do estado, aonde logo viria a morrer de tuberculose. Internara-se com falsa identidade, para evitar que ela, Maria Eulália, fosse recolhida (BUARQUE, 2009, p. 147).” Em adição a isto, o narrador relata a existência de uma suposta carta, enviada pelo doutor Daniel Blaubaum, que fundamenta a hipótese da ocorrência desta internação: “Olhei o

envelope contra a luz, absolutamente opaco, e vai parecer covardia eu jamais ter aberto aquela carta. Talvez eu devesse me inteirar do padecimento da minha mulher [...]” (BUARQUE, 2009, p. 189).

A penúltima versão que Eulálio conta à filha seria de morte no mar. Matilde se jogara mar adentro; segundo o narrador, seu corpo não foi encontrado: “disse a Maria Eulália, e buscando seus olhos lhe falei dos meus dias de vigília à beira-mar, dos meus sobressaltos [...] confessei que a ver o corpo de Matilde dar na praia [...] preferi afinal que ela permanecesse enrascada para sempre no fundo do oceano” (BUARQUE, 2009, p. 170).

A última versão seria a possível constatação do adultério e de fuga da esposa com outro homem: “E até eu, num primeiro momento, cheguei a pensar que a sua mãe estava de barriga, quando fugiu. Sim, Matilde grávida talvez não a levasse mesmo, por já levar na barriga a criança do homem que a arrastou de mim” (BUARQUE, 2009, p. 95).

Seja qual for o fim de Matilde, seu desaparecimento foi um castigo para Eulálio, e paralelamente uma autorrenúncia do personagem ante todo sistema de opressão que viveu ao lado do narrador. Antes de quaisquer dessas versões serem relatadas, o personagem já sinalizava um profundo esgotamento por tudo que vivia, descaracterizou-se de sua beleza e de sua feminilidade, o que é confirmado por algumas passagens:

Voltei de novo pelo centro da cidade, onde comprei uma radio vitrolarca Victor de último tipo e dois álbuns com vinte e quatro discos de samba. Matilde ficou boba com o presente, **voltou às boas comigo, ela era leve de espírito. Só dias mais tarde se fechou para o mundo, passou a esconder o corpo sob os vestidos largos que mamãe lhe dera havia tempo.** E hoje saiu sem avisar aonde ia, Matilde nunca foi de sair à noite. Por isso é natural que eu parta feito um louco atrás dela, mas isso só vai acontecer daqui a pouco. **É esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram, acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre** (BUARQUE, 2009, p. 116-117, grifo meu).

Há um contexto que justifica a passagem descrita, mesmo com a ausência de linearidade narrativa. Após censurar com truculência a esposa por seus modos, para se autorredimir o narrador presenteia a esposa com objeto que, em sua ira, havia destruído no conflito. Ao inferir sobre a “leveza de espírito” de Matilde, Eulálio indica que a esposa se anula e perdoa facilmente. A resposta a essa perda de identidade foi o isolamento e, posteriormente, o desaparecimento. O estudioso Pierre de Bourdieu (2014) afirma que, no ato da dominação, os dominados estruturam seus pensamentos e percepções da mesma maneira em que são subjugados, “seus atos de reconhecimento são, inevitavelmente, atos de

reconhecimento de submissão” (BOURDIEU, 2014, p. 27). Assim comporta-se o personagem. Em outro excerto da narrativa podemos observar isso:

Não sei se Matilde desceria à sala, caso eu tivesse convidado suas amigas para uma visita. Mas acho difícil, **ela já não respondia quando eu batia à sua porta**. Era capaz até de ter destratado a mulher do médico, que nunca mais apareceu para um banho de mar. **Matilde vivia sempre mais reclusa naquele quarto lateral do chalé**, na verdade um quarto de despejo com bugigangas várias e um velho divã, onde talvez se estendesse catatônica horas a fio. **Não tinha horário para as refeições, esquentava ela mesma seu prato e comia na cozinha sem falar com ninguém. No início da crise ainda olhava a filha, agora nem isso, creio que se magoou ao pilhar a Eulalinha agarrada no peito da ama-deleite**. Se o leite estanca assim de supetão, dizia a ama, é porque a mãe perdeu um ente querido, ou padeceu grande decepção amorosa. Olhava para o alto quando se referia ao ente querido, e decepção amorosa ela falava olhando para mim, como se eu fosse um mau marido. Logo eu, que sentia falta de Matilde tanto quanto a minha filha, e nem ao menos tinha outros peitos para me consolar. **Eu fazia de tudo para trazê-la de volta à vida, agora mesmo comprei uma braçada de antúrios a fim de alegrar a sala de visitas**. Matilde adorava as folhas do antúrio, tão rubras, lembravam-lhe corações de matéria plástica. (BUARQUE, 2009, p. 133, grifo meu).

Reclusão, desencanto e prostração agora fazem parte do universo de Matilde, a máscara fora retirada. Para Gislene Aparecida dos Santos, em seu trabalho *Mulher negra, homem branco* (2004), “Retirar a máscara é um convite à outra forma de olhar, o olhar alhures, o olhar platônico que nos ensina a não nos deixarmos levar pela ilusão, a não sermos cegos à realidade tal como ela é” (SANTOS, 2004, p. 28), seria renunciar a perpetuação da negação, da violência, do estereótipo contra si e contra os outros (SANTOS, 2004, p. 34). O personagem despiu-se da camuflagem, contudo entra em um processo de melancolia, torna-se abatida tanto física quanto emocionalmente.

E quando eu ajeitava os antúrios na sala, tive a surpresa de ouvir Matilde chorar baixinho, desafogar de vez em quando só lhe poderia fazer bem. Eu já subia para lhe oferecer assistência, mas no meio da escada me detive a reparar melhor nos seus gemidos. Aqui não me darei ao desfrute de divulgar intimidades de Matilde, mas digo que cada mulher tem uma voz secreta, com melodia característica, só sabida de quem a leva para a cama. Foi a voz que ali escutei, ou quis escutar, havia semanas que não me deitava com Matilde. [...] Mas subitamente, do nada, me subiu à cabeça uma quentura violenta, senti minha pele inteira se repuxar. Num instante fui tomado pela ideia de que havia um homem com Matilde, eu já ouvia ofegos de homem mesclados aos gemidos dela. Meus olhos como que se encheram de sangue, e os tacos do assoalho imitavam pegadas de um homem grande, uns pés sujos de areia no caminho de Matilde [...]. Cheguei sem fôlego à porta entreaberta do banheiro, e o que vi foi Matilde debruçada na pia, como se vomitasse. Por um segundo me ocorreu que pudesse estar grávida, depois vi seu ombro direito nu, ela arriara uma banda do vestido. Corri para a abraçar,

envergonhado do meu mau juízo, mas ela apurou o vestido bruscamente e se esquivou de mim, deixando a torneira aberta. E vi respingos de leite nas bordas da pia, o ar cheirava a leite, vazava leite no vestido da sua mãe, nunca lhe contei esse episódio? (BUARQUE, 2009, p. 134-136).

O personagem enquanto mulher e negra desfigurou-se do seu modo de sentir e de existir, era nítido o entristecimento de Matilde. Pode ser que “desde pequena, fora levada a construir uma imagem negativa de si mesma” (SANTOS, 2004, p. 34), reforçada pelo ciúme obsessivo, pela violência e pelo racismo escamoteado do marido. Metaforicamente “o leite se derramara”, esquivou-se de Eulálio, de sua filha e de sua vida.

Matilde não se casara com Eulálio com o objetivo de embranquecer ou de assegurar estabilidade financeira. Embora o personagem tivesse proximidade com símbolos da cultura negra, já vimos que isso não a faz consciente sobre sua origem étnica. Paralelamente Eulálio não quisera reconhecer a ascendência negra da esposa e suas ações revelam preconceitos de raça, de classe e de gênero, que foram estruturadas e herdadas de um imaginário colonialista e eurocêntrico. Em alguns trechos da narrativa constatamos isso:

Ao meio-dia Matilde leva a Eulalinha para casa, onde lhe dá de mamar e a embala com a cantiga do boitatá-pega-neném. Volta para sentar comigo, me faz deitar a cabeça no seu colo e diz, abre a boca e fecha os olhos. Enche minha boca de areia e sai em disparada a fim de que eu a persiga mar a fundo, depois me chama para catar tatuís ou jogar peteca. **Imagino que os franceses esperassem de um homem na minha posição uma esposa mais circunspecta, com certos atributos intelectuais. Mas Matilde quase não participa das nossas conversações, e ainda costuma trazer a Eulalinha à mesa de almoço, para meu desconforto. Também é possível que eu a iniba com minhas risadas, nas raras vezes em que se mete a falar francês. Apresso-me a corrigir sua pronúncia, desculpo-me por suas faltas gramaticais, e com isso não é raro ela se reprimir no meio de uma frase.** Sei que longe de mim ela se arranja caso contrário não teria passado do primeiro ano na escola (BUARQUE, 2009, p. 109 grifo meu).

Matilde penetrara no mundo branco; ela, para o narrador, não era adequada a um homem da sua “estirpe”, subentende-se – rico, branco, e de família de prestígio -, em relação a ele, a esposa com “seus modos” destoava dentre a elite, a julgava inferior. A inserção do personagem no cenário da classe dominante branca relaciona-se com que Frantz Fanon (1952) afirma:

No dia em que o branco declarou seu amor à mulata, algo de extraordinário deve ter acontecido. Houve reconhecimento, integração em uma coletividade branca que parecia hermética. A menos-valia psicológica, este sentimento de diminuição, e seu corolário, a impossibilidade de ter acesso à limpidez, desapareceram totalmente. De um dia para o outro, a mulata passou da casta dos escravos para a dos senhores (FANON, 2008, p. 65).

Entretanto, no caso de Matilde, ela se encontrava em um não lugar, seu comportamento destoava do círculo de suas relações e recusava-se a participar desse cenário. Em contrapartida à reação dela, o marido a censurava, atribuía-lhe pouca inteligência, questionando seus atributos intelectuais. Para tanto a repreendia e a corrigia em público.

Ao reconhecer seu ciúme e obcecado pela dúvida, o narrador supõe que está sendo traído pela esposa. “Mas só podia ser de Matilde o vulto de mulher toda encolhida no canto da cama, cobrindo o corpo com a roupa de cama, tapando bestamente metade da cara com o lençol. Ordinária, pensei, puta, pensei, porca, mas pensei com pouca força[...]” (BUARQUE, 2009, p. 156). Justifica-se dizendo que “[...] era difícil insultar minha mulher sem me ferir mais ainda. Meu único consolo era considerar que Matilde não passava de uma criança, que agora puxava o lençol para esconder os olhos, deixando de fora os pés miúdos” (BUARQUE, 2009, p. 156).

A narrativa não confirma as suposições de Eulálio sobre o adultério. Independentemente da veracidade da informação, não se justifica desqualificar a imagem da mulher, compreendemos sua ação como *Violência Simbólica*, pautada nas relações de poder e no desejo de dominação. Pierre Bourdieu diz que as estratégias de dominação “visam a atrelar, prender, submeter, rebaixar ou subordinar, suscitando inquietações, incertezas, expectativas, frustrações, mágoas, humilhações” (BOURDIEU, 2014, p. 152), em seus devaneios relacionados à suposta infidelidade da esposa, o narrador apropria-se destas representações:

Passado o primeiro elã, Dubosc na certa se revelaria um amante avaro, de regular as carícias e a calefação, e que mesmo na cama a trataria por vós. Mas **para ele tampouco seria fácil conviver com uma mulher que assobiava para chamar garçom, saltava a cancela do metro e teimava em tomar banho todo dia. Designado pela Companhia para nova missão, em algum país de idioma complicado e costumes estranhos, de mulheres enigmáticas, Dubosc entenderia que era hora de repatriar a brasileira. E Matilde não se incomodaria de voltar em terceira classe de sua aventura inconsequente, confiando no pronto perdão do marido.** Já chegaria pondo ordem na casa comandaria uma faxina, coibiria mexericos na cozinha e despacharia a ama-de-leite. Eulalinha não haveria de estranhar seu peito, gulosa que ela só, mamaria como se a mãe tivesse apenas mudado de cheiro outra vez. E enquanto amamentasse, Matilde se riria ao me imaginar saudoso de roçar a língua em seus mamilos úmidos. (BUARQUE, 2009, p. 157, grifo meu).

Considerando-se os devaneios a respeito da suposta infidelidade da esposa, o narrador mais uma vez julgara os modos dela, no íntimo, nunca a aceitara socialmente, rejeitou-a

culturalmente, o estigma marcado pela sua cor estava circunscrito em Matilde, mesmo o marido não reconhecendo. Mais tarde, após o desaparecimento da mulher, forjou lembrar uma cena inexistente. “Porque quando Matilde voltasse ao nosso chalé, o bairro inteiro ouviria os maxixes e sambas da sua vitrola. Levaria ela mesma a filha à praça, a amamentaria sentada no balanço, com o peito de fora daria bom-dia às babás e às mães, riria à toa” (BUARQUE, 2009, p. 187), mas já era tarde, pois Matilde jamais retornaria.

Em última análise, o personagem ao longo do percurso narrativo, com todas as suas ambiguidades e com as inúmeras tentativas de ser suprimida pelo marido e por outros ao seu redor, demonstrou mais dignidade que Eulálio em sua vida. Assim, a lógica sexista, machista e escravagista, presente na sociedade brasileira e na narrativa, não retirou dela sua humanidade; todavia a vitimou e a tornou singular no romance *Leite Derramado* (2009).

3.2 O personagem Eulálio d' Assumpção Palumba Júnior

O personagem Eulálio d' Assumpção Palumba Júnior, filho de Eulálio d' Assumpção Palumba, bisneto do narrador, surgirá na narrativa caracterizado como um engodo, um estorvo, “um cala boca” (BUARQUE, 2009, p.145) dos militares para reparar o desaparecimento de seu pai. O estudioso Leocir Antonio Sfogia (2013), em sua dissertação *Leite Derramado – Aspectos da Configuração Estética da Memória e do Narrador*, fará dele a seguinte descrição:

[...] nasceu na prisão e foi entregue para Eulálio pelo coronel Althier - militar do exército que trabalhou com Eulálio em 1929, durante as provas de tiro na Marambaia -, morreu jovem, do mesmo modo que o bisavô senador, a tiros e ficou caído na mesma posição no carpete do Motel Tenderly. Provavelmente assassinado pela neta de Anna Regina Vidal, a mulher que o abandonou no motel fugindo de carro - podemos inferir que por ser ela 'neta' e ele 'bisneto' condiz com a descrição da mulher que foge do motel (SFOGIA, 2013, p. 47).

Seu pai Eulálio d' Assumpção Palumba falecera durante a Ditadura Militar. Segundo o narrador em uma interlocução com a filha, o neto “meteu na cabeça de ser comunista [...] comunista da linha chinesa. Esse seu filho engravidou outra comunista, que teve um filho na cadeia e na cadeia morreu. Você diz que ele próprio morreu nas mãos da polícia” (BUARQUE, 2009, p. 38). Era filho único de Maria Eulália Vidal d' Assumpção e Ameringo Palumba. A avó receberá a notícia da chegada do neto recém-nascido a contragosto. Normalmente as avós, ao receberem um neto, se comportam de forma esfuziante, não é caso da filha do narrador Eulálio, que expõe as reações desta:

Para mim, o advento da criança era sem dúvida notícia alvissareira, se bem que um bisneto sempre vai nos parecer um ser familiar e ao mesmo tempo tão estranho, como um rio da nossa cidade léguas adiante. Mas Maria Eulália era a avó, e todos sabemos como são as avós, são que nem mãos abobalhadas. Pois Maria Eulália, não. Talvez por ter recebido a notícia em contrapé, tomo-a por uma desfaçatez, **aquela criança para ela era um engodo**. Na cabeça dela, entregavam-lhe um menino a modo de escambo, como um cala boca para reparar o desaparecimento do outro. [...] Maria Eulália, que passou o berço do neto para o meu quarto mas **nem se dignava alimentá-lo**. Cabia a mim bater o leite em pó da sua mamadeira, que lhe provocava cólicas, disenteria, o bebê desidratava, gastei um dinheirão com pediatra. Mas **nada comovia a avó**, nem a parecença do menino com o pai, nem mesmo o idêntico bruto nariz dos Palumba, que para ela era mais uma impostura. Pensei que lhe fazia um agrado, ao registrar a criança como Eulálio d' Assumpção Palumba Júnior, em homenagem ao pai. No entanto **ela só se referia ao neto como esse aí: esse aí está chato, esse aí está fedendo**,

minha filha perdeu muito de sua finesse depois que se misturou com uma gente de maus bofes (BUARQUE, 2009, p. 145-146, grifo meu).

Um episódio evidenciado na narrativa é o incômodo que Maria Eulália demonstra com o fato de o neto começar a “pretejar”. Revelam-se aí indícios de que este era um menino negro. Nesse sentido, a avó se revela repulsiva e preconceituosa quanto à cor do garoto, e além de ignorá-lo, afirma que o neto “só podia ter puxado sua mãe mulata”, Matilde. É interessante constatar que esta nunca tinha visto um retrato da mãe. Já Eulálio, que não reconhecera a origem negra da mulher, reconhece a do bisneto. Dessa forma, refere-se a ele de forma estigmatizada e racista: “Os senhores vão cair para trás, mas meu bisneto era tão preto quanto o chefão aí da quadrilha” (BUARQUE, 2009, p. 168). Podemos inferir que a filha do narrador se pautava pelos boatos que ouvira sobre Matilde durante toda a vida.

O pequeno fazia tudo para chamar sua atenção, mas ela não se impressionou nem quando ele começou a pretejar. Da noite para o dia os cabelos dele se encrespavam, o nariz de batata engrossou mais ainda, e quanto mais o menino escurecia, mas me perturba a sensação de conhecer sua cara de algum lugar. Era curioso porque, tirante o preto Balbino e um ou outro criado, eu não tinha muita gente de raça nas minhas relações, nem nunca avistei a mãe do menino, a dos nomes fictícios. E a cor do menino provinha dela, logicamente, eu não poderia esperar de um neto comunista que se juntasse com uma moça de pedigree. Mas ora, ora, papai, disse Maria Eulália, está na cara que esse aí puxou minha mãe mulata. Não sei quem abastecia minha filha com tantas maledicências, Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum sangue indígena. De Matilde o menino só herdara o gosto por música barata, era escutar o rádio do vizinho e ele se balançava todo (BUARQUE, 2009, p. 148-149, grifo meu).

Na narrativa de *Leite Derramado* (2009), o bisneto do narrador é reduzido à figura estigmatizadora. Em sua infância, como vimos, não foi encorajado a ter uma consciência racial, muito pelo contrário, a avó, Maria Eulália, explicita a rejeição pela cor de sua pele. Não há indícios de identificação dele com seu grupo étnico na narrativa. De acordo com a narrativa, Eulálio d’ Assumpção Palumba Júnior teve convivência íntima somente com pessoas brancas em sua infância. Para Consuelo Dores Silva (1995), uma criança negra que cresce sem contato físico com seus pares pode ter sua identidade comprometida, “todos os indivíduos têm necessidade de avaliar a si mesmos, comparando-se com outras pessoas. Se a comparação se processa entre pessoas semelhantes, tanto em aspectos econômicos quanto sociais, é provável que as informações obtidas sejam mais completas” (SILVA, 1995, p. 37). A autora afirma que, se, na fase da infância, as crianças perceberem “sua pouca atratividade para os grupos nos quais se insere” (SILVA, 1995, p. 93), podem desenvolver “complexo de

inferioridade, passando em seguida, a se envergonhar de suas características raciais” (SILVA, 1995, p. 93). Segundo a autora, neste contexto, embranquecer será essencial.

O narrador nos revela uma cena singular que contradiz e revela o racismo de Maria Eulália. Ela se dedicará amorosamente ao filho de seu neto, Eulálio d Assunção Palumba Neto. A linguagem utilizada no texto ilustra a afetividade presente no tratamento de bisavó com seu bisneto, mesmo ante um comportamento delinquente. Além disso, o fragmento por meio da descrição dos traços físicos do garoto demonstra o porquê de sua predileção.

Todavia lhes advirto que se alguém se atrever a me encostar um dedo terá de se haver com meu tataraneto Eulálio. Por muito menos ele tocou fogo na escola, e depois de uma temporada no reformatório ficou mais genioso ainda. Mas nunca deixou de ser o quindim da bisavó. Que passava os dias a pentear seus cachos, com medo de que encarapinhassem (BUARQUE, 2009, p. 169).

Eulálio tem dúvidas sobre a origem do tataraneto, suas incertezas correlacionam-se diretamente com a origem racial do garoto, já que este foi supostamente reconhecido como filho de seu provável bisneto negro.

Eulálio d'Assunção Palumba Neto, metido a galã, cabelos claros ondulados, para Maria Eulália seus olhos azuis lembram os do meu avô, num retrato a óleo que se perdeu por aí. Cá entre nós, tenho dúvidas quanto à ascendência do rapaz, dado como filho póstumo do meu bisneto Eulálio. Os senhores vão cair para trás, mas meu bisneto era tão preto quanto o chefão aí da quadrilha encarapinhassem (BUARQUE, 2009, p. 168).

A exaltação à virilidade sexual do homem negro colabora negativamente para personificação desses indivíduos como objeto de desejo, “ao negão” forte, corpulento, alto, são reservadas as posições hipersexualizada e de homem violento. Essas visões se manifestam no estereótipo de que este possui um órgão genital de grande espessura e, conseqüentemente, tem um alto desempenho sexual. Tais representações sociais fazem este sujeito ser “desejado”, tanto por mulheres quanto por homossexuais, imaginário que está presente na vida de Eulálio d’Assunção Palumba Júnior. Observamos como se ilustra esta estrutura na cena em que o bisavô relata as relações sexuais do bisneto com inúmeras mulheres:

Olhava as mulheres tal e qual meu pai, não de modo dissimulado, nem lascivo, muito menos suplicante, mas com solicitude, como quem atendesse a um chamado. Por isso **as mulheres lhe eram gratas, e ao seu tempo começaram a procurá-lo em casa**, foi de tanto dormir no divã da sala que Maria Eulália ficou corcunda. Ao som de sambas, rumbas, rock and roll, **o Eulálio se entretinha no quarto com empregadinhas do bairro, caixas de supermercado, namorou até oriental, garçonete num sushi bar. Trazia também colegiais, um dia vi entrar uma menina muito branquinha**

cheirosa, um andar gracioso. Dessa vez coleí o ouvido no copo contra a minha parede, curioso dos gemidos dela, queria saber que melodia tinham. **Por baixo de uma batucada distingui sua cantinela triste, aguda, que subitamente deu lugar a gritos guturais, fode eu, negão!, enraba eu negão!**, e não sou homem que se melindre à toa. Mas assim que cruzei com ela, eu me vi compelido a lhe dizer, **o negão aí é descendente de dom Eulálio Penalva d' Assumpção**, conselheiro do marquês de Pombal (BUARQUE, 2009, p. 150, grifo meu).

Como vimos na passagem citada, o modelo do homem negro viril é legitimado e reconhecido pelo senso comum, suas reações machistas e sexistas também, o espelho do bisneto de Eulálio é a figura desse bisavô, branco, heterossexual e machista. No universo de Palumba Júnior inexistem referências masculinas positivas, o que ele empreendeu fazia parte da cultura eurocêntrica. As mulheres lhes eram gratas pelo sexo que proporcionava a elas, uma delas, segundo a narração de Eulálio, exaltava a negritude do bisneto e os dotes sexuais do rapaz. Dessa forma, a dimensão da raça ligada à potência sexual está intrinsecamente ligada ao fragmento.

Há uma fetichização do homem negro no Brasil, imaginário o qual se circunscreve no período colonial. Gilberto Freyre (1933) nos diz que os homens negros escravizados “puderam resistir melhor às influências patogênicas, sociais e do meio físico e perpetuar-se assim em descendências, mais sadias e vigorosas” (FREYRE, 1998, p. 46-47) do que “os caboclos e brancarões”. Foram constatados casos sexuais entre sinhá-donas e escravizados, igualmente sinhás-moças e escravizados. A ação contra tais escândalos quando descobertos era “castração do negro, salgava-se as feridas dele, e enterram-no vivo depois” (FREYRE, 1998, 338-339). Outra consideração do autor foi em relação à seleção eugênica e estética realizada no comércio escravagista: os corpos negros eram escolhidos com funções premeditadas, havia interesses sexuais e econômicos na sociedade patriarcal escravagista: “os senhores favoreciam a dissolução para aumentarem o número de crias como quem promove o acréscimo de um rebanho” (FREYRE, 1998, p. 316). Para tanto, Freyre (1933) chama a atenção para não nos escandalizarmos e entendermos que:

Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. Joaquim Nabuco colheu em um manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: “a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador” (FREYRE, 1998, p. 316).

Como vimos havia um interesse de reprodução de capital financeiro na “depravação sexual”, que era consentida e estimulada pela classe oligárquica na colônia., “O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem moleques” (FREYRE, 1998, p. 317). Erroneamente Freyre (1933), por meio de *Casa Grande & Senzala*, dissemina estereótipos relacionado aos negros e se contradiz ao explicar-se:

Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral [...] é maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações. Sem esforço. A idéia vulgar de que a raça negra é chegada, mais do que as outras, a excessos sexuais, atribui-a Ernest Crawley ao fato do temperamento expansivo dos negros e do caráter orgiástico de suas festas criarem a ilusão de desbragado erotismo. Fato que "indica justamente o contrário", demonstrando a necessidade, entre eles, de "excitação artificial" (FREYRE, 1998, p. 315-316).

A contradição do ensaísta está no fato de que, ao visualizar tal panorama, este não espere um comportamento naturalmente moral do negro dado às circunstâncias. Para o autor o meio transformou os escravizados em indivíduos potencialmente sexuais:

Se há hábito que faça o monge é o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de malê para vir de tanga, nos negreiros imundos, da África para o Brasil. Para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre. A escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam (FREYRE, 1998, p. 315).

Sabemos que os indivíduos escravizados, homens e principalmente mulheres, não foram apenas estimulados, mas violados sexualmente. Alguns autores como Edward Telles (2003) afirmam que “a mistura racial no Brasil ocorreu principalmente à força, entre parceiros sexuais de status social desigual” (TELLES, 2003, p. 137); outros estudiosos falam sobre estupro em massa.

Pereira e Gomes em seu livro *Ardis da Imagem (2001)* afirma que embora haja exaltação e publicidade para o “negão viril” e “pegador”, como é caso do personagem Eulálio, na maioria das vezes, como verificamos na narrativa, este será objeto do ideal das fantasias sexuais femininas. Sua posição social pode levá-lo a relacionamentos inter-raciais, até mesmo ao matrimônio, mas em algum momento essa relação esbarrará no conflito gerado pela

invisibilidade de sua cor, sua masculinidade foi subalternizada e construída por meio de estereótipos negativos.

A estética que exalta a virilidade se apropria do negão como imagem “da moda”, ou seja, passa utilizá-la como um instrumento que confirma a reificação do corpo negro. Em função disso, a ética capitalista estabelece parâmetros para estética do negão viril, tal como faz para o produto mulata (GOMES; PEREIRA; 2001, p. 231).

Eulálio d’ Assumpção Palumba Júnior é marcado pela cor negra, e ainda que pense que é o dominador, continuará sendo o dominado pelas estruturas invisíveis do racismo. Seu bisavô Eulálio o identifica como um sujeito “namorador, que teve um caso com uma japonesa e engravidou a prima” (BUARQUE, 2009, p. 39). Há um jogo de cartas marcadas que consolida e rege os estereótipos no imaginário sociocultural que se relaciona ao homem negro. Somente quando se adquire consciência de si, este ser subjogado poderá contrapor-se ao sistema. Frantz Fanon (1952) nos diz que o homem negro, ante o “desejo repentino de ser branco” (FANON, 2008, p. 69) e ser reconhecido enquanto branco, também deseja ser digno do amor da mulher branca. Este crê que, recebendo o amor desta, se abrirá “o ilustre corredor que conduz à plenitude [...]” (FANON, 2008, p. 69), ele desposará “a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca” (FANON, 2008, p. 69). Pensa que se apropriará “da civilização branca, da dignidade branca” (FANON, 2008, p. 69), pode ser que este seja o caso do bisneto do narrador, pensamento embranquecedor, já que os modelos estéticos e padrões aos quais teve acesso culturalmente tornaram-se imprescindíveis à sua aceitação social.

Para o narrador, o importante era Eulálio d’Assumpção Palumba Junior demonstrar apetite sexual; para o personagem, era muito mais uma herança familiar que o bisneto herdara do que propriamente uma característica ligada às representações racistas. Não há esta consciência racial por parte de Eulálio, muito pelo contrário. Compreendemos que, apesar do status de “sujeito viril” ser aceitável socialmente em nossa sociedade patriarcal e machista, a redução do homem negro a objeto remete-nos a estereótipos do passado escravagista brasileiro, revela-nos o racismo e reproduz este discurso em nossa sociedade e também na narrativa, com toque de ironia crítica.

E nem todo dia me apareciam em casa moças à altura do meu bisneto. A menina morava na praia de Copacabana com a avó, que não tardou a manifestar desejo de me receber para um chá. E mal pude crer quando li no cartão de visita, sob o nome de Anna R. S. V. P. de Albuquerque, o velho endereço do meu chalé. [...] E ao defrontar com a madame, só mesmo por um prodígio pude reconhecer, através de uma cachoeira de rugas, as feições de Anna Regina, irmã caçula de Matilde. Perguntei-lhe pela saúde dos pais,

falecidos havia mais de trinta anos, e me absteve de mencionar suas irmãs mais velhas. [...] Mas a minha cunhada não estava para confabulações, e enquanto a copeira servia o chá, me ordenou em francês que afastasse o Eulálio da sua neta. Perguntou se eu preferia açúcar ou adoçante, e disse que seria supérfluo me explicar por quê. Chegando em casa, alertei o Eulálio sobre os riscos de uma união consanguínea, ainda que a menina fosse uma prima em grau distante. Mas ele não sabia do que eu estava falando [...] (BUARQUE, 2009, p. 150-152).

O fragmento citado revela-nos o óbvio ante as relações raciais descritas, para o narrador, herdeiro falido de uma aristocrática família. Sendo o bisneto um Assumpção, este não poderia relacionar-se com qualquer mulher. Porém, ao ser interpelado pela irmã de Matilde sobre o envolvimento de Eulálio d' Assumpção Palumba Júnior com a neta desta o personagem infere que os motivos são meramente sanguíneos. O narrador não enxerga que seu bisneto era visto somente como uma aventura sexual, não há nenhum interesse por sua personalidade ou subjetividade nos relacionamentos que este possui. É muito provável que a avó da moça não desejasse o envolvimento desta, de nobre condição financeira, com um jovem, que, além de pobre, era negro.

Muitas vezes os homens negros nestas relações são vistos como uma experiência exótica, nem sempre são apresentados às famílias, ou servem para o casamento, talvez almejem o matrimônio, já que possuem a falsa ilusão de que são desejados por muitas, sexualmente até pode ser, romanticamente nem tanto. No caso do personagem Eulálio D'Assumpção Palumba Júnior, o “casamento nunca lhe passara pela cabeça. E já estava envolvido com outras, de garotas semivirgens a mulheres que entravam em casa virando o rosto, quiçá comprometidas” (BUARQUE, 2009, p. 152).

Edward Telles (2003) diz que “embora os brasileiros prefiram a endogamia, mais de um quinto dos brancos se casam com negros, enquanto a união entre brancos e negros nos Estados Unidos e África do Sul é rara” (TELLES, 2003, p. 158). Mesmo neste contexto homens negros se casam mais com mulheres brancas, do que mulheres negras, com homens brancos. Telles (2003) ressalta que “a união inter-racial é considerável nas camadas socioeconômicas mais baixas, ao passo que rara nas camadas altas” (TELLES, 2003, p. 152). Para o autor há uma possível “troca de status na união inter-racial no Brasil”, uma delas se revela na comprovação de que “seria razoável supor que os indivíduos de status racial mais baixo em uma união inter-racial também tenham maiores níveis de escolaridade” (TELLES, 2003, p. 152). O autor destaca que:

Para muitos jovens, pretos ou pardos, ter uma mulher branca (preferencialmente loira) é símbolo de sucesso, honra e poder, o que é coerente com a ideologia de branqueamento. Burdick também notou que a sexualidade dos homens de pele escura atrai as mulheres brancas. Mulheres brancas também são atraídas para esses homens porque deles receberiam maior dedicação do que de homens brancos (TELLES, 2003, p. 152).

As ideias de Telles (2003) e de Fanon (1952) se correlacionam ainda que as imagens do segundo tenham sido construídas para um contexto relacionado ao racismo em França. A ideia do ser negro atravessa dimensões geográficas.

O destino final de Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior na ficção não é surpreendente, já que, segundo a *Anistia Internacional* e outros órgãos competentes, jovens de pele negra do sexo masculino, entre quinze e vinte cinco anos no Brasil, são os indivíduos que têm muito mais chance de serem assassinados violentamente no país. Dados do *Atlas da Violência 2016 do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA)* também confirmam o aumento do número de homicídios entre afrodescendentes, entre os quinze e vinte e nove anos. Há uma grande possibilidade de que a morte do personagem seja um crime passional, pois “segundo o delegado, os funcionários do motel suspeitaram de um sequestro, quando viram entrar uma quarentona jeitosa num carro de luxo, tendo no banco do carona um jovem de aparência humilde” (BUARQUE, 2009, p. 152). Ainda assim, a ficção ilustra a realidade, o personagem foi encontrado nu em um quarto de um motel, a polícia demorara a chegar, houve descaso com o “suposto delinquente” (BUARQUE, 2009, p. 152), até os coveiros, ao enterrá-lo, “estavam de má vontade”:

Mas um delegado de polícia me perguntou se era da residência de Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior. Corri ao motel Tenderly, onde meu bisneto jazia nu de borco num carpete com cheiro nauseante. [...] Hesitavam em chamar a polícia, quando ouviram seis estampidos, e não houve tempo de anotar a placa do carro que partiu em disparada. Precipitaram-se a socorrer a senhora, e qual não foi sua surpresa ao dar com o corpo do suposto delinquente. Mas não precisava o delegado agadanhhar meu braço, porque eu não ia mexer no menino, só queria limpar com o lenço o sangue dos seus lábios carnudos. Ao pé da cama estavam suas roupas, que a perícia já tinha revistado à procura de tóxicos, recolhendo uns trocados, chaves, agenda telefônica e carteira de identidade. Maria Eulália preferiu não vir comigo ao cemitério São João Batista. Os coveiros estavam de má vontade, e quando o caixão bateu com peso no fundo da tumba, o baque abafado me soou como o fim da linha dos Assumpção (BUARQUE, 2009, p. 152-153).

As passagens citadas anteriormente confirmam o que cotidianamente ocorre socialmente no Brasil: descaso e despreparo das autoridades policiais e de pessoas comuns. Estes últimos, simbolizados na narrativa pelos coveiros, ao se depararem com um jovem

negro morto, na maioria das vezes, julgam-no como um criminoso, traficante ou usuário de drogas, ainda que sem provas. À primeira vista, quase nunca este indivíduo será considerado vítima, dessa forma o imaginário social, herdado do período colonial, contribui para manutenção do estereótipo de que o homem preto é ruim e violento. Uma análise nesse sentido foi realizada por Raymundo Nina Rodrigues em sua obra *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, publicada pela primeira vez em 1894. Nessa, o autor afirmará que a índole do negro é criminal: “O negro crioulo conservou vivaz os instintos brutais do africano: é rixoso, violento nas suas impulsões sexuais, muito dado à embriaguez e esse fundo de caráter imprime o seu cunho na criminalidade colonial atual” (RODRIGUES, 2011, p. 49). Apesar das ideias de Nina Rodrigues serem ultrapassadas e contestadas, infelizmente tal pensamento desumanizador segue cristalizado na sociedade brasileira, seguimos vergonhosamente com altos índices de mortes com o perfil apresentado.

Eulálio D’Assumpção Palumba Júnior, enquanto homem negro, não compreendeu a si e muito menos foi aceito no mundo dos brancos. Mesmo depois de sua morte, o ato de Anna Regina, de entregar o seu suposto filho recém-nascido para Eulálio, reafirma que o bisneto do narrador não se ajustou ao mundo dos brancos. A bisavó materna não queria convivência com a criança:

Teve um caso passageiro com a mãe da criança, moça muito refinada, por quem não ponho a mão no fogo. Pelo sim, pelo não, criamos o garoto, que recém-nascido nos foi entregue em domicílio pelo chofer particular de madame Anna Regina de Souza Vidal Pires de Albuquerque. Essa minha cunhada é viúva de um usineiro, ex-governador de Pernambuco, e mora em Copacabana de frente para o mar, num apartamento cheio de obras de arte, santos barrocos, oratórios folheados a ouro (BUARQUE, 2009, p. 168).

Eulálio D’Assumpção Palumba Júnior no decorrer de sua existência teve uma identidade fraturada, que se circunscreve na cor de sua pele, na ausência afetiva e no bloqueio moral. Ainda que tivesse o ego massageado pela convivência com diversas mulheres, não entendia que simbolizava um fetiche sexual, ou propositalmente aceitara o lugar de homem hipersexualizado, que a cultura colonialista e europeia impôs há séculos aos homens negros: “Ele aceita os aperitivos, mas os retribui. Não quer dever nada a ninguém. Pois se ele não os retribui será um preto ingrato como todos os outros (FANON, 2008, p. 82)”.

Fanon (1952) nos diz que o mito sexual que vive a procurar por carne branca é “veiculado por consciências alienadas” (FANON, 2008, p. 82). Uma concepção ativa desse processo de inferiorização pode contribuir com o fim dessas ideias introjetadas há séculos nos

homens negros. Para o autor, de forma alguma a cor da pele deve ser percebida como uma tara, segundo ele, na ocasião que o sujeito preto permite a fragmentação de si, este aceitará a imposição eurocêntrica e, por consequência, não terá paz (FANON, 2008, p. 82). De acordo com Fanon (1952), há soluções possíveis que implicam uma reformulação de mundo.

Desumanizar e objetificar o corpo negro foi e continua sendo um instrumento de opressão, pois faz parte da manutenção das estruturas de poder e do racismo atribuir a esses corpos tão somente a categoria inferior. Muitos, quando pensam em África, não creem na inteligência ou na ciência dos povos que ali vivem, creem somente na animalização e incivilidade desses indivíduos. Ao corpo branco-europeu são reservados o padrão de beleza, o engenho, a criatividade literária e filosófica e o desenvolvimento.

Por tudo isso, podemos concluir que refletir sobre a dimensão do pensamento racista na sociedade e na literatura brasileira é reconhecê-lo como estruturante e estruturador. Torna-se necessário desconstruir ideias engendradas no pensamento social para assim romper com a operacionalidade desse processo discriminatório. Como crítica a essa situação, o romance, pela via da ironia, expõe este imaginário social brasileiro.

3.3 O personagem Balbino

Balbino Assunção se caracteriza na obra como o herdeiro simbólico dos Assumpção. O personagem se apropriou do sobrenome de seus antigos senhores. É importante salientar que os escravizados que chegavam a terras brasileiras deixavam em África sua identidade tribal, seu nome e seu passado. Na colônia, recebiam um novo nome e, na maioria das vezes, o codinome das famílias que os compravam, ou estes lhes davam nomes de ascendência monástica após serem batizados na igreja católica. Freyre (1933) assinala muito bem esse costume:

Esses negros batizados e constituídos em família tomavam em geral o nome de família dos senhores brancos: daí muitos Cavalcantis, Albuquerque, Meios, Mouras, Wanderleys, Lins, Carneiros Leões, virgens do sangue ilustre que seus nomes acusam. No Brasil ainda mais do que em Portugal, não há meio mais incerto e precário de identificação de origem social do que o nome de família (FREYRE, 1998, p. 451).

No caso dos escravos constituídos cristãmente em família, à sombra das casas-grandes e dos velhos engenhos, terá havido, na adoção dos nomes fidalgos, menos vaidade tola que natural influência do patriarcalismo, fazendo os pretos e mulatos, em seu esforço de ascensão social, imitarem os senhores brancos e adotarem-lhe as formas exteriores de superioridade. É, aliás, digno de observar-se que muitas vezes o nome ilustre ou fidalgo dos senhores brancos foi absorvido no indígena e até no africano das propriedades rurais - a terra como que recriando os nomes dos proprietários à sua imagem e semelhança (FREYRE, 1998, p. 451).

No romance *Leite Derramado*, o patriarca desta família é representado por Balbino Assunção, escravizado pela família Assumpção. Depois de alforriado, ele e seus descendentes continuaram subservientes aos seus senhores. Após a abolição da escravatura no Brasil, ocorrida em 1888, não houve a prestação de direitos básicos, direitos como moradia, educação, trabalho assalariado e saúde pública para população negra brasileira. A elite latifundiária e o governo eximiram-se de qualquer responsabilidade para sanar os danos oriundos do sistema escravocrata. A linhagem dos Assumpção em sua trajetória possui um histórico de comercialização de indivíduos que foram escravizados. Ainda assim, o narrador se apresenta como um herdeiro ideológico de seu avô, pretense abolicionista. Entretanto, ainda que haja este discurso por parte do narrador, percebemos que Balbino continua sofrendo múltiplas violências, o que ocorre futuramente com seus descendentes. Mesmo depois da abolição, não tiveram autonomia sobre o que fazer com sua liberdade, não tinham condições e autonomia para exercê-la, como afirmamos anteriormente não houve sustentações de políticas

públicas para garantir tais direitos aos negros. Além disso, a mentalidade da classe dominante não se solidarizou a essa estratificação social, em distintos contextos e graus, de forma proposital, os prejuízos sociais ainda se fazem presentes entre os negros. A família Assumpção, representada pelo narrador, apagou seu passado escravagista, não havia ressentimentos ao recordar ações praticadas por eles no período escravocrata, muito menos sentimentos de reparação relacionados a Balbino e aos seus. Quando Eulálio traz o exemplo-escravo à memória, é no intuito arrogante de impor-se e também de vangloriar-se. Um exemplo disso é a lembrança do chicote florentino, que herdara, o qual era usado pelo bisavô para fustigar Balbino:

Saibam vocês que papai tem um **chicote** guardado ali na biblioteca, atrás da enciclopédia Larousse. Ele um dia me exibiu a peça, a correia trançada de couro de antílope, a flor-de-lis no cabo. É um chicote fora de uso, uma **reliquia familiar** que ele herdou do pai, meu avô Eulálio. Mas assim que voltar da Europa, se ouvir falar que deram na cabeça do filho, vai distribuir chibatadas às cegas por aí. Vai açoitá-los todos, não importa se homem ou mulher, vai soltar o azorrague em vocês como meu avô no velho **Balbino**. O **Balbino nem era mais escravo**, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria seu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo. O golpe mal estalava, era um assobio no ar o que se ouvia, meu bisavô Eulálio apenas riscava a carne do malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava para sempre (BUARQUE, 2009, p. 102, grifo meu).

Tânia Cristina Vargas Canabarro (2014), em sua tese *Memória Social em Leite Derramado: Uma alegoria da Formação do Brasil Moderno*, afirma que representativamente “o chicote era símbolo de poder e de tradição, que passou por várias gerações de Eulálios” (CANABARRO, 2014, p. 79). O narrador recordará ao neto a importância do objeto, “... veio a Revolução Militar de 1964, então tratei de lhe lembrar nossas antigas relações de família com as Forças Armadas, até lhe mostrei o chicote que pertenceu ao sexto avô português, o célebre general Assumpção” (BUARQUE, 2009, p. 126). A autora aponta que essa peça histórica herdada e estimada pelo narrador “além de ser uma relíquia da família Assumpção, serviu para açoitar escravos e por isso “simboliza” também o poder passado de pai para filho, conforme convém à tradição e à persistência dos valores que deveriam ter sido soterrados com a abolição” (CANABARRO, 2014, p. 100). Canabarro (2014) nos adverte que este objeto representa simbolicamente a repressão em nosso país:

No Brasil, o chicote simboliza um período em que a mulher, o negro e outras minorias não tinham voz nem vez. Nessa época o chicote imperava e as

contradições não eram visíveis, mas veladas e disfarçadas por uma elite que se considerava dona do poder, enquanto a maioria da população se encontrava à margem da sociedade. No romance *Leite derramado*, o velho Eulálio representa essa elite aristocrática em decadência, saudosa dessa época em que tudo era idílico (CANABARRO, 2014, p. 100).

Posto isso, é importante salientar que o desejo perturbador de Balbino pelo açoite pauta-se pela *Violência Simbólica* que se expõe por meio das violências psicológicas, físicas, discriminatórias e outras, sofridas por este durante anos, poder exercido pela família de Eulálio antes e pós-abolição. Pierre de Bourdieu (2013) observa que este mecanismo opera no silêncio e na invisibilidade aos olhos da vítima, e no caso do racismo, nossa suposta harmonia racial escamoteia e hierarquiza as relações que estruturam esta opressão e que são, muitas vezes, introjetadas como “naturais” pelo oprimido.

Um aspecto que fica claro na narrativa é a animalização do personagem, que se configura por rebaixar o homem a um animal. Podemos visualizar tal processo na fala do narrador que define o relacionamento de Balbino com seu avô como “fiel como um cão, ficou sentado para sempre sobre a tumba dele” (BUARQUE, 2009, p. 16). Entendemos que implicitamente há um discurso irônico do autor, ainda assim, ao comparar o empregado da família a um animal, este é figuradamente zoomorfizado, como um cachorro que aguarda por seu dono para cumprir os comandos dos quais tem costume. Igualmente Balbino se comportara. A figuração do seu patrão morto era a representação do único referencial senhorial que teve. O personagem era incapaz de discernir regras de direito ou morais, uma vez que fora dominado pelo abuso de poder imposto durante toda vida.

Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes, em *Ardis da Imagem* (2001), citando Maria Nazareth Soares Fonseca, dirão que, para os indivíduos marcados pela cor negra rejeitada, a individualidade torna-se um peso, porque aprendem a odiar os atributos significados em seu corpo. A expressão “fiel como um cão” para se referir a Balbino, ainda que consideremos a ironia presente no fragmento, é marca da forte rejeição que acaba por impossibilitar ao negro se ver como pessoa, porque sempre fora olhado com uma diferença incômoda e ameaçadora inscrita na cor de sua pele. Aos negros foi imposta e introjetada socialmente a ideia de que são feios, arredios, intratáveis, não merecedores de admiração e muito menos do amor. Talvez isto explique a redução de Balbino à condição animalesca.

Outro fator que já comentamos e desejamos reiterar é a proposital natureza invisível dos Balbinos na obra de Chico Buarque, a despersonalização de sua identidade e origem. A

adoção do sobrenome Assumpção do patrão que, na forma popular, grafa-se Assunção, alude à descaracterização de sua própria história. Os homens da família Assumpção adotavam o mesmo nome e sobrenome para seus descendentes. Balbino, o negro alforriado, adotou o mesmo procedimento: seu filho chamava-se Balbino Assunção, e o filho deste, Balbino Assunção Neto. Este teve uma irmã cujo nome era Balbina, houve outros filhos não nomeados que receberam o mesmo sobrenome. O personagem recusou-se a identificar-se intimamente e externamente como sujeito. No entanto, é preciso destacar que os aspectos de abuso do poder vivenciados por ele e por seus familiares potencializam a dimensão negativa de uma existência totalmente marcada pela dominação, não apenas física, mas psíquica. É perceptível por parte dos seus senhores e, agora, patrões, o desejo de manter esta estrutura que se baseia no “abuso de poder”, já explicitada anteriormente. Para o narrador era uma ousadia os agregados da família, os Balbinos, receberem um sobrenome com alusão à sua família aristocrata:

E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar aí no prontuário. **Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou como pedir licença para entrar na família sem sapatos.** (BUARQUE, 2009, p. 18, grifo meu).

No passado como já pontuamos, utilizar o sobrenome do senhor dos sujeitos escravizados era comum no Brasil. Entretanto, muitos escravizados alforriados, buscando se desvencilhar do jugo de seus senhores como sinal de resistência, renunciavam à tal herança, visando construir uma nova história para si e para os seus. É possível inferir que Balbino e os seus talvez não tivessem consciência de seus corpos objetificados, como se pertencentes a um só dono ‘A Família Assumpção’.

Neste sentido, o que ocorre com Balbino, com seu filho e posteriormente com seu neto, segundo Frantz Fanon, citado por Maria Nazareth Soares Fonseca, é a fragmentação, o despedaçamento, “o estado de despersonalização absoluta” (FONSECA, 2006, p.106). O negro Balbino e seus descendentes são enclausurados em sua identidade psíquica por aqueles que os oprimiam e os dominavam, na maioria das vezes de forma sórdida e coisificada:

Curioso é que seu filho também Balbino, foi cavaliço do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. Esse me ensinou a caçar pipa, a fazer arapucas de caçar arapucas de caçar passarinho, me fascinavam seus malabarismos com uma laranja nos pés, quando nem se falava em futebol. Mas depois que entrei no ginásio, minhas idas à fazenda escassearam, ele cresceu sem estudos e perdemos as afinidades. Só o reencontrava nas férias de julho, e então volta e meia lhe

pedia um favor á toa, mais para agradar a ele mesmo, que era de índole prestativa. Às vezes também o chamava para ficar ali à disposição, porque a quietude da fazenda me aborrecia. (BUARQUE, 2009, p. 18-19, grifo meu).

Para Eulálio era curioso que o filho de Balbino Assunção se tornasse cavaleiro de seu pai, e o filho deste, seu amigo de infância, companheiro esse que não teve as mesmas oportunidades e privilégios que o filho do patrão. O preconceito de classe e os ditames senhoriais eram mais elucidativos. As estruturas do colonialismo continuaram firmes no domínio privado da família Assunção. As afinidades das duas crianças foram perdidas, pois a permanência dessa engrenagem colonialista os distanciara, a condição social os opunha. Os patrões dos Balbinos “eram bondosos” até certo ponto, não lhes interessava mudar a condição deles. O narrador observa que o suposto amigo era de “índole prestativa”; para ele este tinha inclinação servil, ideia supostamente herdada do passado colonial que construía um imaginário do negro como dócil e de alguém sempre disposto a ajudar e, sobretudo, a servir. Aristocratas como a família de Eulálio demonstrava amizade, interesse e caridade com intuito de explorar a mão de obra dos negros libertos.

Não é surpreendente que esta estrutura de subjugação tenha permanecido na família Assunção, que era herdeira de um passado colonial escravagista. A servidão própria do regime escravocrata se mantivera. Sobre isso, Frantz Fanon nos aponta que:

Historicamente, o negro, mergulhado na inessencialidade da servidão, foi alforriado pelo senhor. Ele não sustentou a luta pela liberdade. Enquanto escravo, o preto irrompeu na liça onde se encontravam os senhores. Como esses domésticos a quem, uma vez por ano, permitem se dançar no salão, o preto procurou um apoio. O preto não se tornou senhor. Quando não há mais escravos, não há mais senhores. O preto é um escravo a quem se permitiu adotar uma atitude de senhor. O branco é um senhor que permitiu a seus escravos comer na sua mesa. Um dia, um bom senhor branco que tinha influência disse a seus colegas: Sejamos amáveis com os pretos (FANON, 2008, p. 182).

Para Fanon (1952), o negro estava imerso na ineficácia servil, mesmo liberto por lei, não foi verdadeiramente libertado, como indivíduo escravizado, aparecera em uma batalha, em que os verdadeiros vencedores foram os senhores de engenho. Os negros nada receberam e, além disso, ainda foram obrigados a se subordinarem aos seus antigos opressores. De acordo com Fanon (1952), a alforria não distinguiu os pretos, estes foram operacionalizados, sua existência enquanto sujeitos continuara a mesma, talvez isso explique a alienação psíquica do patriarca dos Assunção e sucessivamente de seus descendentes:

A reviravolta atingiu o negro vindo do exterior. O negro foi agido. Valores que não nasceram de sua ação, valores que não resultaram da ascensão sistólica do seu sangue, vieram dançar uma roda colorida em torno dele. A reviravolta não diferenciou o preto. Ele passou de um modo de vida a outro, mas não de uma vida a outra. Do mesmo modo que um paciente recai quando lhe anunciam que está melhor e que sairá do asilo em poucos dias, assim também **a notícia da libertação dos escravos provocou psicoses e mortes súbitas**. Em uma vida inteira, tal fato não acontece duas vezes. O negro contentou-se em agradecer ao branco e a prova mais brutal disso é o número impressionante de estátuas disseminadas pela França e pelas colônias, representando a França Branca acariciando a cabeleira crespa do bom preto, cujos grilhões foram quebrados. “Diga obrigado ao senhor”, diz a mãe ao filho... Mas sabemos que, muitas vezes, o menino sonha em berrar alguma outra palavra – mais repercussiva... O branco como senhor diz ao preto: “A partir de agora você é livre.” Mas o preto ignora o preço da liberdade, pois ele não lutou por ela. De tempos em tempos ele luta pela Liberdade e pela Justiça, mas se trata sempre de liberdade branca e de justiça branca, de valores secretados pelos senhores. O antigo escravo, que não encontra na sua memória nem a luta pela liberdade nem a ânsia da liberdade de que fala Kierkegaard, fica com a garganta seca diante do jovem branco que brinca e canta na corda bamba da existência. Quando acontece de o preto olhar o branco com ferocidade, o branco lhe diz: “Meu irmão, não há mais diferença entre nós”. Entretanto o negro sabe que há uma diferença. Ele a solicita. Ele gostaria que o branco lhe dissesse de repente: “Preto sujo!” Então ele teria uma oportunidade única de “lhe mostrar” ... Porém normalmente não acontece nada, nada além da indiferença, ou da curiosidade paternalista. (FANON, 2008, p. 182-183).

Na narrativa, percebemos traços herdados do colonizador em Eulálio Montenegro d’Assumpção, que faz jus à classe dominante burguesa à qual pertence, pois se comporta autoritariamente com Balbino, além de demonstrar preconceito homofóbico e paralelamente expusesse seu desejo homossexual.

Durante um período, para você ter uma ideia, encasquetei que precisava enrabar o Balbino. Eu estava com dezessete anos, talvez dezoito, o certo é que já conhecia mulher, inclusive as francesas. Não tinha, portanto necessidade daquilo, mas do nada decidir que ia enrabar **Balbino**. Então lhe pedia que fosse catar uma manga, mas tinha de ser aquela manga específica, lá no alto que nem madura estava. **Balbino** pronto me obedecia, e suas passadas largas de galho em galho começaram de fato a me atçar. Acontecia de ele alcançar a tal manga, e eu lhe gritar como contraordem, não é essa, é aquela mais na ponta. Fui tomando gosto por aquilo, não havia dia em que não mandava o **Balbino** trepar nas mangueiras uma porção de vezes. E eu já desconfiava que ele também se movia ali no alto com malícias, depois tinha um jeito meio feminino de se abaixar com os joelhos juntos, para recolher as mangas que eu largava no chão. Estava claro para mim que o **Balbino** queria me dar a bunda. **Só me faltava ousadia para abordagem decisiva, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de primícias, ponderações tão acima de seu entendimento, que ele já cederia sem delongas. Mas por esse tempo conheci Matilde, e eliminei aquela bobagem da cabeça** (BUARQUE, 2009, p. 19-20, grifo meu).

O comportamento do narrador com seu subordinado evidencia quão herdeiro do escravismo tornara-se, mesmo que antes tivesse afirmado que o rapaz era seu “cupincha” (BUARQUE, 2009, p. 84), que fizera dele um indivíduo sociável e sem preconceitos. Entretanto ele se contradiz ante o fragmento citado e remete-nos aos registros realizados por Gilberto Freyre (1933) sobre a relação entre os filhos dos senhores de engenho e os meninos escravizados. No que diz respeito a esses primeiros, Freyre afirma que no período escravocrata tinham tendências sadistas. Em relação aos “mulecotes” pretos, o autor informa que:

Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano como os judas de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos. "Logo que a criança deixa o berço", escreve Koster, que soube observar com tanta argúcia a vida de família nas casas-grandes coloniais, "dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo e, além disso, incorre sempre em censura e em punição [...]" (FREYRE, 1998, p. 336).

Outras proposições de Freyre (1933) relacionam-se com Eulálio e Balbino. O ensaísta afirma que, psiquicamente, quando adultos, estas relações infantis entre meninos de engenho e os meninos escravizados certamente irão gerar impactos negativos, favoráveis à crueldade (FREYRE, 1998, p. 336). A arbitrariedade e o poder demonstrados quando crianças eram estimulados pelos pais; os jovens senhores de engenho recebiam “o presente”, uma criança negra, com intuito de desfrutarem como quisessem:

Enfim, a ridícula ternura dos pais anima o insuportável despotismo dos filhos. "Não havia casa onde não existisse um ou mais moleques, um ou mais curumins, vítimas consagradas aos caprichos de nhonhô", escreve José Veríssimo, recordando os tempos da escravidão. "Eram-lhe o cavalo, o levanpandadas, os amigos, os companheiros, os criados." Lembra-nos Júlio Belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, moleques. Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro. Ainda hoje, nas zonas rurais menos invadidas pelo automóvel, onde velhos cabriolés de engenho rodam pelo massapê mole, entre os canaviais, os meninos brancos brincam de carro de cavalo "com moleques e até molequinhas filhas das amas", servindo de parelhas. Um barbante serve de rédea; um galho de goiabeira, de chicote. (FREYRE, 1998, p. 336).

Retomando a passagem citada do romance e correlacionando-a com as constatações Freyrianas, assim como no ensaio, o narrador apresenta as tendências típicas dos meninos, filhos dos senhores de engenho. Ele demonstra violência e poder, mostrando claramente para Balbino que ele detém simbolicamente o acesso às "tradições senhoriais", que o asseguram a receber "as primícias". Teologicamente as primícias (Levíticos 23: 9-14) eram os primeiros frutos produzidos pelos judeus, que eram oferecidos como oferta a Deus em uma festa judaica (Êxodos 23: 16) de mesmo nome. Já em tempos medievais, os senhores exigiam dos seus servos a "primeira noite" com suas futuras esposas, como um direito senhorial. De forma metafórica e similarmente, Eulálio queria receber como doação o sexo de Balbino. O fato de conhecer Matilde eliminou o desejo homoerótico inconsciente deste. Sobre o desejo sexual dos meninos de engenho Freyre (1933) diz ainda que:

Em outros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quais, um tanto por efeito do clima e muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a atividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. As primeiras vítimas eram os moleques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável (FREYRE, 1998, p. 371).

Certamente Eulálio tinha a quem puxar, pois seus antepassados também tinham esses vícios: seu pai fora um exímio conquistador, muito provavelmente sua morte ocorreu devido a um crime passional; seu avô que reconheceu ser um "aboliconista radical" (BUARQUE, 2009, p. 15-16) semelhantemente da mesma maneira vivia. O narrador recorda o ciúme doentio da avó e as investidas do avô quando moleque junto às mulheres negras escravizadas. Eulálio nos conta o desespero da avó ao supor que os filhos de Balbino fossem filhos do seu marido.

Contam que ela gania de dor nas juntas, na fazenda na raiz da serra, cada vez que meu avô ia procurar as negras. Mas se declarava indiferente às andanças dele, que sempre teve esses vícios, desde fedelho se metia entre as escravas nas propriedades do seu pai, o barão negreiro. **Minha avó não deixava por menos, jurava que seu marido era o pai dos filhos de Balbino, o leal criado** (BUARQUE, 2009, p. 62).

O narrador Eulálio escamoteia seu preconceito contra Balbino, assim como nega veementemente a cor da pele da esposa. Ele se incomoda com o criado, entretanto não reconhece o motivo desses incômodos. Outro dado interessante é a presença de Balbina Assunção, irmã de seu suposto camarada, que durante toda a vida trabalhara para os

Assumpção e, com o nascimento de Maria Eulália, filha de Eulálio com Matilde, tornou-se sua babá:

Matilde dobrou-se enfim ao argumento, **de resto podia como sempre confiar nossa filha à babá, uma pretinha que era quase da família. Eu praticamente a vi nascer, pois era irmã caçula do meu cupincha Balbino**, lá na raiz da serra. O próprio Balbino esteve outro dia no chalé para conhecer a Eulalinha, e aproveitou para nos trazer da fazenda um balaio cheio de mangas. **A mim ele já incomodava um bocado, porque estava sempre rindo à toa, e andava com umas calças roxas que eu nunca tinha visto homem usar** (BUARQUE, 2009, p. 84-85, grifo meu).

Na passagem, Eulálio se refere à babá de sua filha como uma “pretinha que era quase da família”, depois indica, para aludir maior familiaridade, que ela seria irmã de seu “cupincha Balbino”. Isso é controverso, pois, se realmente esse fosse um amigo, ele não viveria da maneira subalternizada, não se pressiona um indivíduo por quem se tem afeto a fazer sexo obrigatoriamente. Tanto Balbino quanto a irmã são explorados e desumanizados pelos Assumpção e a negrura de sua pele, a resignação, a depreciação de seu aspecto físico e sua cultura são um inconveniente para o narrador. Podemos relacionar Balbina à figura da “mãe preta”, do período colonial. Freyre (1933) acentua que:

À figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro “padre-nosso”, a primeira “ave-maria”, o primeiro “vote!” ou “oxente”, que lhe dava na boca o primeiro pirão com carne e molho de ferrugem, ela própria amolegando a comida - outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora. O vulto do moleque companheiro de brinquedo. O do negro velho, contador de histórias. O da mucama. O da cozinheira. Toda uma série de contatos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. Importando em experiências que se realizavam através do escravo ou à sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor (FREYRE, 1998, p. 335-336).

As mães pretas eram um símbolo para as famílias coloniais, entretanto seu status de mulher subjugada não mudara. Ainda que algumas fossem beneficiadas com cartas de alforria entregues por seus senhores, continuavam a viver entre eles; havia, assim, uma falsa atmosfera de liberdade, já que eram elas que educavam os meninos de engenho, algumas até os amamentavam e os ensinavam as primeiras palavras e costumes, a elas eram atribuídas condições de respeitabilidade:

Quanto às mães-pretas, referem às tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a bênção; os escravos tratavam-nas de senhoras; os boleiros andavam com elas de carro. E dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre os brancos de casa, havia de

supô-las senhoras bem-nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala. (FREYRE, 1998, p. 336).

Mas não nos enganemos, o fato de essas figuras terem um lugar de destaque na Casa Grande não as afastou em definitivo da Senzala, nunca fizeram parte verdadeiramente da família e, em algum momento, serão lembrados dessa condição.

Fanon destaca também alguns estereótipos ligados aos corpos negros:

O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!(FANON, 2008, p. 106-107).

Para Fanon, “a evidência estava lá, implacável”, sua negritude “era densa e indiscutível”, atormentava o branco, perseguia-o, perturbava-o, exasperava-o. “Os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos” (FANON, 2008, p. 109). O autor acredita que essas assertivas são inverdades e tinha expectativa de transcender esse imaginário social: “Havia um mito do negro que era preciso, antes de tudo, demolir” (FANON, 2008, p. 109).

A última passagem da narrativa de *Leite Derramado* (2009) que citaremos sobre Balbino talvez seja a mais emblemática e reveladora dentre todas, pois desnuda totalmente o racismo do narrador, que outrora fazia questão de escamotear:

Mais um pouco e enxerguei a **Balbina**, que me olhou assustada, e a Eulalinha, que pegou a chorar. Perguntei por Matilde, Balbina me apontou o chalé, e já do portão se ouvia música. Pensei que fosse um maxixe, mas era o tal do samba que ela deu para ouvir todo dia: jura, jura, jura de coração. A porta de casa estava escancarada, e na sala **deparei com Matilde de maiô, dançando com o preto Balbino. Sim, o preto Balbino, eu não acreditei, mas era ele. Não reagiram ao me ver, os dois continuaram a dançar e a me olhar e a me sorrir como se nada fosse. Balbino vestia uma calça roxa muito justa, sua bunda maior que a da irmã, e ver minha mulher nos braços daquele crioulo foi para mim a pior infâmia.** Ele dançava rebolando a bunda, ela ria que se ria, e o cantor com voz de maricas cantava: daí então dar-te eu irei o beijo puro na catedral do amor. **A cena foi ficando insuportável, os dois não queriam parar com aquela dança nojenta, então dei um pontapé na vitrola de Matilde.** O disco voou, partiu-se em cacos no chão, voaram também o prato e o braço da vitrola. Matilde me olhou atônita, Balbino correu com passos curtos, o telefone vinha tocando havia um tempo, e era Dubosc que me chamava da caserna da Marambaia. (BUARQUE, 2009, p. 115-116).

Movido pelo ciúme da esposa, o narrador assiste à cena desta dançando inocentemente com Balbino, em outra ocasião sua mulher já havia demonstrado afeição pelo empregado da

família. O cenário é uma implosão de ódio, Eulálio não acredita que Matilde esteja dançando justamente com “um crioulo”, a camaradagem da infância e juventude fora deixada de lado, Eulálio via somente um negro. A imagem era “insuportável”, em resposta ao contexto descrito, ele age violentamente.

À primeira vista, o cenário expõe uma mera diversão. Os negros escravizados no passado foram acusados de forma estigmatizadora de promíscuos pela elite patriarcal e pela igreja, certamente motivadas pelo imaginário racista que vimos desenvolvendo, introjetado há séculos no Brasil. Freyre (1933) denuncia que os algozes eram senhores que usurpavam dos negros sua existência.

Não era o negro, portanto, o libertino: mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. Não era a "raça inferior" a fonte de corrupção, mas o abuso de uma raça por outra. Abuso que implicava conformar-se a servil com os apetites da todo-poderosa. E esses apetites estimulados pelo ócio - pela "riqueza adquirida sem trabalho", diz o referido Dr. Bernardino; pela "ociosidade" ou pela "preguiça", diria Vilhena; por conseguinte, pela própria estrutura econômica do regime escravocrata. (FREYRE, 1998, p. 320).

Fanon (1952) propõe um olhar desalienado sobre as estruturas que regem o racismo, para tanto o autor cita a *Fenomenologia do Espírito (1807)*, de Hegel. A partir das ideias sobre “o negro e Hegel”, ele discorrerá sobre o processo de autoconsciência em e para si,

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. Não há luta aberta entre o branco e o negro. Um dia o senhor branco reconheceu sem luta o preto escravo (FANON, 2008, p. 180).

Para Fanon (1952), o negro imerso no processo discriminatório não possui reconhecimento, apesar de desejá-lo, o que está em jogo é o seu “valor e realidade humana”. O autor critica contundentemente Hegel, pois, em uma sociedade herdeira do colonialismo e de práticas racistas, uma “consciência do ser” hegeliano torna-se irrealizável. O senhor subverteu a consciência dos escravizados. O estudioso Deivison Mendes Faustino, em sua tese de doutoramento “*Por que Fanon? Por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil (2015)*” ilustra a assertiva:

As consequências são incontornáveis: enquanto o escravo hegeliano almeja e luta pela liberdade e, mesmo quando dominado, conquista-a a partir do trabalho, o escravo em Fanon, que também quer ser livre, se depara com um mundo onde a brancura é a medida da liberdade, da humanidade e da universalidade. Nesses termos racializados, a negação, implícita à dinâmica

do reconhecimento, adquire um aspecto anômalo, inviabilizando o funcionamento de todo o sistema: fechado em sua coisidade reificada, o negro não busca mais liberdade, mas ser branco. Assim, lamenta Fanon, “não há luta aberta entre o branco e o negro”, pois “o Negro [...] não sustentou a luta por liberdade” (FAUSTINO, 2015, p. 65).

O personagem Balbino Assunção e posteriormente seus familiares fazem parte do contexto descrito por Fanon (1952), uma vez que viveram enclausurados e não houve tempo e muito menos oportunidade para uma possível “tomada de consciência”. A carta de alforria não fora suficiente para que estes verdadeiramente se libertassem do jugo colonialista e de seus processos brutais. Não houve busca pela “consciência de si” e, conseqüentemente, interpretar, refletir, pensar em suas experiências. O processo histórico em que estavam inseridos os impossibilitou, os desumanizou, os dominou e também impôs a eles a perda de sua identidade, a tortura, a violência, o preconceito racial e a banalização de suas vidas.

Mais uma vez, reitera-se o caráter crítico do romance de Chico Buarque que, por meio de seu narrador centenário, expõe estas feridas do corpo social brasileiro, com ressonâncias até o momento presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos apresentados sobre os personagens negros do romance *Leite Derramado* (2009), concluímos que Matilde, Balbino e Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior são seres subalternizados pelo discurso do narrador Eulálio Montenegro d' Assumpção. Compreendemos que a subalternidade é estruturada quando “a conexão entre o desejo e o sujeito é tomada como algo irrelevante” (SPIVAK, 2014, p. 31), ou seja, toda subjetividade: hábitos, sentimentos, opiniões, crenças, valores, experiências e afetividade desses indivíduos enquanto seres humanos são ignorados. O subalterno no romance tem sua voz sufocada, os personagens não são percebidos enquanto consciência representativa de seu grupo e suas identidades são problemáticas. As desigualdades de gênero, de classe e de raça, simbolicamente apresentadas por meio do discurso literário, reverberam questões pertinentes para refletirmos e repensarmos as representações raciais e sociais brasileiras.

Compreendemos que a ação de apresentar os personagens, com seus valores e comportamentos, é uma ação estratégica pensada pelo autor implícito, que desejou desnudar o caráter do protagonista da narrativa como homem branco, heterossexual, herdeiro de uma cultura colonialista, que desfrutou da sua condição de classe dominante e de seus privilégios por toda vida. O personagem falha porque se entrega aos vícios patriarcais, o romance registra suas incapacidades e as facilidades adquiridas por sua posição na sociedade. Para tanto, algumas das habilidades utilizadas pelo autor implícito para despir este narrador serão o uso da ironia e do humor para nos mostrar seu provincianismo, preconceito, racismo e sexismo.

Chico Buarque, enquanto autor empírico indiretamente evoca em *Leite Derramado* o Homem Cordial de Raízes do Brasil e, paralelamente, o senhor de engenho e o sistema escravagista de *Casa Grande & Senzala*.

No que se refere à decisão do narrador em registrar suas memórias, inferimos que essa escrita não é uma operação de humanização transformadora, é um meio de eternizar as glórias familiares dos Assumpção, como receptores dessa interlocução. Temos a possibilidade de diagnosticar literariamente não somente uma família, mas o modelo social que eles simbolizam.

Em relação à memória presente neste trabalho e, conseqüentemente, na narrativa, afirmamos, conforme o exposto na pesquisa, que a sua construção ficcionalmente está articulada à representatividade do personagem Eulálio, idoso e moribundo, como estratégia do autor empírico, e artifício do autor implícito. As duas vozes dialógicas da narrativa usam essa

habilidade para compor o narrador. A rememoração pessoal do personagem é um fio condutor para o conjunto de memórias coletivas que estão conectadas ao seu discurso no romance.

Nesta pesquisa associam-se: memória familiar, memória histórica, memória literária, memória sociológica, memória escravagista e memória espacial. Todas elas colidem em Eulálio e deixam rastros. Em relação a estes “rastros de memória”, que foram ilustrados neste trabalho, todos são importantes, embora alguns se destaquem mais. Há um pacto de leitura historiográfica, antropológica e sociológica, que é relevante para compor o personagem, para representar as elites e as classes sociais. A literatura aciona esses saberes, além de nos oferecer uma visão dos personagens negros que dialogam por meio destes.

Os personagens negros apresentados no romance passaram por todas as dificuldades possíveis num país de grande perversidade estrutural, de muitos privilégios, alguns "protegidos", e eternas injustiças. É preciso salientar que o racismo é um construto social, com bases históricas no colonialismo e no ideal de brancura europeia.

Matilde, enquanto mulher negra teve sua realidade apagada por Eulálio. Ele a reprimiu por meio da dominação sexual, subserviência ao seu poder, seu ciúme e racismo que Eulálio finge não sentir em relação à esposa e a outros sujeitos ficcionais. Mas no romance, as questões raciais estão evidentes. Pierre Bourdieu afirma que “as manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra” (BOURDIEU, 2014, p.35-36). Para o estudioso, se a relação sexual subjuga, é porque foi estruturada por meio de preceitos sociais sexistas “masculino ativo” e “feminino passivo”. Historicamente esse modelo elabora, concebe, revela e conduz o prazer ao “desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada; e o desejo feminino, como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação” (BOURDIEU, 2014, p. 38).

Embora o personagem negro representado por Matilde tenha constituído matrimônio com um homem branco, essa relação inter-racial revela-se problemática na narrativa, dado todo processo histórico que destacamos neste trabalho. Os corpos das mulheres negras foram estigmatizados historicamente, o amor como construção afetiva fora negado a elas. Equivocam-se os que acreditam que a solidão da mulher negra, aqui descrita por meio do personagem, se finde por meio de sua relação afetiva com o narrador Eulálio.

No tocante a esta questão, o dilema é complexo, pois foi constado, em pesquisas aqui exemplificadas, como o trabalho de Edward Telles (2003), que, além, de serem vitimadas pelo

elemento do preterimento nas relações afetivas, essas mulheres estão expostas a um vasto imaginário historicamente estereotipado, que é estabelecido na mente das oprimidas e dos opressores. Essa solidão carrega experiências emocionais desagradáveis, dores, inseguranças e um vasto histórico de rejeição. O relacionamento do personagem Eulálio com Matilde não oferece suporte para alcançar esta linha tênue com profundidade. Como vimos o personagem ao fim da narrativa literalmente desaparece, se sentiu sozinho, diminuído, se desfazendo aos poucos para se acomodar a uma vida que não lhe pertencia, suas dores foram incompreendidas, tolerou o ciúme obsessivo e a objetificação sexual do marido.

Percebemos hierarquizações e discriminações com relação ao personagem Eulálio de Assumpção Palumba Júnior, bisneto negro, do narrador. Como vimos nesta análise, ele não demonstra identificação étnica na narrativa, o discurso circunscrito segrega-o, sua sociabilidade enquanto homem negro fratura-se, em um ambiente no qual não o aceitam plenamente, a moeda de troca é o seu corpo viril, ofertado em um mundo branco. Entretanto, rememorando a estudiosa Consuelo Dores Silva (1995), a cor de sua pele está demarcada com insígnia do estigma, a ausência de uma “consciência de si” o destruiu.

Em referência a Balbino e a seus familiares, as proposições de *Casa Grande & Senzala* sobre a condição dos negros escravizados, são alegoricamente a deles, ainda que libertos. O domínio que a família Assumpção tem sobre eles os deixam invisíveis e, como dominados, naturalizaram o tratamento opressor recebido. No que concerne a isto, Bourdieu (2014) ressalta que as estruturas de poder não são a-históricas, “elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola e Estado” (BOURDIEU, 2014, p. 56).

No que diz respeito à branquitude, o narrador Eulálio é um representante simbólico do ideal de brancura, mesmo que não reconheça ocupar lugar de privilégio enquanto homem branco. Em todas as passagens analisadas, se posiciona com neutralidade quanto ao reconhecimento de seu racismo, seu olhar é amenizador quanto às questões raciais.

A ideia expressa nesta categoria sociológica provém dos discursos que foram desenvolvidos durante a colonização europeia no Brasil e em outras partes do mundo. O modo de ser branco foi socialmente instituído em detrimento das vivências de outros grupos étnicos. Parâmetros dominantes de raça, sexualidade e gênero da Europa tornaram-se padrão. Os brancos não agiram ou agem de forma racista porque são brancos, houve outra razão, como

constatamos na narrativa, destruir a noção de realidade do subalterno, não foram negociações, foram estratégias para idealizar uma falsa democracia racial na ficcionalidade literária e nas relações sociais no Brasil. Em contrapartida, ser negro neste contexto significa limitar-se a um espaço geográfico por imposição, ter seus direitos negados, sofrer exclusão, violências, dentre outros.

Desnaturalizar o olhar para uma educação antirracista em todos os âmbitos políticos, econômicos, socioculturais e estéticos, também é objetivo deste trabalho. Por sua vez, o romance estudado, de modo engenhoso, coloca estas questões e reflete sobre estes processos.

Consideramos relevante esta pesquisa para literatura brasileira, pois, embora os personagens negros representados tenham tido um fim irremediável, esteticamente são humanizados pelas vozes do autor modelo, autor empírico e autor implícito, especialmente Matilde, o romance é atravessado por ela. Para o narrador, metaforicamente, o personagem, Matilde era a personificação do mar: “a respiração de Matilde chamava as ondas, que lhe respondiam com seu espriar. Passar uma noite sem Matilde me parecia tão improvável quanto cessarem todas as ondas sem mais nem menos” (BUARQUE, 2009, p.161). Em quase todos os vinte três capítulos do romance há referências a ela, como uma vingança da memória do velho Eulálio, por sua pequenez, por ter colocado em perda a paixão de sua existência. O trauma da perda da mulher amada, cujo luto não foi levado a cabo, acompanha o percurso do narrador até o fim. O romance termina por ser a melancólica constatação de que o leite encontra-se irremediavelmente derramado, e o nosso narrador termina em completa derrocada moral, econômica e ética, que é sua, mas, sobretudo é a de uma classe social, simbolizada na família Assumpção. Resta-lhe o fim melancólico e solitário de uma morte delirante.

REFERÊNCIAS

Do autor

BUARQUE, Chico. *Estorvo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

BUARQUE, Chico. *Francisco* (Coleção Chico Buarque; v.19). Abril Coleções: São Paulo, 2010.

Sobre o autor

CAMPOS, Ari Silva Mascarenhas de. *A arte de contar histórias: Uma poética da memória em Leite Derramado de Chico Buarque*. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, 2014.

CANABARRO, Tânia Cristina Vargas. *Memória Social em Leite Derramado, de Chico Buarque: Uma alegoria da Formação do Brasil Moderno*. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.

CASTELLO, José. *Vazio que define o mundo*. *O Globo*, 28 mar. 2009.

Deus, Lílian Paula Serra e. *Memória, Identidades e bastardia em As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho, *O outro Pé da Sereia*, de Mia Couto e *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Tese (Doutorado em Letras) – PósGraduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Sou apenas o pai de Chico. *Revista Manchete*. 05 nov. 1966. Entrevista concedida a Roberto Garcia. Disponível em: <<https://goo.gl/hT4Lwk>>. Acesso em: 16 dez. 2012.

MACHADO, Lohanna. *Inspiração Machadiana, Ironias e Ardis Implícitos à narrativa memorialista de Leite Derramado, de Chico Buarque*. Monografia (Bacharelado em Francês–Estudos Literários) – Curso de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

MASSI, Augusto. *Pai rico, filho nobre, neto pobre*. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 mar. 2009.

PERES, Ana Maria Clark. *Chico Buarque: recortes e passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O leite derramado de Matilde*. 2009. *Trópico* (on-line). Disponível em: <ttp://uol.com.br/tropicos/html/textos/3077>. Acesso em:

SFOGIA, Leocir Antonio. *Leite Derramado – Aspectos da Configuração Estética da Memória e do Narrador*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, 2013.

SILVA, Carla Ranzani Magatti da. *Memória, Mito e Utopia em Leite Derramado, de Chico Buarque*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, Michele A. Selau da. *Marcas e fragmentos identitários, a representação do sujeito contemporâneo em Estorvo e Leite Derramado de Chico Buarque*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Brincalhão, mas não ingênuo. Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 mar. 2009.

SOUZA, Margarida Maria Alacoque Chaves de. *Catando a poesia derramada no chão: constelações femininas na obra de Chico Buarque*. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Pós-graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. *O tempo da delicadeza perdida: Chico, Sérgio e as Raízes do Homem Cordial*. In: MARRAS, Stelio (Org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: EDUSP, 2012.

Entrevista

BUARQUE, Chico. *Chico Buarque: a primeira entrevista sobre o romance Leite derramado*. Rio de Janeiro: Blogues. 18 jul. 2009b. Entrevista concedida a Isabel Coutinho. Disponível em: <https://goo.gl/g7t7OC>> Acesso em: 25 nov. 2016.

Geral

ACHUGAR, Hugo. O lugar da memória. A propósito de monumentos (motivos e parênteses). In: ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. De Lyslei Nascimento, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 167-183.

- ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.
- ALVES, Antonio de Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.
- AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. 51. ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.79, p. 95-111, dez.2007. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicações/rccs/artigos/79/RCCS79-095-111-MPNascimento-MSepulveda.pdf>>. Acesso em 08 jul.2009.
- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1992.
- ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Guarnier, 1995.
- ASSIS, MACHADO. *Papéis Avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ASSIS, Machado. *Quincas Borba*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Paulus, 2002.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Ática, 1988.
- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice – I A Realidade Incômoda*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice – II As Relações com o Mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da História*. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234.
- BOOTH, Wayne. *A retórica da ficção*. Tradução Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BRISOLARA, Valéria Silveira. *A memória é um lugar em que o tempo derrama: uma análise de Leite Derramado de Chico Buarque*. *Revista Graphos*, v. 15, n. 2, 2013.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo: DCL, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Livros que inventaram o Brasil*. Aula Magna do Instituto Rio Branco em 08 mar. 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, 3, 1993.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. SP: Beca, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea, um território contestado*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DEGLER, Carl N. *Neither Black nor White: Slavery and Race Relations in Brasil and the Unites States*. Madison, WI: University of Wisconsin, 1986.

DIJK, Teun A. Van. *Discurso e Poder*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Falas do Outro – Literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares Fonseca (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Campanhia das Letras, 1994.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, DeivisonMendes. “Por que Fanon? Por que agora?: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia) – Pós-graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.50, Jan./Abr. 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil Afro Brasileiro*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GAGLIARDI, Caio. *O problema da autoria na teoria literária: apagamentos, retomadas e revisões*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 285-299, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10526>>.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 6. ed. São Paulo, Ática, 1976.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. *Memórias de Morte e Outras Memórias: Lembranças de Velhos*. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.

KABENGELE, Munanga; Gomes, Nilma Lino. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global, 2006.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. Disponível em: <<https://goo.gl/BZWcua>>. Acesso 25 ago. 2015.

LABORNE, Ana Amélia de Paula Laborne. *Branquitude em foco: análises sobre a construção da identidade branca de intelectuais no Brasil*. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

MONTELLO, Josué. *Os tambores de São Luís*. 5. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

NICODEMO, Thiago Lima. Filho desenvolve a ideia do pai. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_Estsp_thiago.htm>, acesso dia 24 de dez. 2017.

PACHECO, Ana Cláudia Gomes. *“Branca para casar, Mulata para F..., Negra para trabalhar”*: Escolhas afetivas e significados da solidão entre mulheres negras. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2008.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da Memória e do Esquecimento na História. *Letras*, n. 22: “Literatura e Autoritarismo”, Santa Maria/RS, p. 79-95, jan./jun. 1991.

PEREIRA, Edmilson A. GOMES, Núbia P. M. *Ardis da Imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUCMinas, 2001.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Ramos, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUCMINAS, 2004.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelsen de Pesquisas Sociais, 2011.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SAPEDE, Thiago C. Sankofa *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. São Paulo: USP, Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011. ISSN: 1983-6023. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88810/91691>. Acesso dia 12 de julho de 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

SILVA, Consuelo Dores. *Negro qual é o seu nome?*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de SP*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC-SP, 2008.

SOUZA, Maria Luiza Rodrigues. *Cinema e Memória da ditadura*. *Sociedade e Cultura*, v.11, n. 1, p. 50-60, jan./jun. 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/4kWKbH> >. Acesso em: 08: jul. 2009.

SOUZA, Neusa dos Santos. *Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio De Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Edward Eric. *Racismo à Brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VIANNA, Hermano. Equilíbrio de Antagonismos. *Folha de São Paulo*, 12 mar. 2000.

WARE, Vron (Org.). *Branquidade: Branquidade: identidade branca e multiculturalismo - identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. Resenha de: LIRA, Ramayana. *Ilha do desterro*. Florianópolis, n. 48, p. 234-238, jan./ jun. 2005.

WARE, Vron (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.